O «TIO SAM» NO MÉDIO ORIENTE — ARTIGO DE ATTICUS (PÁG. CENTRAL)

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 22 DE OUTUBRO DE 1970 N.º 17 183 ANO 50.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS

MARY QUANT anuncia uma «nova era», com as suas últimas criações, entre as quais se contam calções como trajo para a cidade, na sucessão da mini-saia. (Ler na página 25)

OFENSIVA DO MUNICÍPIO DE LISBOA

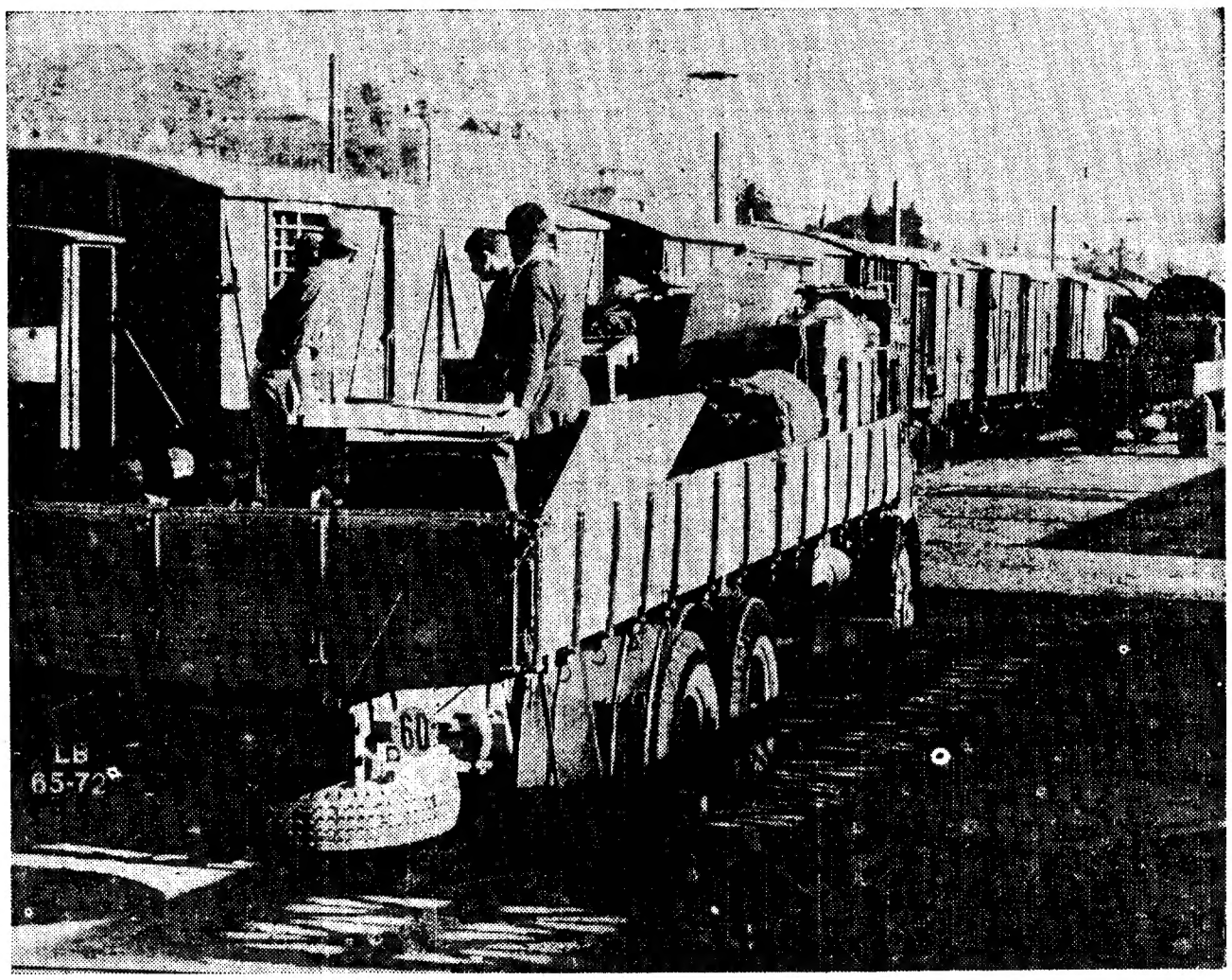
FIM DO NEGÓCIO DAS BARRACAS

O negócio de aluguer e venda de barracas na cidade de Lisboa está a ser contrariado pela Polícia Municipal, que já conseguiu detectar alguns dos respectivos «canais» — afirmou, esta manhã, na sessão mensal da Câmara o presidente do Município, eng.º Santos e Castro.

«Grande parte das propriedades rústicas municipais, embora arrendadas para fins agrícolas, encontravam-se pejadas de barracas em falso regime de subarrendamento a 300 e mais escudos por barraca e, assim, havia quem pagando á Camara alguns centos de escudos, auferia dos terrenos municipais, rendimentos mensais de muitos contos de reis» — disse o eng.º Santos e Castro.

«Pacientemente, nos ultimos meses, tem vindo a Camara a desmontar este negócio. Sistemáticamente desfa-

(Continua na 8.ª página)



ESTRANHA MENSAGEM DOS ASSASSINOS DA FAMÍLIA OHTA

SANTA CRUZ (Califórnia) — (R.) — Uma estranha nota deixada pelos assassinos da familia Ohta na secretária no seu quarto parece ter levantado uma ponta do mistério acerca do móbil do crime, revelou hoje um investigador do gabinete do xerife.

Na mensagem os assassinos dão a entender que pretendem libertar a terra de indivíduos que a possam conspurcar. O texto era o seguinte:

«Eu e os meus camaradas combateremos a partir de hoje até á morte contra tudo ou todos que não apoiem a vida natural neste planeta. Morrerá o materialismo ou toda a humanidade».

A nota era assinada pelo

(Continua na 24.ª página)

Equiparados aos das Universidades portuguesas quarenta e um doutorados no estrangeiro

Acaba de ser concedida, por despacho do ministro da Educação Nacional, equiparação aos doutoramentos por Universidades portuguesas de 41 doutoramentos por Universidades estrangeiras — mas ainda só aos que se efectuaram em universidades estrangeiras «préviamente escolhidas» pelas portuguesas. Não é ainda, assim, publicada uma lista tão completa quanto se desejaria de todas as Universidades a cujos doutoramentos é reconhecida a que é a equiparação. O decreto que veio permitir as equiparações é já de Março do ano corrente, e como se infere do próprio despacho ministerial — e aliás já se sabia nos círculos bem informados ligados á educação e ao ensino superior — o atraso na publicação da lista bem assim como o facto desta ser incompleta, deve-se á falta de colaboração, para não usar expressão mais forte e apropriada, de muitos Conselhos Escolares.

É do seguinte teor o despacho do prof. Veiga Simão, exarado com data de ontem:

«1. O Decreto n.º 118/70, de 19 de Março, veio permitir que o doutoramento obtido em Universidades ou Institutos de Investigação Científica estrangeiros pudesse ser equiparado ao doutoramento pelas Universidades portuguesas.

De acordo com o artigo 2.º do referido decreto, a Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes solicitou ás Faculdades e Escolas Universitárias a indicação das Universidades ou Institutos de Investigação Científica estrangeiros cujo doutoramento entendessem dever ser desde já equiparado aos das Universidades portuguesas.

Algumas Faculdades e Escolas enviaram as indicações solicitadas; outras, pronunciaram-se no sentido de se aplicar sempre o disposto no art. 4.º do referido decreto

(Continua na ultima página)

DOIS MEMBROS DO GOVERNO INAUGURARAM UMA FÁBRICA EM AVELAR

(Ler na pág. 13)

UM COMBOIO CHAMADO CIRCO

Doze vagões da C. P. (ao serviço de Moscovo...) trouxeram, esta madrugada, um elenco circense de quatro patas: ursos, camelos, cavalos, etc. Vinte toneladas de material foram desembarcadas em Santa Apolónia e carregadas em camionetas para o Coliseu dos Recreios. Foi de manhãzinha — e os artistas dormiam (quentinhos) no Ritz. (Ler notícia na página 8)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS — LER NA 2.ª PÁG.

HOJE 36 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

O DOMÍNIO PÚBLICO HÍDRICO VAI SER ALTERADO POR DECRETO-LEI

O aumento de cinco para 10 metros da largura do domínio público nas margens das águas não navegáveis nem flutuáveis e a definição de zonas terrestres adjacentes a todas as águas constituem a alteração e a inovação mais importantes estabelecidas num projecto de decreto-lei sobre domínio público hídrico do Continente e Ilhas Adjacentes, enviado pelo Governo à Câmara Corporativa.

O novo diploma não visa, porém, regular o regime das águas públicas, pois pretende estabelecer apenas o regime dos terrenos públicos conexos com tais águas, isto é, os leitos, as margens e as zonas adjacentes.

Diz-se no preâmbulo do decreto-lei:

«Quanto aos leitos e ás margens foram acolhidas as soluções tradicionais, embora se tenha aproveitado a ocasião para resolver alguns problemas suscitados perante fórmulas menos explícitas, para eliminar certas lacunas de regulamentação em pontos reputados importantes, e, ainda, para aumentar de 5 para 10 metros, por motivos superiosos de interesse público e também, para defesa dos proprietários confinantes, a largura da margem das águas do navegáveis nem flutuáveis.

Mas o que mais importa sublinhar é a fixação, em 50 metros, da largura da margem das águas do mar e das águas navegáveis ou flutuáveis sujeitas á jurisdição das autoridades marítimas. Resolveu-se, assim, eliminar as dúvidas de interpretação que as disposições até agora vigentes consentiam, acolhendo a solução que melhor salvaguarda os interesses do Estado e que corresponde, aliás, ao entendimento que sempre tem sido sustentado pela nossa administração dominial.

Quanto ás zonas adjacentes, trata-se de uma figura nova, caracterizada pela sujeição a determinadas restrições de utilidade pública dos terrenos situados para além das margens, mas em posição tal que tenham de ser considerados como terrenos ameaçados pelo mar ou como terrenos ameaçados pelas cheias (dos rios). Pensa-se que, assim, pelo «contrôle» das edificações a erguer em tais zonas confiado aos serviços hidráulicos, tecnicamente apetrechados para o efeito, será possível actuar de modo mais eficaz na prevenção de graves acidentes como os que têm vitimado, por motivo do avanço das águas do mar ou de cheias extraordinárias dos rios, os habitantes de zonas ameaçadas que aí construiram as suas casas sem que o Estado pudesse legalmente intervir, para os defender contra a sua própria imprevidência.»

Outra alteração introduzida pelo presente diploma: o reconhecimento da propriedade privada sobre parcelas de leitos ou margens publicas dependerá da produção de prova de propriedade ou posse privadas anteriores a 1892, e não 1864, como até agora.

Institui-se também pela primeira vez, em termos genéricos, um conjunto de providências, tendentes a permitir ao Estado fazer ingressar no seu domínio publico as parcelas privadas dos leitos ou margens publicos

Concessão, em vez de autorização a título precário

O referido preambulo acrescenta:

«Quanto ás restrições de utilidade publica impostas aos proprietários confinantes com as margens das águas do mar ou dos rios, importa salientar a já mencionada inovação das zonas adjacentes. O respectivo regime consiste fundamentalmente em assegurar, aí, a intervenção dos serviços hidráulicos no planeamento urbanístico ou no licenciamento da edificação, de modo a que possam ser tomados em conta os perigos emergentes da proximidade das águas e da probabilidade da sua acção devastadora. Este regime só é aplicável, todavia, nas zonas que sejam classificadas como ameaçadas pelo mar ou pelas cheias por decreto do ministro das Obras Publicas, depois de ouvidas, conforme os casos, as demais entidades interessadas, designadamente o Ministério da Marinha e a Secretaria de Estado da Informação e Turismo.»

Por ultimo, o diploma substitui o regime precário em que os particulares efectuavam, até aqui, os seus investimentos, desde que se trate de iniciativas de utilidade publica, nos terrenos do domínio publico hídrico. Esse regime, em tal caso, será substituído pelo regime da concessão, *«o qual acarreta nomeadamente, em caso de rescisão, o dever de indemnizar o custo das obras e das instalações fixas que ainda não possa estar amortizado, sempre que se trate de usos privativos que exijam a realização de investimentos em instalações indesmontáveis.»*

- **Aumentada de 5 para 10 metros a largura da margem das águas não navegáveis nem flutuáveis.**
- **Fixada em 50 metros a largura da margem das águas do mar e das águas navegáveis ou flutuáveis sujeitas à jurisdição das autoridades marítimas.**
- **Definidas as «zonas adjacentes» (ameaçadas pelo mar ou pelas cheias), sujeitas a determinadas restrições.**

Programa carregado para a escritora brasileira Lygia Fagundes Telles

A romancista e contista brasileira Lygia Fagundes Telles («Ciranda de pedra», «Histórias de desencontro»), que era esperada em Lisboa dentro de dias, antecipou a viagem e já se encontra entre nós. Domicílio: um hotel da zona do Parque Eduardo VII.

LYGIA FAGUNDES TELES

Lygia, que veio com o marido (crítico cinematográfico de nomeada), assistirá ao lançamento de uma nova obra «O baile verde» em edição dos Livros do Brasil. Lançamento que começa depois de amanhã no Porto, onde os L. B. têm uma sucursal e se prolonga por outras cidades

Lisboa assistirá a uma tarde de autógrafos (dia 29, ás 18 horas na Livraria Portugal) e a duas conferências, respectivamente no Liceu Francês e no I.A.D.E. (Rua do Alecrim 70). Esta ultima está marcada para as 21 e 30 do dia 30, sendo a escritora apresentada pela dr.ª Maria Lucia Lepecki, ex-professora de Literatura em Belo Horizonte e hoje assistente de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras de Lisboa.

Lygia não descansa. Há ainda um jantar volante no Elos Clube e um «cocktail» no Grémio Literário (dia 28, ás 18 e 30), e vários outros programas a cumprir se houver tempo.

UM RÉGULO DO NIASSA APRESENTOU-SE ÀS AUTORIDADES PORTUGUESAS

LOURENÇO MARQUES, 21 — (L. e ANI) — Um régulo de grande prestígio repudiou a subversão e apresentou-se ás autoridades — faz saber um comunicado da Repartição de Gabinete do Governo-Geral de Moçambique, que é do seguinte teor:

«Às autoridades de Vila Cabral apresentou-se Manuel Mussa Catur, régulo do Catur, que em 1966 havia fugido para o Malawi, acolhendo-se á protecção de seu tio, o régulo do Katur malawiano em consequência das pressões exercidas pelos terroristas que por essa altura semeavam a perturbação naquela área.

Procurando explorar o seu ascendente sobre as populações do importante regulado, a Frelimo coagiu-o a participar no 2.º Congresso do Partido, em Julho de 1968, como delegado da «provincia» do Niassa, nomeando-o então membro do Comité Central. Apesar das insistencias para que fixasse residência na Tanzânia, o régulo de Catur regressou a Malawi para junto do seu povo, o qual, sujeito a condições de vida extremamente difíceis e descrente das promessas da Frelimo, adoptara já o movimento de apresentação que se tem vindo a verificar até ao presente.

O agravamento da precária situação das populações ainda deslocadas nos territórios estrangeiros vizinhos, vítimas das constantes prepotências dos homens da Frelimo, e o conhecimento das condições de trabalho pacífico e de progresso desfrutadas por aqueles que se mantiveram ou voltaram já ás suas terras em Moçambique, levaram agora o régulo a regressar também, esperando deste modo contribuir para o retorno ao bem-estar das gentes do Catur.

A apresentação do régulo foi recebida pelas populações dos vários aldeamentos do Catur com grandes manifestações de regozijo e de respeito, que bem traduzem o seu elevado prestígio.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Atentado em Santiago do Chile: O comandante supremo do Exército ferido à bala por desconhecidos

SANTIAGO DO CHILE, 22 — (F. P. e R.) — O general René Schneider, comandante-chefe do Exército chileno, vítima de um atentado perpetrado hoje de manhã por desconhecidos, foi operado de urgência no Hospital Militar de Santiago. O general, atingido por uma bala no pescoço, encontra-se em estado muito grave.

O presidente da República, Eduardo Frei, assim como os ministros da Defesa e do Interior, respectivamente, Sérgio Osea Pretot e Patrício Rojas, estiveram no Hospital Militar para se informarem do estado de saúde do ferido.

Este atentado contra o comandante do Exército veio aumentar subitamente a tensão no Chile apenas dois dias antes de o Congresso se reunir para eleger o novo presidente, estando dada como certa a escolha do esquerdista Salvador Allende, que obteve nas eleições presidenciais mais votos do que o candidato das direitas, Jorge Alessandri.

Até agora a eleição presidencial parecia que ia decorrer sem problemas, uma vez que os democratas-cristãos anunciaram a sua intenção de votar pelo candidato marxista e o próprio Alessandri ordenou aos seus partidários que se abstivessem de votar.

As autoridades não comentaram ainda o atentado contra o general Schneider, mas os observadores políticos pensam que ele contribuirá para alarmar os círculos conservadores, que receiam a subida ao poder da Frente Popular chefiada por Allende, a qual inclui socialistas e comunistas.

TRÊS CARROS

Entretanto as autoridades contra o general Schneider foi feito por hoenm armados, em três automóveis que se colocaram á frente do seu carro obrigando-o a parar na Avenida Américo Vespuci.

Os assaltantes correram para o carro do general e, depois de partirem os vidros à coronhada, abriram fogo, atingindo-o com duas balas no corpo.

Os médicos do Hospital Militar pediram urgentemente dadores de sangue e disseram que o estado do ferido é grave.

Há três dias a Polícia prendeu um antigo major do Exército, e campeão de tiro, que é acusado de projectar assassinar Salvador Allende. O ex-major, Arturo Marshall, foi capturado na segunda-feira depois de um cerco de oito horas à sua residência que terminou quando a Polícia o obrigou a render-se com gases lacrimogéneos.

Allende tem afirmado publicamente, por mais de uma vez, que elementos das direitas pretendem assassiná-lo.

É grave o estado do general Schneider

GEISMAR: 18 MESES DE PRISÃO

PARIS, 22 — (R.) — O dirigente maoísta francês Alain Geismar foi hoje condenado a 18 meses de prisão por ter «incitado os seus partidários a actos de violência contra a Polícia». Fortes destacamentos de segurança cercavam hoje o tribunal e patrulhavam as ruas vizinhas do Bairro Latino quando a sentença foi lida.

Necrologia

FALECIMENTOS

Eng.º Albano do Carmo Rodrigues Sarmento

Na sua residência no Porto faleceu o eng.º Albano do Carmo Rodrigues Sarmento, de 81 anos, natural de São Jorge (Açores), antigo subsecretário de Estado do Comércio e Industria.

Licenciado em Filosofia por Coimbra e com o curso de Engenharia tirado em Gand (Bélgica), foi assistente de Física na Universidade do Porto, interrompendo a docência para partir, como oficial de Engenharia, para França, integrado no C. E. P.

Director, de 1935 a 1941, dos portos de Sotavento do Algarve, presidiu á comissão distrital de Faro da U. N. Em 1942, assumiu a presidência da Camara Municipal do Porto, que deixou em 1944 para ir exercer, até 1946, o cargo de subsecretário de Estado do Comércio e Industria. O eng.º Rodrigues Sarmento foi, também, presidente da Delegação do Porto da Ordem dos Engenheiros, delegado do Governo junto da Hidroeléctrica do Cávado e director dos Serviços Municipalizados de Aguas e Saneamento do Porto, durante 18 anos.

Autor de importante bibliografia sobre problemas hidrográficos participau em diversos congressos científicos internacionais. Era grande oficial da Ordem Militar de Cristo.

O eng.º Rodrigues Sarmento deixa viuva a sr.ª D. Amélia Avides Espírito Santo Sarmento.

O funeral realiza-se amanhã, a hora a determinar.

SUFRAGIOS

D. Maria da Conceição Maia da Costa de Andrade

Mandada celebrar por seu marido e filhas reza-se amanhã, pelas 12 e 30, na capela do Externa o do Parque (na Rua Artilharia Um), missa do 4.º aniversário por alma de Maria da Conceição Maia da Costa de Andrade.

AUMENTA O ISOLAMENTO DO REGIME DE SAIGÃO

O presidente Thieu condenou pùblicamente as declarações feitas em Paris por Ngo Cong Duc: «Existem — disse ele — na Assembleia Nacional personalidades que usam uma linguagem quase igual à dos agressores comunistas. Esses homens, que traem o povo e os sacrifícios do Exército, devem ser punidos. «O chefe de Estado requereu à Câmara dos Deputados que examinasse o caso de Duc, o qual já regressou a Saigão. Ao que parece, Thieu pretendia que fosse levantada a imunidade parlamentar de Duc.

Por JACQUES DECORNOY

(Exclusivo «Le Monde» - «Diário de Lisboa»)

Um certo número de personalidades entre as quais Vu Van Mau, chefe da lista budista recentemente eleita para o Senado, tomaram já a defesa de Duc. Onze organizações francesas (*Christianisme Social, Croissance des Jeunes Nations*, grupos *Têmoignage chrètien*...) enviaram já numerosos telegramas a este respeito. Um deles dirigido ao nuncio apostólico no Vietnam do Sul.

Por outro lado, o senador americano Fullbright declarou-se partidário de uma «nova iniciativa americana para sair do impasse «na conferência de Paris; acrescentou que uma mudança de Governo em Saigão poderia ser «um grande passo no caminho da paz» e convidou o presidente Nixon a «rever a sua atitude a propósito de Thieu e de Ky».

Ousar dizer em voz alta aquilo que se pensa exige para muitos em Saigão, uma coragem certa. Com efeito, existem palavras — por exemplo: «neutralidade», «imperialismo americano», «Frente Nacional de Libertação» — que o poder não quer ouvir, porque encontram grande eco em boa parte da população urbana, causada da guerra, da inflação, da presença americana e da destruição da sociedade tradicional que daí resulta.

Declaração a título pessoal

Ngo Cong Duc, deputado, secretário-geral do bloco socialista na Assembleia, director do quotidiano «Tin Sang» (apreendido já umas 80 vezes), propôs, no dia 15 do mês passado e antes de efectuar uma curta estadia em Paris, uma solução para o conflito do Vietnam, solução essa, que depois iria especificar na capital francesa. Propunha ele a partida das tropas americanas e a formação, no Vietnam do Sul, de um Governo provisório que ficasse encarregado de restabelecer a paz. Esta declaração foi feita a título pessoal Contudo, o deputado tinha anteriormente consultado representantes das forças hostis à política do presidente Thieu

As reacções foram tanto mais numerosas e interessantes quanto é certo que, daí a dias, a sr.ª Binh voltava a suscitar as discussões sobre o Vietnam, ao apresentar os seus «oito pontos» reproduzidos integralmente «à uma» pelos vários jornais de Saigão e comentados por toda a Imprensa. Alguns políticos não esconderam a sua cólera. Um deles reclamou a morte de Duc. Para apoiar as suas palavras, deu um tiro de pistola em plena reunião do Conselho da Província de Saigão-Gia-Dinh. Os comentaristas dos jornais, conhecidos pela sua hostilidade a toda a fórmula de compromisso sublinham o carácter «anticonstitucional» das propostas do deputado e afirmam que a formação de um Governo provisório aceitável para as duas partes faria o jogo dos comunistas.

Estas reacções hostis e tradicionais apresentam, no entanto, menos interesse que os apoios recebidos por Ngo Cong Duc. Um grupo de professores universitários e de representantes do jornal «Tin Sang» fez uma visita ao venerável Thien Hoa. O hierarca declarou-se favorável a uma solução global e entendeu que o plano do deputado «*comportava numerosos pontos positivos*».

Só há uma solução

O vice-presidente da Igreja budista tinha feito saber, na véspera, que a acção de jovens deputados tais como Ngo Cong Duc, Duong Van Ba e Ly Quy Chung correspondia às expectativas de toda a população. No mesmo dia, o general Duong Van Minh, a personalidade mais célebre da oposição, declarava ao jornal «Tin Sang»: «É a única via para a paz, se é que se quer a paz». O general evocou então a organização das futuras.

«Numerosos pontos razoáveis»

Tran Ngoc Lieng, fundador das Forças Nacionais progressistas, aprovou as declarações de Duc. Um deputado, Ho Ngoc Nhuan, disse que eram «o resultado das iniciativas de numerosas personalidades e numerosos meios». Outro eleito, Duong Van Ba, afirmou que a delegação sul-vietnamita à conferência de Paris representava apenas os interesses de uma minoria e não poderia falar em nome da população sul-vietnamita. Como se sabe, esta ideia foi retomada em Paris por Duc, quando este pediu que uma delegação representasse na conferência da Avenida Kebler «os grupos e as forças políticas e religiosas em luta pela paz, pela independência, pela democracia, pela liberdade e pela reconciliação nacional».

O deputado da oposição citava, pela mesma altura, os movimentos que lhe pareceu lutar mais vigorosamente em prol da paz: o movimento budista, os estudantes, os inválidos de guerra e o Comité de Acção Feminina para a Defesa dos Direitos à Vida, cuja presidente, sr.ª Ngo Ba Tanh, declarou recentemente: «Os fautores da guerra do Vietnam são os americanos» Duck (que entregou recentemente um importante memorando ao pai) não citou, entre as forças da paz a Igreja Católica. Monsenhor Huynh Thanh Kham, bispo coadjutor de Saigão, declarou, na verdade, que o plano de Duc contém «numerosos pontos razoáveis», mas globalmente os católicos — sobretudo, os «refugiados» do Norte — situam-se no campo dos «puros».

Parecem cada vez mais isolados no Vietnam do Sul, onde Ngo Cong Duc fala em nome da maioria da população urbana. A vietnamização da guerra não passa do prolongamento da guerra americana.»

O fim de um período

Homens como Duc não teriam feito afirmações destas há dois ou três anos. Mas, confrontados com as realidades das províncias que os elegeram, em contacto permanente com o povo das cidades, evoluíram e ousam apresentar hoje uma análise que o G. P. R. não pode rejeitar. A sr.ª Binh falou de contactos entre a Frente e a oposição de Saigão (e até com personalidades da Administração). Esta relativa convergência, esta multiplicação de declarações hostis ao presidente Thieu e à política americana não resultam, no entanto, de um plano concertado: marcam o fim de uma período durante o qual numerosos sul-vietnamitas não comunistas acabaram por concluir que Nixon queria prolongar a guerra para a ganhar. Assim poderá estar a iniciar-se uma nova fase, durante a qual (no dizer de uma personalidade de Saigão que pretende manter o anonimato) «poderão surgir levantamentos em massa nas cidades».

NO MAR DA CHINA

BATALHA DIPLOMÁTICA PELA EXPLORAÇÃO PETROLÍFERA

Por SELIG BARRISON

Uma batalha diplomática (que durante muitos meses permaneceu em estado latente) lavra agora com renascido vigor entre o Japão, Coreia do Sul e Formosa. Pomo de discórdia: os direitos de exploração petrolífera no Mar da China.

Sob a pressão de oito companhias petrolíferas rivais, estes três países estão apressadamente a repartir entre si concessões e contra-concessões no interior de uma zona de 500 000 Km2 onde se contêm jazidas submarinas de petróleo que se contam entre as mais importantes do mundo.

A China Comunista tem-se mantido em silêncio até agora, mas certos diplomatas ocidentais fazem notar que a maioria das zonas em disputa se estende pela plataforma continental chinesa, e receiam que mais tarde ou mais cedo, Pequim venha, por sua vez, a reclamar os seus direitos sobre estas zonas de exploração.

Os japoneses sentem-se feridos com a recente decisão da Coreia do Sul e da Formosa (as quais concordaram em fazer concessões a companhias americanas, antes de poderem começar as negociações reclamadas por Tóquio Mas, por sua vez, Seul e Taipé disputam entre si os direitos de concessão de um outro sector.

O embaixador do Japão em Seul protestou junto do Ministério Sul-coreano dos Negócios Estrangeiros, depois de este ter feito uma concessão ao americano Wendell Phillips, numa zona inteiramente talhada numa área de exploração japonesa.

Na mesma altura, o embaixador japonês na Formosa, reafirmava — depois de consultas com Tóquio — os direitos do Japão sobre as Ilhas Senkaku, no norte da Formosa, e anunciava que o seu Governo ia empreender a exploração das jazidas submarinas ao largo dessas ilhas, apesar de Taipé ter decidido fazer concessões às companhias Pacific Gulf, American Oil e Clinton International.

Administradas pelos E.U.A. depois da segunda Guerra Mundial, estas ilhas serão restituidas ao Japão — anunciou Washington — com o resto das Ryukyu, no centro das quais se encontra Okinava.

Vedetas das autoridades de Ryukyu, «agindo com o assentimento dos E.U.A.», proibiram há duas semanas e depois de uma série de incidentes que os barcos de pesca japoneses frequentassem a zona das ilhas Senkaku.

A actual corrida ao petróleo submarino do Pacífico data das explorações geológicas empreendidas entre 1968 e 1969, pela Comissão económica para a Ásia e por equipas japonesas. Estes dois estudos concluíram pela presença provável de jazidas no Leste do Mar da China. Segundo os especialistas japoneses, as reservas poderiam atingir 15 milhões de toneladas só no sector das ilhas Senkaku.

A princípio, as companhias petrolíferas ocidentais mostraram-se reticentes, sublinhando que essas jazidas deviam encontrar-se, em certos casos, a mais de 230 metros de profundidade, ou seja, a uma profundidade claramente superior á das perfurações actualmente tentadas no México.

Depois, de um dia para o outro, a Pacific Gulf, Clinton e Amoco — logo seguidas pelas outras grandes companhias — obtiveram as suas concessões.

(Exclusivo «The Washington Post» - «D. L.»

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

AMANHÃ
ÀS 21.30 (MAIORES 12 ANOS) NO
COLISEU
PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL
1.ª COMPANHIA OFICIAL DE CIRCO DO ESTADO SOVIÉTICO (U. R. S. S.)

CIRCO DE MOSCOVO
O MAIS FABULOSO ESPECTÁCULO DE TODOS OS TEMPOS
TODAS AS NOITES ÀS 21.30
TARDES às 5.as, sábados e domingos, com entrada gratuita às crianças dos 6 aos 10 anos.
Aos sábados à noite podem assistir crianças a partir dos 6 anos.

FRIGORÍFICOS
DAS MELHORES MARCAS
DESDE

145 LITROS	2.100$00
175 LITROS	2.800$00
200 LITROS	3.500$00
240 LITROS	3.900$00
220 LITROS (2 portas)	4.900$00
300 LITROS	6.650$00
350 LITROS	8.400$00

COM 5 ANOS DE GARANTIA
...E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS
JOVICA
LISBOA — Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telef. 47769
Largo de D. Estefânia, 12-D — Telef. 534536
CACÉM — CASCAIS — SINTRA — VENDA NOVA

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

JEAN PAUL CARA'

THE KIMS
ORIGINAIS FANTASISTAS

LÍDIA RIBEIRO
com RAUL SILVA e ANTÓNIO LUÍS GOMES

VIOLETTE'S AMERICAN SHOW

JIRINA'S COMBO • FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

GILDA PEARL
SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H.
MAIORES DE 17 ANOS

NO WONDER BAR Á 1.00 H. MAIORES DE 21 ANOS

NO CINEMA, às 17 e 21.30 horas (M/ 12 anos)
SUBTERFÚGIO

MOTIVOS DE ORDEM COMERCIAL PODEM LEVAR PAULA RIBAS À FINAL DO FESTIVAL DO RIO

RIO DE JANEIRO, 22 *(do nosso enviado especial Neves de Sousa)* — Paula Ribas actua esta noite no Festival da Canção do Rio, que assim inicia a sua fase internacional. Admite-se, por motivos puramente comerciais, que a cançonetista portuguesa chegue á final, e o mesmo poderá acontecer com os representantes da Itália, Espanha e Argentina, dado o peso das respectivas colónias.

Mas os favoritos não fazem parte deste grupo. Brasil (Tony Tornado) e Bélgica (Wallace Collection) é que têm a cotação mais alta, seguidos da Inglaterra, U. S. A., França, Israel e Japão.

Ontem, no último ensaio oficial, Paula Ribas agradou á orquestra. Hoje á noite, segundo apurámos, levará um vestido de tom claro, transparente, o que talvez lhe permita marca pontos adicionais.

Amália vem

Afinal Amália Rodrigues sempre vem. É pelo menos o que diz Augusto Marzagão, responsável n.º 1 deste quinto F. I. C., que está na posse de um telegrama da fadista. Recorda-se que Amália faz parte do júri — mas como só chega amanhã não poderá ouvir, logo de uma assentada, vinte canções.

— *Que vem a vossa fadista cá fazer?* — perguntam os meus colegas brasileiros da Imprensa.

Os comentários são, na generalidade, jocosos...

Enfim, uma novidade: Little Tony, que deveria representar o Mónaco, abandonou o Rio e o seu festival. Ficam 35 concorrentes em prova.

«JAZZ» NO CENTRO AMERICANO

Sob a rubrica «The sound of Jazz», o Centro Cultural Americano, Avenida Duque de Loulé, 22-B, apresenta, hoje, ás 18 e 30, o seguinte programa: «Jazz Odyssey: Harlem (1925-45)». A entrada é livre.

MELODIA PORTUGUESA EM TÓQUIO

«Onde vais, rio que eu canto?», de Nóbrega e Sousa e J. P. Gonçalves, é uma das melodias seleccionadas pela Yamaha Music Foundation para o próximo Festival Internacional de Música Popular de Tóquio, que se realizará na capital japonesa de 20 a 22 de Novembro.

Está assente que o compositor (Nóbrega e Sousa) e o intérprete original (Sérgio Borges) se desloquem por tal motivo ao Japão.

«HOLLYWOOD, GLÓRIA E DECADÊNCIA»

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes, integrado no ciclo «Hollywood, Glória e Decadência», efectua-se, amanhã, às 21 e 30, a passagem de um filme de 8 mm subordinado ao tema «Assim nasceu Hollywood». Trata-se de uma película com sequências e curtas-metragens (algumas inéditas) desde 1894 até ao advento do cinema sonoro. A sessão é por convites.

O PÚBLICO CONSAGROU ONTEM A COMPANHIA DO

Teatro Maria Matos TELEF. 717017

PELO CLAMOROSO ÊXITO ALCANÇADO
I FESTIVAL INTERNACIONAL DE MADRID
aproveite as
2 ÚLTIMAS SEMANAS
PARA APLAUDIR O MOMENTO MAIS ALTO DO TEATRO PORTUGUES
a divertidíssima sátira

A RELÍQUIA
de EÇA DE QUEIROZ

O triunfo de uma equipa
(por ordem de entrada em cena)

Mário Pereira ✲ José de Carvalho ✲ José Leitão ✲ Elvira Velez ✲ Costa Ferreira ✲ Emílio Correia ✲ Gilberto Gonçalves ✲ Armando Venâncio ✲ Carlos Alegre ✲ Virgílio Marques ✲ Fernando Soares ✲ Madalena Braga ✲ Mário Sargedas ✲ Ladislau Ferreira ✲ Arminda Taveira ✲ Hermínia Tojal ✲ Júlio Cleto ✲ Luís Machado ✲ Adelaide João ✲ Ruy Furtado ✲ Fernanda Montemor ✲ Vasconcelos Viana ✲ Adelaide Susana ✲ Cremilda Gil ✲ Pedro Pinheiro

Teatralização de Artur Ramos e Sttau Monteiro
Cenários e figurinos de João Abel Manta
Cenografia Hernani e Rui Martins
Guarda-roupa, Anahori
Produção de IGREJAS CAEIRO

HOJE, ÀS 21.45 HORAS
PREÇOS POPULARES
com a mesma tabela dos tardes dos Sábados
BALCÃO: 10$00, 15$00 e 30$00
PLATEIA: 30$00 • 50$00
(Maiores de 17 anos)
287.ª Representação

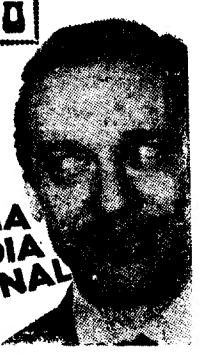
A COLUMBIA FILMES apresenta
INGRID BERGMAN
ANTHONY QUINN
STIRLING SILLIPHANT — uma produção GUY GREEN
ADULTOS

Chuva na Primavera
(A Walk in the Spring Rain)
com FRITZ WEAVER · KATHERINE CRAWFORD
Argumento de Stirling Silliphant • Best. na novela Rachel Maddux • Mus. de Elmer Bernstein • Real. de Guy Green • Prod. de Stirling Silliphant
Color • Panavision
SÃO LUIZ AMANHÃ ESTREIA ALVALADE

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO
ADULTOS

O VISON VOADOR
COM RAUL SOLNADO
MARIA PAULA • FERNANDA BORSATTI • YOLA
MARIA LAURENT • GEORGINA CORDEIRO • MARIA
ARTUR SEMEDO • VASCO DE LIMA COUTO
DAVID SILVA • ROLANDO ALVES

TEATRO CAPITÓLIO 327493
Todas as noites às 21.45
QUASE UM ANO
UMA COMÉDIA SEXACIONAL



ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

CLAUDE LELOUCH

o realizador de "UM HOMEM E UMA MULHER" e "VIVER PARA VIVER", apresenta

JEAN-PAUL BELMONDO
ANNIE GIRARDOT

"UN HOMME QUI ME PLAÎT"

um homem de quem eu gosto

Uma aventura de amor, que dura o tempo duma viagem, vivida por dois adultos.

HOJE ÀS 21.30
ESTREIA APAIXONANTE!

RANK FILMES

United Artists
Entertainment from Transamerica Corporation

eastmancolor

PROGRAMAÇÃO RANK
SÃO JORGE

ADULTOS

Um filme aclamado em todo o mundo pela variedade dos seus episódios autênticos

SAFARI AFRICANO

(AFRICAN SAFARI)

com RON E. SHANIN

QUE PRODUZIU E REALIZOU EM TECHNICOLOR

HOJE

ESTREIA NO POLITEAMA

Maiores de 12 anos

Um filme para caçadores

MONUMENTAL

HOJE, ÀS 21.45

CONCURSO DE TEATRO AMADOR ORGANIZADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO COM A COLABORAÇÃO DA F. N. A. T. E DA F. P. C. C. R.

«A FORJA»

Pela Sociedade Antiga Filarmónica Montemorense, de Montemor-O-Novo

(Maiores de 17 anos)

AMANHÃ — «O LUGRE», pelo Grupo Dramático Musical JNP, de Chamusca — (Maiores de 17 anos)

Bilhetes à venda no Teatro, aos preços de 12$00, 10$00, 5$00 e 2$50

TEATRO ABC

ADULTOS

Tel. 366745

TODAS AS NOITES, 2 SESSÕES: ÀS 20.55 E ÀS 23 HORAS

DOMINGOS: «MATINÉES» ÀS 16 HORAS

A FABULOSA SUPER-REVISTA

ALTO LÁ COM ELAS!

O MELHOR ESPECTÁCULO DO ANO

produção de JOSÉ MIGUEL

Com os popularíssimos actores CAMILO e IVONE

a plástica sensacional de IO APOLONI

a voz de ouro de TONY DE MATOS

LINDA SILVA

Maria Tavares | CONJUNTO SEM NOME | Nina Flores

Marília Gama • Lina Morgado • Maria do Céu

ORLANDO FERNANDES | VITOR ESPADINHA (no compere)

30 MULHERES EXTRAORDINÁRIAS!

DESCANSO ÀS 4.as-FEIRAS

«BORSALINO»

TÍTULO ORIGINAL — «Borsalino».
REALIZAÇÃO — Jacques Deray, 1969 (França).
ARGUMENTO — Jacques Deray, Jean-Claude Carrière, Claude Santer e Jean Cau.
FOTOGRAFIA — Jean-Jacques Tarbes (Eastmancolor).
MÚSICA — Claude Bolling.
MONTAGEM — Paul Cayatte.
INTÉRPRETES — Alain Delon, Jean-Paul Belmondo, Julien Guiomar, Corinne Marchant, Christian de Tilliere, Françoise Christophe, Mario David, etc.
DISTRIBUIÇÃO EM PORTUGAL — Sonoro Filme.
ESTREIA — Cinema Berna (21-X-1970).

Na linha dos *thrillers* americanos que fizeram época entre os anos 30 e 40, Jacques Deray, o realizador de «A Piscina», reconstituiu Marselha por volta de 1930 e coloca aí dois jovens á conquista de um lugar ao sol no mundo do crime: Siffredi e Capella. «Borsalino» é, assim, uma história de *gansgsters*, contada com base na acção, na voracidade do movimento, na turbulência da luta. Aqui e ali a nostalgia de uma pureza que se perde, a aprendizagem da violência, do seu ofício e hábito, dos limites e precipícios das decisões. História de uma ascensão vertiginosa, «Borsalino» é, também, o retrato totalista de uma trajectória calculada há muito. De meros «rapazes maus» a senhores de Marselha, Capella e Siffredi percorrem os degraus do êxito que passa também pela mais total corrupção. Retrato de uma dupla vitoriosa, «Borsalino» é, ainda, assim, o itinerário de uma amizade com morte e renúncia por meta: «*Vou-me embora*», diz Capella. «*Vou-me embora porque somos dois. É fácil de compreender. Primeiro matámos o Poli... depois o Bailarino e Marello... Não há motivos para que isto pare. Não tarda que só reste um de nós dois. É melhor ir-me embora antes disso, senão ainda acabamos para aí aos tiros um ao outro. Até talvez fosse eu a começar... É assim... Nada podemos fazer contra isso...*»

Jacques Deray pôs particular cuidado na reconstituição de uma época, de uma Marselha no auge dos anos longos onde tudo era permitido, desde os tráficos de todo o género até aos assaltos à luz do dia. Marselha era então cidade aberta, cidade onde o *gangsterismo* imperava, dominando um bairro e, mais do que isso, dominando a municipalidade. O ambiente de «Borsalino» é, pois, um documento de uma época ainda que por demais superficial e exterior. Decorativo. Mesmo assim, algo fica desses anos: um certo clima que ultrapassa a pintura de fachada e faz da obra de Deray um película curiosa, uma «homenagem» não totalmente conseguida, mas simpática. Um grande número de anotações de carácter social não deixa de merecer referência especial, pela ironia das observações e pela justeza da crítica.

Alain Delon (que produziu o filme) e Jean-Paul Belmondo limitam-se a ser eles mesmos. A força da sua presença quase chega a convencer por completo.

Em complemento uma curta-metragem notável de Jean-Claude Carrière, «O Corta-Unhas», e uma pequena anedota desenhada de origem jugoslava que, só por si, mereceiram a deslocação ao novo cinema Berna que com a estreia de «Borsalino» inaugurou a sua existência. Que a Providência o ilumine... e nos dê bom cinema. *Amen!*

LAURO ANTÓNIO

Cineclube do Barreiro

BARREIRO, 22 — O Cine-Clube local promove amanhã á noite (21 e 30), no Cinema Ferroviários, mais uma sessão integrada no ciclo «Cinema e Subdesenvolvimento», exibido o filme francês «O salto», de Christian de Chalonge.

ABC CINECLUBE

No cinema Lys há amanhã á tarde (18 e 40) uma nova sessão do ABC Cineclube de Lisboa, com «Fahrenheit 451 — grau de destruição», de François Truffaut.

André Lardrot

um oboísta excepcional

Há oito dias a Orquestra Gulbenkian deixara-nos a impressão de que se encontra actualmente, com as alterações a que foi sujeita no preenchimento dos seus quadros, em muito boa forma, nomeadamente quanto a afinação e equilíbrio de sonoridade. No entanto, para uma demonstração cabal das suas capacidades, parecera-nos algo tolhida por uma direcção que não fora modelo de eficiência e subtileza.

Agora, porém, pôde dar uma ideia mais ampla do que está ao seu alcance conseguir, e que é já muito. O regente inglês Neville Morrimer, nas suas indicações e no comportamento à frente da orquestra, mostrou-se bem mais escorreito que o seu colega da semana anterior. A avaliar pelos resultados, deve ser um preparador cuidadoso. Como intérprete é que não se impôs igualmente. Tanto o «Concerto Grosso» de Haendel (op. 6, n.º 1) como a «Sinfonia n.º 53» de Haydn teriam lucrado com um jogo mais acusado de contrastes e, aqui e além, um pouco mais de leveza e fantasia.

A grande revelação da tarde residiu, na actuação de André Lardrot, executante de oboé de primeiríssima ordem, e intérprete primoroso. Sonoridade bonita e de uma exemplar igualdade, sem prejuízo para subtis gradações de dinâmica, e fraseado sempre expressivo e fluente — são dois predicados dignos de especial menção. E depois que virtuosismo excepcional, nas passagens mais escabrosas, mas tudo realizado sem alardes de exibicionismos vedetistas! Não é exagero dizer que André Lardrot nos proporcionou uma versão paradigmática do «Concerto para oboé» de Ricardo Strauss, uma das derradeiras obras do autor, em que existem páginas de um impressivo lirismo crepuscular.

NUNO BARREIROS

«Pinóquio» em ópera

BERLIM, 22 — (A.N.I.) — «Pinóquio», o clássico livro para crianças de Carlo Collodi, é agora também uma ópera infantil, recentemente estreada na cidade de Zwickau, na Alemanha Oriental.

O «libreto» foi escrito por Wera e Claus Kuechenmeister e a musica é de Kurt Schwaen.

ROSAS E EMBLEMAS NO 1.º ANIVERSÁRIO DO MARIA MATOS

O êxito obtido em Madrid pela companhia do Maria Matos foi sublinhado durante o espectáculo de ontem — comemorativo do primeiro aniversário do teatro — pelo público que de novo acorreu para apreciar a sátira de Eça de Queiroz, na teatralização de Luís de Sttau Monteiro e Artur Ramos.

O espectáculo foi sobreleitado um agradecimento da equipa ao público, como aliás Igrejas Caeiro salientou no fim da representação, antes da qual tinha sido entregue uma rosa a cada senhora e um emblema do T. M. M. a cada cavalheiro presente.

A terminar houve uma breve confraternização, em cena aberta, que serviu para acentuar o significado da data.

MONTEPIO COMERCIAL E INDUSTRIAL

CAIXA ECONÓMICA

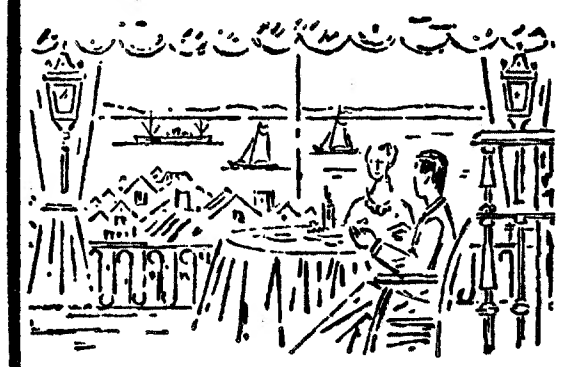
R. Augusta, 206/214

JUROS 5,5%

nos depósitos a mais de um ano

(livre de encargos)

Varanda do Chanceler



RESERVADO AMANHÃ AO ALMOÇO

PARA A AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO

"Atlântica"

MARIA VITÓRIA

ADULTOS

• A REVISTA QUE LISBOA MERECE!

GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO APRESENTAM

HOJE, ÀS 20.45 e 23 HORAS, EM 2 SESSÕES

UM ENORME E INDISCUTÍVEL ÊXITO!

BARROSO LOPES

DORA LEAL

• PIMENTA NA LÍNGUA!...

UM ELENCO SENSACIONAL:

• JOSÉ VIANA • AIDA BAPTISTA • BARROSO • DORA LEAL

A SIMPÁTICA ACTRIZ • ANITA GUERREIRO

A ATRACÇÃO • RONY VALY

• NICOLAU BREYNER

NO «COMPÈRE»: • OCTÁVIO DE MATOS

À frente de uma grande companhia e de um óptimo «BALLET» INTERNACIONAL!

CANAL DE TELEVISÃO

por MÁRIO CASTRIM

CENTRO MÉDICO: MAIS UM TUMOR NÃO BENIGNO

O sucessor do «Dr. Kildare»

Com a série ontem estreada, a televisão portuguesa estreita, talvez mais fortemente do que nunca, os laços que a prendem á produção americana. Seu nome é «Centro Médico» e o primeiro episódio levava por título «Os ultimos metros». Fácilmente se conclui estarmos em presença de uma fitice alinhada pela exploração não saudável da doença cujo prototipo, entre nós, foi o «Dr. Kildare». Kildare, o lambidinho da vaca. Depois vieram alguns outros de que talvez os leitores se recordem, especialmente se cultivam o prazer mórbido das recordações pungentes: «As enfermeiras», «O Dr. Marcus Welby». Na programação da hora do almoço temos a «Julia», enfermeira de profissão, envolvida também por vezes em casos clinicamente insuportáveis.

De todas estas séries aquela que conseguiu alguma popularidade foi o dr. Kildare. Era um médico jovem, não é verdade, bem penteadinho, humano e não comprometido. Saia ás vezes com uma ou outra pequena mas isso não quer dizer pescoço: não era comprometido ao nível da aliança no dedo e isso ajuda muito.

As séries que vieram depois começaram a repetir as situações, as palavras, os diagnósticos. Aumentou o numero de cancerosos sem perdão, de leucémicos com e sem esperança, de cardiáculos, de trôpegos. A miséria física passou a encher as nossas noites. Os serões televisivos tresandavam a formol.

É neste clima que nos surge «Centro Médico». Eis-nos novamente ás tricas com as fracturas cranianas, com as mãos amputadas, com as hemorragias, com os testes (o de ontem era de pentolamina), com os tumores (o de ontem chamava-se feocromocitoma,, lindo, lindo!). Cá temos o jovem médico, sem a classe capilar do Kildare emparelhado com um médico idoso e experimentado. *Ele* é o Joe Gannon; o outro é o Lochner. Tal como o Kildare e o Gillespie, o Kiley e o Welby, a Lucas e a Mrs. Thorpe das enfermeiras, a Julia e a Hanna.

O esquema do episódio obedece á chapa unica, que pode estabelecer-se do seguinte modo:

1 — Por acaso, o médico sabe, desconfia ou verifica que determinado fabiano está tramado.

«Centro médico»

2 — O médico procura levá-lo ao bom caminho da clínica.

3 — O doente recusa-se, esperneia, esbraceja, coicinha, espuma. Não pode, não quer, quem manda é ele, ele só. «Doutor, por que me persegue?» é a frase sacramental. Ontem não faltou.

4 — O médico, missionáriamente, não desiste, anda atrás do doente por todo o lado.

5 — O doente, no momento decisivo, geralmente localizado nos ultimos metros da película, tem uma crise que o leva á marquesa de operações.

6 — Salvarasse, não salvarasse...

7 — a) «Meu filho, sê um homem. Não tens cura. Resta-te ser feliz nos ultimos meses da tua vida. Vamos, alegra-te».
Sorriso inefável do doente.
b) «A biopsia deu negativo. O tumor é benigno. Casem e sejam felizes».
Sorriso inefável de toda a gente.

8 — Uma piada, uma graça para deixar o telespectador num clima de boa disposição, distinção e bairrismo.

Como disse, o esquema do episódio ajunta-se á regra do jogo. Wiley, acompanha um colega de futebol americano ao centro, e é a ele que o médico pergunta pelas suas hemorragiazinhas de estimação. Wiley diz que já não tem nada. Joe, o médico, não acredita. Procura convencê-lo, não leva nada. Várias tentativas e o Wiley sempre a dar para trás. Porquê? Porque está quase a passar a profissional e se morre lá se vai a oportunidade... Pela transferência receberá qualquer coisa como 15 mil contos, só pela transferência. Na partida decisiva, desmaia. Lá vai o pobre Joe a correr, «acude e corre, pai, que se não corres / / pode ser que não acnes quem socorres». Operação. Angustia. O tumor nas supra-renais. Benigno. Negro bonzão feliz, sorriso com os dentes todos...

Por aqui me fico. Ao leitor o encargo de concluir a sorte que o espera se alguma vez se lembrar de assistir a esta... fita. Isto é: se estiver tão doente que não tema pela integridade da sua inteligência. Porque, meus amigos, há coisas que nem para passar o tempo servem.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Ritmos para a Juventude; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Portugal Missionário, pelo padre Augusto Maio; 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 16.º Episódio do Folhetim «A Cidade e os Serras»; 21 e 05: Espectáculo: Magazine de Teatro, por Jorge Figueiredo de Barros; 21 e 25: Conjuntos Ligeiros; 21 e 40: Variedades no Estudio; 22 e 30: Orquestras e Conjuntos; 23 e 05: Programa da noite; 23 e 40: Serenata de Coimbra; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 30: 1.º acto da ópera «Tristão e Isolda» (Wagner); 18: Musica do Século XIII 18 e 17: O coro «Os pequenos cantores da Cruz da Madeira»; 18 e 28: Musica sinfónica; 19: Tempo literário; 19 e 25: Folclore Português — Musica da Ilha de Santa Maria e da Ilha Terceira (Açores) — recolhida por Artur Santos; 19 e 40: Musica de piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica instrumental; 20 e 30: Coros—Canções Populares Russas. Pelo Coro dos Cossacos do Mar Negro, dirigido por Sergey Horbenko; 21: Concerto pelo quinteto de instrumentistas de sopro da Emissora Nacional, constituído por: Pedro Teixeira, flauta; António Serafim, oboé; Carlos Saraiva, clarinete; Adácio Pestana, trompa; João Mateus, fagote — Quinteto em dó maior (arranjo de Fritz Muth) (Haydn); 21 e 21: Musica de Arthur Honegger, para piano — 7 Peças Breves, pela pianista Louise Tynion; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital de canto e piano, por Hope Foye Maria Celeste Silva; 22 e 22: Peça para clarinete e orquestra — Rapsódia (Claude Debussy). Solista, Robert Guggholz: Orquestra da Suíça Francesa, sob a direcção do maestro Ernest Ansermet; 22 e 20: Poemas Sinfónicos; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2—94,3 mc/s. — Às 23: Musica de piano; 23 e 30: Os Concertos de Lugano de 1970 (em grav. cedidas pela R. Suíça Italiana); 0 e 17: Quarteto n.º 1, op. 2 (Kodaliy), pelo Quarteto «Roith»; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Flash-Back; 19 e 35: Radioscopia; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Musica portuguesa; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 08: Tempo-Novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-Rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O Arouto da Verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 mc/s.—Às 16: Radiorama; 18: Brasil 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Esquema; 19 e 30: Página 1; 20 e 55 Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Curso de Língua Alemã; 21 e 45: Cartaz musical de Paris; 22: Quando o telefone toca; 2 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA—Onda média—1188 m — 1594 kc/s. — 94,3 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e as 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — *1.º Período* — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular — magazine para a mulher; 13 e 15: Filme de série, «Julia», com Diahann Carrol; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Mini-decoração; 14 e 15: Logo á noite; 14 e 20: Fecho.

2.º período — Ciclo preparatório TV — Às 14 e 40: Matemática (1.º ano); 15 e 5: Língua Portuguesa (2.º ano); 15 e 30: Hist. e Geog. de Portugal (1.º ao); 16: Francês (2.º ano); 16 e 25: Trabalhos Manuais (1.º ano); 16 e 50: Educação Musical (2.º ano); 17 e 25: Matemática (2.º ano); 17 e 50: Língua Portuguesa (1.ºano); 18 e 15: Ciências da Natureza (2.º ano); 18 e 40: Francês (1.º ano); 19: TV Educativa — Física moderna; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição;19 e 40: TV Juvenil — «Os Homens, os Livros e as Coisas»; 20: Cartaz TV; 20 e 15: Em Foco — O Estatuto do Trabalho Nacional; 21: Imagens da poesia europeia, pelo dr. David Mourão-Ferreira; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição e Boletim Meteorológico; 22: «Os Vingadores», com Patrick McNee e Linda Thorson; 23: TV Mundo (Manequins); 23 e 30: Marcha do Mundo — serviço informativo; 23 e 40: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Um Dia Com... Álvaro Malta; 22 e 15: História da Música — Programa do dr. João de Freitas Branco; 22 e 40: «O Santo»; 23 e 30: Fecho.

RUSSOS AMANHÃ NO COLISEU

Vinte toneladas de circo (provenientes de Moscovo) chegaram hoje a Lisboa

Mais de vinte mil toneladas de material do Circo de Moscovo chegaram, esta madrugada, ao cais numero 10 da estação de Santa Apolónia, transportada em doze vagões procedentes de Espanha.

Com o material, vieram também os animais: 7 cavalos de alta escola, 1 burro, 2 «poneys», 4 camelos, 12 ursos. 15 cães, 12 catatuas e 11 macacos.

Os cavalos e os camelos (três fémeas e macho, todos de duas corcovas) abandonaram os vagões às 4 horas da madrugada e deslocaram-se, a pé, pelas ruas da cidade, até ao Coliseu.

Os outros animais foram esta manhã descarregados e transportados em jaulas para aquela casa de espectáculos.

Grande azáfama no cais número 10: serventes do Coliseu, depois de despachados os animais, procederam ao carregamento de centenas de pares de sapatos, dezenas de selas, tendas de campanha, «roulottes», trampolins, camas elásticas, bicicletas, instrumentos musicais, aspiradores, etc.

Foi, também, descarregado alimento para os «bichos»: caixas contendo 180 quilos de aveia (e outros cereais) foram sendo amontoadas numa grande camioneta.

No ar frio da manhã, acicatados pela luz que substituía a penumbra dos vagões, os cães ladravam, os ursos estendiam as patas através das grades das jaulas, os macacos guinchavam e as catatuas, nos poleiros, examinavam tudo em redor...

Para um servente da C. P., toda aquela bicharada vinha da Sibéria.

— *É tudo quanto sabe da Rússia?* — perguntámos.

— *Mais umas coisitas...* — disse-nos o homem.

Um outro seu colega, mais irónico, alvitrou que se largassem os ursos pelas ruas de Lisboa.

Mas não será assim: os animais, uns mais amestrados do que outros, irão actuando na pista do Coliseu, em espectáculos que se prolongarão de amanhã (estreia) até 8 de Novembro.

Nomeado o novo engenheiro-director dos estaleiros da «Lisnave»

Mais de quinhentas pessoas estiveram presentes no beberete de despedida do antigo director dos estaleiros da «Lisnave», sr. eng.º Thorten Andressen, em que foi apresentado o sr. Nils Eckerbom, que o substitui no cargo.

Entre as numerosas individualidades contavam-se os srs. embaixadores da Suécia e da Holanda e os cônsules dos dois países e ainda os srs. José Manuel de Mello, presidente do conselho de administração da «Lisnave» e os administradores, srs. eng.º Vasco de Mello, Erik Haggstrom, comandante Gervásio Leite, dr. Luís Lacerda e Spencer Vieira além do director-geral da empresa, eng.º João Rocheta.

SINDICATO DOS TÉCNICOS DE DESENHO

A comissão organizadora do Sindicato Nacional dos Técnicos de Desenho promove, no sábado, ás 21 horas, uma reunião da classe dos desenhadores que serão integrados naquele organismo para lhes dar conhecimento das últimas diligências efectuadas, as quais culminaram com a aprovação dos estatutos e a concessão do alvará que legitimam a sua existência.

Na reunião, que decorrerá na sede da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, na Rua Camilo Castelo Branco, 33, em Lisboa, serão ainda escolhidos os seis membros que nos termos dos estatutos dirigirão o sindicato no seu primeiro ano de existência.

A integração da mulher na vida do Sindicato dos Profissionais de Escritório

Realizou-se ontem, na sede do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, uma reunião das dirigentes da Secção Feminina para a qual foram convocadas sócias e contribuintes de actividades da Lavoura, da Industria de Conservas de Peixe, Industrias Extractivas, Electricidade, Água e Gás, Petróleos, Contrução Civil, Obras Publicas e Cerâmica e Vidro. Na reunião, cujo objectivo fundamental era discutir a integração da mulher na vida sindical, acabou por abordou-se ainda outros assuntos de interesse para a classe.

A assistência, embora reduzida em relação aos efectivos de profissionais, manifestou toda a atenção e vontade de participar na resolução dos problemas focados.

Orientou os trabalhos a sr.ª D. Candida Paraíso de Oliveira Ferreira, da Industria de Cerâmica e Vidro, presidente da Secção Feminina, secretariada pela sr.ª D. Idalina Grácio de Andrade da Industria Química.

ESTABELECIMENTO ASSALTADO

Durante a madrugada, os gatunos assaltaram a montra de um estabelecimento na Avenida de Roma, 110-A, de onde furtaram isqueiros, canetas e outros artigos, no valor de 15 contos.

Ofensiva contra o «negócio» das barracas

(Continuação da 1.ª página)

zem-se os arrendamentos das propriedades em causa, substituindo-os por tantos quantas as barracas existentes, pela taxa mensal — por razão cadastral e imposição de ordem jurídica — de 50$00 por barraca.

A par desta situação, estava montado o sistema de venda de barracas, como quem vende propriedade legítima. E não era apenas o caso de um ou outro que, por ter arranjado casa, vendia, a título de materiais, a sua barraca. Era a venda de barracas como modo de vida.

Numa acção persistente, a Polícia Municipal conseguiu detectar alguns dos canais e vários negócios foram desfeitos, fazendo-se reverter o produto da venda a favor do «comprador», ou seja, do novo habitante.»

Declarando que a Câmara será *«intransigente em especulações deste tipo»*, o presidente do Município afirmou que *«se for necessário apelar para a consciência pública e para o Governo, a fim de fazer cessar determinadas actividades, não hesitarei em trazer a público a total verdade dos factos.»*

Um viaduto no Campo Grande

De entre as adjudicações feitas durante a sessão, avultam a de um viaduto a construir no Campo Grande, ligando as Avenidas Marechal Gomes da Costa e Marechal Craveiro Lopes, e a da estação de tratamento dos lixos de Lisboa.

A primeira obra, no valor de 21 702 contos, foi adjudicada provisòriamente ao concorrente José Matias, que deverá apresentar o respectivo projecto denro de 30 dias. A segunda foi adjudicada definitivamente ao Grémio da Lavoura da Estremadura.

A Câmara aprovou, também, a concessão da medalha municipal de cultura física á atleta Lídia Faria.

Um teatro e dois cinemas em S. Sebastião da Pedreira

Por outro lado, o eng.º Santos e Castro prestou mais algumas informações, de entre as quais destacamos:

● Encontra-se concluído o estudo e programa para um centro-comercial na Avenida António Augusto de Aguiar, junto ao cruzamento de S. Sebastião da Pedreira. Este centro ficará com um parque de estacionamento subterrâneo, com ligação directa á estação do Metropolitano, e compreenderá, além de diversas instalações comerciais, um teatro, dois cinemas, restaurantes, etc. Nos pisos superiores prevêem-se escritórios, com grande procura naquele local, dada a proximidade do Palácio da Justiça.

● Será, brevemente, construído o prolongamento da Avenida Sidónio Pais até á Avenida Marquês de Fronteira.

● Não foi «brilhante» a afluência de concorrentes ao concurso público para a concessão dos parques de estacionamento subterrâneos. Só o parque previsto para os Restauradores teve quatro concorrentes, e a Câmara deliberará brevemente sobre outros concursos.

● Poderá ser ensaiada, em breve, embora em escala «modesta», uma experiência da reserva de algumas artérias ao trânsito de peões.

● Vão ser atribuídos a arruamentos «condignos» da cidade, os nomes de Raquel Roque Gameiro, de Manuel Ferreira de Andrade e do eng.º Eduardo Rodrigues de Carvalho.

O prolongamento da Avenida da Liberdade

Quanto ao andamento das obras de prolongamento da Avenida da Liberdade, o eng.º Santos e Castro referiu-se a dificuldades, nomeadamente ás decorrentes do facto de «muitos dos terrenos e prédios a demolir não serem municipais», e anunciou que uma primeira prioridade foi estabelecida para o prolongamento da Avenida Ramalho Ortigão.

CONFERÊNCIA (ESTA NOITE) NOS PUBLICITÁRIOS

Em continuação do ciclo de palestras com que o Clube Português dos Publicitários reiniciou, na quinta-feira passada, as suas actividades, realizar-se-á logo á noite, a anunciada conferência a cargo do dr. Peres Coelho.

O conferencista, que possui larga experiência no sector profissional em que se especializou, falará sobre o tema «Relações humanas na empresa», devendo focar aspectos práticos e observações pessoais obtidas nesse sector.

A palestra do dr. Peres Coelho tem o seu início marcado para as 21 e 30, na sede da entidade dos publicitários, á Praça das Aguas Livres, 7, cave.

CAPITÃO ANTÓNIO CASCAIS

Continua internado no Pavilhão da Família Militar no Hospital da Estrela, onde foi submetido a uma intervenção cirurgica, o sr. capitão António Cascais, director dos Serviços de Mendicidade, que ontem foi vítima de uma acidente de viação na Rua de Naburegas, fracturando uma rótula.

A POLÍCIA PROCURA OS AUTORES DE UM ASSALTO A UM MOTORISTA DE TÁXI

A Polícia Judiciária iniciou já diligências com o propósito de identificar e pdender os autores do assalto de que ontem foi vítima o motorista de «táxi» José Rodrigues, de 63 anos, natural de Dornes (Ferreira do Zêzere) e residente na Rua de Campo de Ourique, 191, em Lisboa.

Segundo a vítima, os assaltantes — dois indivíduos bem vestidos e ainda novos — entraram no seu carro no Cais do Sodré e mandaram seguir para a Rotunda da Encarnação. Uma vez chegados áquele local mandaram continuar até á Azinhaga do Figo Maduro. Neste último local, os dois jovens agrediram o motorista, a quem, depois de o agredirem, roubaram todo o dinheiro: 450$00.

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
E. da Torre-Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 5 anos)

A COLMEIA
RESTAURANTE DIETÉTICO E MACROBIÓTICA
(VIDA LONGA)
SELF-SERVICE
ENCERRADO AOS DOMINGOS
RUA DA EMENDA, 110-2.º
T. 370500 (AO CAMÕES)

CAFÉ «IMPAR»
NO
BAR RIBATEJO
P. DO AREEIRO, 11-D ABRE Às 7 HORAS

OH LACERDA!
UM CONVITE
PERMANENTE
R. Dr Silva Teles, 18-A

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 5 anos)
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
PpremiADO PELO SNI

23.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 22 de Outubro de 1970

ANITA GUERREIRO

GRAVA NÚMEROS TEATRAIS

Anita Guerreiro prémio '«Estêvão Amarante» (interpretação de teatro ligeiro), vai gravar um disco com as suas interpretações na revista «Pimenta na Língua», em cena no «Maria Vitória», poemas de Anibal Nazaré para melodias de Carlos Dias.

JOAQUIM MOREIRA

CANÇÕES PARA O NATAL

Joaquim Moreira prepara já melodias e poemas a incluir num disco a gravar muito brevemente para a «R R» Animou-o o êxito alcançada por «A Mãe de qualquer de nós». Agora serão canções de Natal as que vai interpretar para o novo acetato.

✻ aceite o nosso CONVITE ✻

ÊXITO DUMA INICIATIVA POPULAR

A iniciativa prossegue com êxito e está aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» que, de maneira bem fácil, podem divertir-se, sem gastar dinheiro. Jantar num restaurante típico ou divertir-se numa «boite», ouvir o fado e dançar, já não significa despesa. Basta coleccionar os cupões que publicamos de 2.ª a sábado, juntar-lhes os boletins de identificação (que também publicamos ao sábado e devem ser preenchidos com letra bem legível), remetendo-os para os nossos serviços administrativos, Rua Castilho, 185, 1.º em Lisboa. Nada mais é necessário para ficar habilitado a um dos sorteios semanais que lhes vão permitir frequentar um dos melhores restaurantes típicos e «boites» de Lisboa, Sintra e Costa do Sol.

PAULO JORGE

NOVAS CANÇÕES

Possível atracção de uma das próximas revistas a apresentar no Parque Mayer, intérprete fiel ao estilo português, sem influências estrangeiras, Paulo Jorge gravou para uma das etiquetas Valentim de Carvalho um novo disco onde incluiu: «Se há outras mais», «Maré Cheia», «Entre o silêncio da noite» e «Praia Selvagem».

FERNANDO FERRER

QUATRO CANÇÕES PARA OS EMIGRANTES

O cançonetista Fernando Ferrer, que há 5 anos actua na Alemanha, encontra-se, presentemente, em Lisboa, a fim de gravar um disco (a editar pela etiqueta «Estúdio») destinado aos emigrantes portugueses. Quatro composições inclui o disco, sendo todas da autoria do intérprete. Titulos: «Força de vontade», «Na outra banda», «Vamos, Nazaré», e «Toino». As canções serão escutadas na Alemanha, através da T.V., em «play-back».

OS 3 SUDAMERICANOS

CANÇÃO-REPORTAGEM EM PORTUGAL

Com «Papilon» o fabuloso conjunto vocal «Os 3 sudamaricanos» conseguiu atingir o tipo de canção-reportagem. Efectivamente, a canção narra uma história real, mais precisamente, a aventura apaixonante de Henri Charriére, o ex-presidiário agora escritor famoso. Com esta canção, modificado o ritmo habitual de interpretação em benefício do poema, o impacto provocado pelo disco (editado pela «Belter») é salientado pelos críticos europeus da especialidade. Completa o «single» a versão dos 3 sud-americanos do êxito de Leslie Kent «Such Sweet Sorrow» (chora, minha alma). O conjunto participará em breve num programa de variedades a transmitir pela R.T.P., onde será incluída a sua interpretação de «Papilon».

A ADEGA MESQUITA REABRE EM NOVEMBRO

Esta prevista para o próximo dia 11 de Novembro a reabertura da Adega Mesquita, um dos mais antigos restaurantes típicos do Bairro Alto. Completamente remodelada, a Adega Mesquita voltará a abrir as suas portas no dia de S Martinho, com raizes fundas nas tradições populares. Não foi ainda divulgado o elenco que estará já presente na data da reabertura da popularissima Adega Mesquita.

O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA — RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

contam: Argentina Santos, Julio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira, Leonor Santos e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos ✻ Consumo mínimo 50$00 ✻ Beco do Espírito Santo, 1 ✻ Telef. 868200.

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Correa. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✻ Encerra aos domingos ✻ Consumo mín. 90$00 ✻ Beco dos Cortumes, 10 ✻ Telef. 860816.

MÁRCIA CONDESSA

contam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Candida da Conceição, Julieta Maria, Alzira Moreno e Aurora Sobral. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa ✻ P. da Alegria, 58 ✻ Telef. 367093 ✻ Encerra á segunda-feira.

GUITARRA DA MADRAGOA

contam: Lizete Maria, José Teixeira, Maria José Ramos e Francisco Martinho. Tocam: António Parreira e José Inácio. Aberto todos os dias. ✻ Rua da Esperança, 174 ✻ Telef. 661915 ✻ Cons. mín. 50$00.

SOLAR DO MINHO

cantam Eduarda Maria, Natália dos Anjos e Artur dos Santos. Tocam: António Valentim e José Meneses ✻ Rua do Vigário, 60 ✻ Teef. 866811.

FOLCLORE

elenco: Arminda Vidal, Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, Américo Lima, António Chainho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino Rodrigues, Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 20 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves ✻ Cons. mín. 120$00 ✻ Taxas incluídas ✻ Rua Nova da Trindade, 22-A ✻ Telef. 35007-323406 ✻ Encerra ao domingo.

TIMPANAS

contam: Trio Odemira, Alcindo de Carvalho, Emília Reis, Luís Braga e Benvinda Cruz. Tocam: Armando Ferreira e Torquato Lopes. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ✻ Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✻ Rua Gilberto Rola, 24 ✻ Telefones 676655-67341.

A SEVERA

cantam. Florinda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal» ✻ Rua das Gáveas, 57 ✻ Telef. 34006 ✻ Encerra á quinta-feira.

MIL E UM

contam: Moisés Campelos, Maria Eva, Beatriz Fragoso, José de Barros, Maria de Fátima, Henrique Manuel, Laurinda Gonçalves ✻ Cons. mín. 40$00 ✻ Travessa da Espera, 8 ✻ Telefone 35464 ✻ Encerra ás 5 da madrugada.

L U S O

elenco; Maria do Fé, Fernando Maurício, Fernanda Pinto, Glória Matos, Augusta Ermida, Victor Duarte, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha ✻ Trav. da Queimada, 10-16 ✻ Tels 362889-328503.

VIELA

contam: Sé gio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira e Conceição Tavares ✻ Cons. mín. 50$00 ✻ R. das Talpas, 14 ✻ Tel. 327256.

A KAVERNA

cantam: Celeste Maria, Tina Santos, Renato Mota. Tocam: Armandinho Maia e José Maria Carvalho ✻ Cons. mín. 90$00 ✻ Travessa dos Fiéis de Deus, 37 ✻ Telef. 35593.

LAR PORTUGUÊS

contam: José Borges, Armando Miranda, Folclore pelo Conj Típico do «Lar Português» Tocam: António Bessa Fernando Reis ✻ Cons. mín. 50$00 ✻ R. da Barroca, 133 ✻ Telefs. 36960 e 30532 ✻ Encerra ás terças-feiras

SOLAR DA MADRAGOA

contam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias ✻ Cons. mín. 30$00 ✻ Rua das Trinas, 67 ✻ Telef. 669857 ✻ Encerra ao domingo.

ADEGA MACHADO

contam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Arautos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva ✻ Conc. mín. 70$00 ✻ Rua do Norte, 91 ✻ Telefs. 30095-328713 ✻ Encerra á segunda-feira.

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Alice do Carmo, Rossana Lima, João Cabra. Tocam: Edgard Nogueira (guitarra) e Arminda Gonçalves (viola) ✻ Encerra aos domingos ✻ Rua do Adiça 9 ✻ Telef. 86345.

O FORCADO

cantam. António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva ✻ Cons. mín. 40$00 ✻ Rua da Rosa, 219 ✻ Telef. 368579.

GUITARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa e Fernando Reis ✻ Encerra ao domingo ✻ Cons. mín. 35$00. Largo do Peneireiro, 7 (Alfama) ✻ Telf. 868505.

BALEEIRA

cantam: Filipe Duarte, Maria Emília, Ana Madalena e Julieta Reis. Tocam: José Alves e Armando Silva ✻ Encerra ás 2.ªs-feiras ✻ Cons. mín. 40$00 ✻ Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO) ✻ Telef. 213259.

RESTAURANTES, BARES, «BOÎTES» E «DANCINGS»

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A Telef. 48384 — Mário Simões e o seu conjunto. Encerrado aos domingos.

NOCTURNO

Travessa Fiéis de Deus, 28 ✻ Telef. 370889 ✻ Poesia com Correia da Silva ✻ Encerra ás 3 e 30.

POP-FADO

R. Ferreira Lapa, 38-D ✻ T. 561949

MAXIME

Conjunto 6 ✻ Reacção e Maximiliano ✻ «Show» turístico ✻ Variedades Internacionais ✻ Praça da Alegria, 58 ✻ Telef. 55366.

ARCHOTE-CLUB

Discos ✻ Rua D. Filipe de Vilhena

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ✻ Avenida Duque de Loulé, 73 ✻ Telef. 530171.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2 ✻ Campo Grande ✻ Telef. 790172 ✻ Encerra ás 3,30.

BAIUCA

R. da Barroca, 86 ✻ Telef. 34700

LORD

Rua Victor Cordon 14-A ✻ Telef. ✻ 323098.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro ✻ SINTRA ✻ Telef. 981661. Encerra á meia-noite.

BONAPART CLUBE

Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A. ✻ R. de S. Miguel, 70 (Alfama) ✻ Tel. 872761 6-D.

FLOR DE LIS

Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) ✻ Telef. 367136 ✻ Encerra ás 3 horas.

TÁGIDE

Variedades Internacionais ✻ Largo da Biblioteca, 18-22 ✻ Aberto ao domingo.

SNOB

Rua de «O Século», 178 ✻ Telef. 33723.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto, Avenida Duque de Loulé, 69—Telf. 534117 ✻ Matinées todos os dias ✻ Encerra aos domingos.

ADÁGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Carlos Portugal no seu novo repertório ✻ Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✻ Rua Carlos Reis 51-A ✻ Telef. 775695.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado ✻ Variedades Internacionais ✻ Telefs. 264521 - 264526 - 264596 - 264621 - 264946

FORTE VELHO

Paço ✻ S. João do Estoril ✻ Telef. 261337.

CRÓNICA CINEGÉTICA

LICENÇAS DE CAÇAR EMITIDAS EM 1968 E 1969

Graças á comprovada e irrevogável eficiência dos serviços do (justamente conceituado) Instituto Nacional de Estatística, podemos dar a conhecer, por distritos do Continente e Ilhas Adjacentes, as quantidades, por espécies, de licenças necessárias á prática legal do acto cinegético, emitidas nos passados anos de 1968 e 1969.

Antes, porém, seja-nos permitido tecer algumas oportunas e breves considerações sobre o momentoso problema venatório, riqueza nacional que definha a olhos vistos de ano para ano nos terrenos livres devido, só e exclusivamente, á precária protecção que lhe tem sido dispensada, por um lado, do seu monopólio, verdadeiramente feudal, nas regiões latifundiárias, por outro, açambarcamento, injusto como todos os açambarcamentos da coisa pública, que origina a concentração maciça de praticantes do acto cinegético naqueles terrenos, com a agravante dos coutos, que se afirma serem destinados a fomentar e a proteger as espécies venatórias, não contribuirem, como o competente regulamento o impõe, para o repovoamento daqueles terrenos com exemplares da fauna. Isto apesar da caça, da fauna piscícola dos rios interiores, o mar, o ar que aspiramos e o Sol que nos aquece e alumia serem domínio colectivo contra o que erradamente supõem aqueles que julgam deverem os seus interesses sobrepor-se ao bem comum. Com esse odioso monopólio, próprio dos tempos medievais em que a caça era privilégio exclusivo de castas, um direito realengo e senhorial, de onde derivava, como presentemente deriva, a opressão de todos quantos, legalmente, pretendem praticar o acto venatório. Estamos certos, porém, que o assunto, pela injustiça de que se reveste este monopólio da coisa pública, contrário ao próprio direito das gentes já que a caça não foi criada pela Natureza para castas, virá a ser resolvido com justiça logo que o Governo da Nação possa dedicar-lhe a merecida atenção.

Muitos outros problemas que ainda há bem pouco tempo se apresentavam insolúveis estão hoje resolvidos favoràvelmente com vantagem para as classes desprotegidas. E o monopólio, verdadeiramente intolerável por mais tempo já que do sistema nada a riqueza venatória beneficiou. da caça há-de vir, também, a ser solucionado com proveito para os actuais espoliados duma riqueza que é comum a todos os portugueses, ricos ou pobres. Uma coisa é a defesa, a protecção e o fomento dessa incomensurável riqueza nacional e outra, bem diferente por sinal, é o seu açambarcamento por castas.

E que os coutos não têm beneficiado em coisa alguma a densidade de animais da fauna cinegética de maneira a elevar a sua abundancia, portanto duma parcela importante de riqueza nacional, está exuberantemente provado com a acentuada escassez deles de ano para ano. E que assim, é, que a caça escasseia nos terrenos livres como o temos aqui salientado várias vezes, é que, apesar do numero, sempre crescente, de coutos, aramados, etc., onde o direito de caçar constitui um afrontosos monopólio, aumentar desmesurada e constantemente como verdadeira praga a atentado aos direitos seculares da Grei á caça, verifica-se insofismávelmente percorrendo-os.

Medida altamente proteccionista que confirma exuberantemente o que afirmamos

Um exemplo que atesta insofismávelmente o que aqui temos afirmado algumas vezes veio dá-lo recentemente a Comissão Venatória Regional do Centro, com sede em Coimbra, com a concordância das 81 comissões concelhias da sua região onde os coutos, ou talvez mesmo por isso, abundam nalgumas zonas excepcionalmente, como na Beira Baixa, onde pontifica o latifundio, solicitou há pouco tempo ás instancias competentes que o exercício da caça venha a ser limitado a dois dias por semana e nos feriados nacionais; que seja proibida a caça á lebre durante as próximas duas épocas venatórias; e que seja limitado o numero de perdizes a abater por caçador, sugestões estas que são altamente louváveis pois se destinam insofismávelmente á defesa e protecção da caça no centro do país e consideradas de grande importance pelos verdadeiros caçadores que não são, cremos piamente, os magarefes que actuam tanto nos coutos e aramados como nos terrenos livres. E se esta medida proteccionista da fauna não for tomada em todo o país, mesmo nas regiões infestadas de coutos que têm servido apenas para neles se praticarem chacinas de 1000 animais em escassas horas de morticínio, a caça, nos terrenos livres, sofrerá tal desgaste nos próximos anos que passará a ser uma raridade como o é o aparecimento de outros animais outrora abundantes entre nós. Mas que essa interdição de caçar mais de dois dias abranja todos os terrenos sem excepção, coutados e aramados e outros mais gozando de monopólio da coisa publica. Só assim, cremos, haverá esperanças de melhoria de densidade desta riqueza.

O número de caçadores aumentou

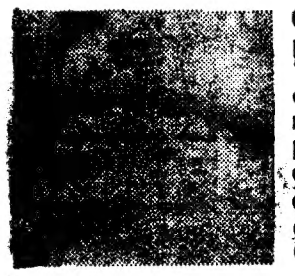
O exercício da caça é uma verdadeira reacção praticada com mais proveito pelas pessoas que levem vida sedentária. Deve ser praticada, portanto, regradamente, sem intuitos comerciais como desporto que é. Infelizmente não acontece assim. Muitos caçadores, especialmente aos profissionais e falsos amadores, interessa apenas e sómente o numero de peças de caça abatidas atacados ferozmnte pela febre comercial ou pela mania de «campionite». E nós não temos nos nossos campos animais da fauna em quantidade que permita a sua sistemática destruição. Até a Espanha, como aqui já dissemos, apercebendo-se do caminho que a sua caça levava resolveu, muito acertada e propositadamente, que fossem apenas dois os dias de caça de espécies menores, incluindo as aquáticas, semanalmente aos indivíduos que as praticam

(Continua na 16.ª página)

Repare bem! E... compre já

novo

PEPSODENT



Graças à sua fórmula exclusiva, Novo Pepsodent limpa os dentes, polindo-os, isto é, não "raspa" a sujidade. Pelo contrário, fá-la "deslizar para fora" do esmalte, deixando-o cintilante — polido, resplandecente, sem riscos. Esta acção de polir não tem precedentes. Novo Pepsodent é um verdadeiro passo em frente no campo dos dentífricos. Dê-lo Pepsodent da-lhe razão para sorrir! Compre já Novo Pepsodent!

dentes limpos, polidos, com radiosa brancura

MINTAS-70-PP-02

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

ALCATIFAS
TECIDAS — TUFADAS
FLOCADAS — AGULHADAS — PLASTICAS
TAPEÇARIAS
NÓLÃ
AV. DA REPÚBLICA, 20-A
Telef. 53 33 10

Em PORTALEGRE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Papelaria JOSÉ DOS ANJOS TAVARES — Rua do Comércio, 90-92.

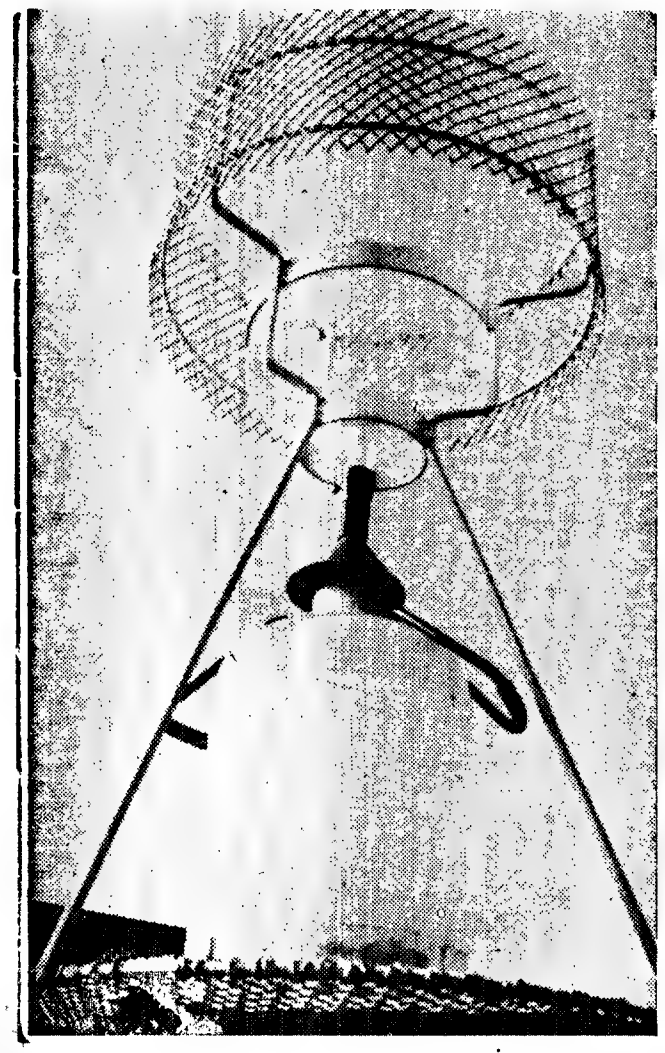
VIAGENS IT
UMA NOVA CONCEPÇÃO NA
ARTE DE BEM VIAJAR!
Incluindo:
Passagens aéreas, Hotel, visitas — 7 dias a 1 mês
TODOS OS DESTINOS NA EUROPA
Hotéis «Selecção PAN-EUROPA»
paneuropa
Rua Braamcamp, 11-C/D
Tels. 561871/2/3/4 - 536723

UM FLAGELO DOS NOSSOS DIAS: A POLUIÇÃO

SÃO UMA NECESSIDADE AS BRIGADAS MÓVEIS DE RECOLHA INSTANTÂNEA

A circulação automóvel polui a atmosfera das ruas. Um aparelho SF (a ser montado na Rua Augusta como se vê pela gravura) determinará o grau de poluição

Segundo recomendação da O. C. D. E., deveria existir um posto detector da poluição atmosférica por cada dois quilómetros quadrados. Tal projecto, no entanto, ainda não foi posto em prática em qualquer cidade da Europa. Paris, por exemplo, possui aproximadamente um terço do número ideal de postos — e Lisboa, para já, conta unicamente com 11 postos SF. (detecção de anidrido sulfuroso e fumos vários). Lembre-se, mais uma vez, que os postos lisboetas têm sido instalados por entidades particulares (Sacor, Cuf e Siderurgia Nacional), mostrando-se as entidades oficiais um tanto arredias do problema da poluição atmosférica.



Aparelho de registo contínuo da percentagem do anidrido sulfuroso existente na atmosfera

• Quantos postos deveria ter Lisboa?

O dr. Lemos Salta, director do Serviço de Higiene da Direcção-Geral de Saúde, é de opinião de que a capital portuguesa deveria contar com 50 postos detectores.

Mas, além dos postos fixos, «*interessaria muito a existência de brigadas móveis para colheita instantânea de amostras de ar poluído nas mais diversas zonas da cidade*».

— *Porque* — sublinha o dr. Lemos Salta — *a detecção nos postos fixos é uma simula do fenómeno da poluição num período de vinte e quatro horas. Obtém-se, por enquanto, desse modo, um grau de poluição tido como inofensivo, mas nada nos garante que em certas horas do dia e em certas zonas da cidade a toxicidade dos poluentes não seja, de facto, perigosa.*

Aparelhos fixos: SF, deposímetros Owens e pluviómetros. Expliquemos em breves palavras, quais as *tarefas* executadas por cada um destes aparelhos.

O SF, aparelho cuja parte sensível é um filtro, acusa a percentagem de toxicidade dos fumos que invadem a atmosfera e, através de uma reacção química provocada por água oxigenada num mergulhador de vidro, proporciona aos observadores o volume do anidrido sulfuroso.

Por sua vez, o deposímetro Owens destina-se á recolha de poeiras precipitadas pela chuva, poeiras essas que procedem de complexos industriais, dos escapes dos automóveis, do desgaste dos pneus, etc.

Finalmente, o pluviómetro tem por função determinar o percentagem ácida ou alcalina das águas da chuva.

Todos estes aparelhos existem nos 11 postos instalados em Lisboa e nos que se erguem na zona Barreiro-Seixal. Além disso, o Posto 1, instalado em Cabo Ruivo, possui o equipamento de todos os outros postos, uma estação climatérica (integrada na rede do Serviço Meteorológico Nacional), aparelhos electrónicos de registo contínuo de SO_2 (anidrido sulfuroso), CO_2 (anidrido carbónico) e CO (monóxido de carbono) e um aparelho de dosagem do CO_2 que utiliza o método do Laboratório de Higiene de Paris.

• Medições efectuadas sobre o grau de poluição na área de Lisboa

Ora que indicações se podem tirar das medições efectuadas sobre o grau de poluição atmosférica na área de Lisboa?

A partir de 1967 tem sido possível obter, com regularidade, dados sobre a acidez forte do ar, a qual é, essencialmente, devida ao anidrido sulfuroso.

No quadro que inserimos a seguir fornecem-se as médias diárias, por postos da concentração de anidrido sulfuroso expressa em microgramas deste poluente por metro cúbico de ar, nos anos de 1967, 1968 e 1969, indicando-se as características das zonas em que os postos estão instalados.

Como se verifica, as médias diárias para o conjunto dos postos foram, respectivamente, 27, 28 e 25 microgramas de anidrido sulfuroso por metro cúbico de ar, valores que são da ordem de grandeza dos mais baixos observados em áreas urbanas, como, por exemplo, as da Grã-Bretanha.

(Continua na 12.ª página)

POSTOS		MÉDIAS DIÁRIAS		
N.º	Tipos de zona	1967	1968	1969
1	Industrial	24	31	36
2	Rural	—	10	10
3	Residencial pura	7	9	8
5	Industrial	4	6	4
6	Residencial de grande circulação	23	24	24
7	Residencial de grande circulação	39	42	35
10	Residencial industrial	20	26	28
12	Residencial de grande circulação	16	15	18
14	Residencial de grande circulação	76	72	72
15	Residencial de grande circulação	30	35	36
17	Residencial industrial	30	34	29
Todos os postos		27	28	25

FUMAR MELHOR!!!

Agora a nova Tiparillo aromática

AROMA INCONFUNDÍVEL

•

A DELÍCIA DOS FUMADORES

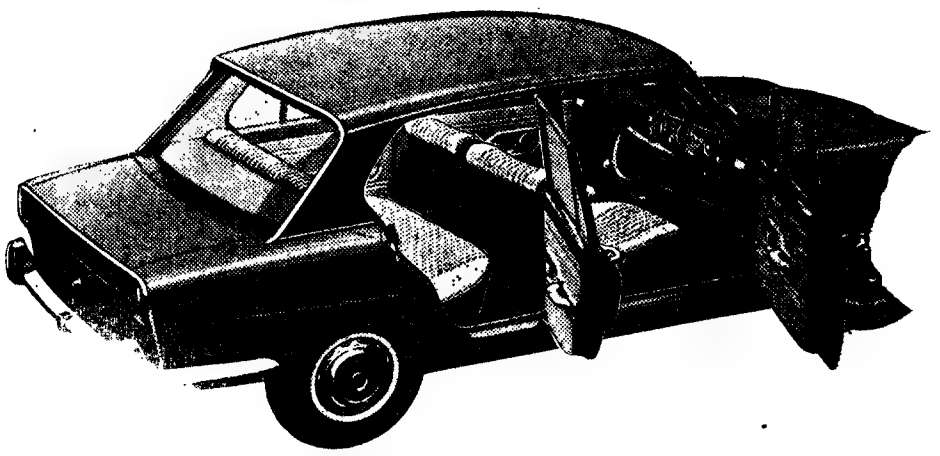
•

Representante:
Tabacaria Inglesa
LISBOA

Na vanguarda em acabamentos

TRIUMPH 1300 - o carro onde os extras não são extra

No Triumph 1300 aperfeiçoámos a perfeição — os extras não são extra. Os magníficos acabamentos, aceleração rápida, travões de disco, suspensão independente, bancos e volante ajustáveis à sua medida, são apenas algumas das 46 razões que nos levam modestamente a afirmar que o Triumph 1300 é um Triunfo. Se procura um automóvel que combine o conforto dum bom carro de turismo com a raça dum carro de sport prolongue apenas as suas buscas até ao representante Triumph mais próximo. O Triumph 1300 é o carro que procura.



stampor, SA

Stand: Av. Infante Santo, 17
Oficinas: R. Tomaz Anunciação, 11
Peças: R. Conselheiro Martins de Carvalho, Lote 1480 (Restelo)
Lisboa

BRITISH LEYLAND TRIUMPH

O melhor passaporte para a Europa

O deposimetro Owens destina-se á recolha de poeiras em suspensão procedentes de complexos industriais, dos escapes dos automóveis, do desgaste dos pneus, etc.

POLUIÇÃO: O FLAGELO DOS NOSSOS DIAS

(Continuação da 11.ª página)

O exame do quadro mostra que as médias mais elevadas foram obtidas nos postos localizados em zonas residenciais de grande circulação automóvel.

• Postos de detecção na baixa

Outros gráficos mostram os valores médios do *pH* (grau de acidez) da água da chuva recolhida nos pequenos pluviómetros, por postos e por meses, nos anos de 1968 e 1969. Verifica-se que em 1968 o *pH* foi na maior parte dos casos inferior a 7, e que no ano de 1969 os valores do *pH* foram mais baixos que os do ano anterior, mantendo-se constantemente na zona ácida. Como se sabe (ou não...), o *pH* da água pura (meio neutro) é igual a 7 — e os valores de *pH* superiores a 7 correspondem a meios alcalinos, e os inferiores a 7 correspondem a meios ácidos.

Quanto a outros agentes da poluição atmosférica (óxidos de carbono, amoníaco, 3-4 benzopireno e outros hidrocarbonetos, etc.), o Grupo de Trabalho para a Poluição do Ar não dispõe de elementos significativos, visto que (segundo o dr. Lemos Salta), «*devido a dificuldades de aquisição de material e á carência de pessoal, só em pequena parte foi possível realizar o respectivo programa de medições*».

— *Presentemente no entanto, o Município adquiriu vários aparelhos detectores e criou três lugares para serem oportunamente preenchidos por um agente técnico de engenharia e dois preparadores* — esclareceu o dr. Lemos Salta.

Efectivamente (e por informação colhida na Câmara Municipal de Lisboa) vai ser instalado, para já, um posto (com aparelho SF) na Rua Augusta — e está também prevista a instalação de um outro idêntico na Rua do Carmo.

Estes dois postos serão os primeiros instalados por uma entidade oficial, «*e oxalá tal medida constitua um exemplo que frutifique*» — sublinhou o dr. Lemos Salta.

CONGRESSO DO AR PURO EM WASHINGTON

O Grupo de Trabalho tem estudado e informado devidamente, de harmonia com os elementos disponíveis, os documentos (em numero de várias dezenas) remetidos pela O. C. D. E,. através da Comissão Técnica de Cooperação Económica Externa, e pela Comissão Económica para a Europa das Nações Unidas, por intermédio da Comissão de Coordenação Económica.

De 6 a 11 de Dezembro próximo efectua-se em Washington o II Congresso Internacional sobre o Ar Puro, promovido pela União Internacional das Associações para a Prevenção da Poluição do Ar. A convite deste Organismo Internacional, o presidente do Grupo de Trabalho (dr. Lemos Salta) apresentará uma comunicação ao Congresso e chefiará uma delegação de que fazem parte os drs. Alfredo Simões Mendes (Serviço Meteorológico Nacional) e Mário Quintanilha (SACOR) e os engs. Santos Viseu (Siderurgia Nacional) e Chagas dos Santos (CUF).

MARPOREL - Sociedade Industrial de Mármores Portugueses, Lda.

Certifico que, por escritura de 28 de Julho de 1970, lavradas de fl. 38 a fl. 41 do livro de escrituras diversas n.º 458-B do 13.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário, Dr. Abel Augusto Veiga da Gama Vieira, foi alterado parcialmente o pacto social da sociedade Marporel — Sociedade Industrial de Mármores Portugueses, Lda., com sede em Alcoitão, com referência ao artigo 4.º e corpo do artigo 6.º, que passaram a ter a seguinte redacção:

4.º

O capital social continua a ser de 1 000 000$00, integralmente realizado e representado pelos diversos valores que constituem o activo da sociedade, e corresponde à soma das seguintes quotas: uma de 340 000$00, do sócio Joaquim Lopes Fernandes; outra de 330 000$00, do sócio Júlio Mendonça Caeiro, e outra de 330 000$00, do sócio Donill Custódio da Ponte.

6.º

A administração e gerência da sociedade fica a cargo de todos os sócios, os quais ficam desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for resolvido em assembleia geral.

Está conforme com o original.

13.º Cartório Notarial de Lisboa, 29 de Julho de 1970. — O Ajudante, *Mário Ferreira Cardoso.*

MAIORES DE 17 ANOS AMBIENTE SELECCIONADO
MÁRIO SIMÕES
E O SEU CONJUNTO
na «BOÎTE»
HIPOPÓTAMO
SERVIÇO DE CEIAS
MARQUE A SUA MESA PELO TELEFONE 48384
AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR N. 3
ABERTO DAS 22 AS 5 H. (Encerrado aos domingos)

OUVIR BACH

A «MISSA EM SI MENOR» NO TEATRO DE S. CARLOS

Do conjunto vocal de mais de 130 elementos que vai interpretar a «Missa em si menor», de Bach, na noite de segunda-feira próxima, para inauguração da temporada de concertos do Teatro Nacional de S. Carlos, fazem parte as cantoras alemãs Lotte Schädle e Marga Höffgen, como soprano e contralto solistas.

Depois de ter estagiado na Ópera de Estado de Munique, Lotte Schädle pertenceu ao elenco da Ópera de Nuremberg. Entrou depois no quadro permanente da Ópera de Estado de Munique, no qual hoje ocupa lugar de relevo. Foram-lhe conferidos o título de «Kammersänger» e «Bayerischer Verdinestorden». Tem participado em festivais e dado concertos em cidades como Estocolmo, Helsínquia, Florença, Bayreuth, Edimburgo, Munique, Paros, Salzburgo, Dresden, Bruxelas, Moscovo e Leninegrado. Apesar de a ópera ser o seu principal ramo de actividade, Lotte Schädle distingue-se igualmente como cantora de concerto e de «Lied». Muitas das suas interpretações serão gravadas em disco.

A carreira internacional de Marga Höffgen como cantora de concerto começou com a «Paixão segundo S. Mateus», sob a direcção de Herbert von Karajan, no «Musikverein» de Viena. A crítica sublinhou a «mais preciosa voz de contralto que a Alemanha possui actualmente». Essa carreira teve o desenvolvimento que se esperava: Londres, Festival de Edimburgo, Estocolmo, Copenhague, Amesterdão, Roterdão, Paris, Berlim, Hamburgo, Festivais de Bayreuth (incluindo o do ano corrente), Munique, Festival Mozartiano de Wurzburg, «Wiener Festwochen», Leipzig, Zurique, Genebra, Milão, Veneza, Bolonha, Turim, Roma, Nápoles, Palermo, Festivais de Perúgia e Lucerna, Lisboa e Porto (6.º Festival Gulbenkian de Música), Buenos Aires, Tóquio e Osaka. As gravações de Marga Höffgen estão editadas por muitas firmas. Uma das últimas é a da «Missa Solene», de Beethoven, sob a direcção de Eugen Jochum (1970).

NORMA
Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas S. A. R. L.
Av. 5 de Outubro, 122 - LISBOA

O DINAMISMO DE UMA EMPRESA DEPENDE DA CAPACIDADE DE CHEFIA DOS SEUS QUADROS

COMO DESENVOLVÊ-LA?

O SUCESSO DE UM CHEFE ASSENTA NA SUA CAPACIDADE DE PLANEAR, ORGANIZAR, CONTROLAR E TRANSFORMAR EM UNIDADES DINÂMICAS OS GRUPOS DE TRABALHO QUE ORIENTA

COMO APERFEIÇOÁ-LA?

NORMA

OS PRINCÍPIOS BÁSICOS DA CHEFIA

CURSOS — 28 horas
Lisboa, de 26 a 29/Out/1970
Porto, de 9 a 12/Nov/1970

Um conjunto de princípios fundamentais de gestão, de conhecimento indispensável áqueles que exercem ou venham a exercer funções de média chefia, serão desenvolvidos neste curso.

A metodologia seguida baseia-se nos princípios da pedagogia activa, apresentando os conceitos em sequências tão lógicas que permitam a sua rápida apreensão e fácil aplicação à actividade da gestão.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
NORMA — Centro de Formação e Desenvolvimento
Avenida 5 de Outubro, 122-5.º — LISBOA — Telefone 76 77 11/12

IMPRENSA NACIONAL

REVISORES

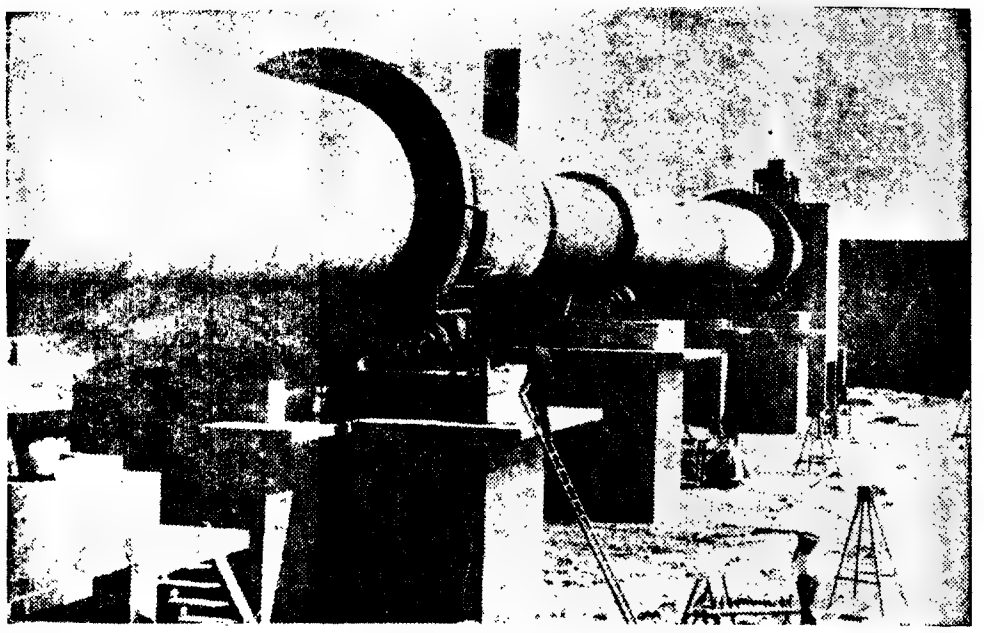
Está aberto concurso de provas práticas de português, francês e inglês, até 27 do corrente, para a admissão de revisores tipográficos, com o vencimento de 5 700$00. Serviço militar cumprido.

Condições patentes na Secção de Pessoal, Rua de D. Francisco Manuel de Melo, 5, Lisboa.

Lisboa, 17 de Outubro de 1970.

A POSIÇÃO DA INDÚSTRIA FACE ÀS REALIDADES QUE TEM DE ENFRENTAR

— analisada na inauguração da fábrica de agregados ligeiros de argila pelo dr. Domingos Manuel Megre



Um ângulo das instalações ora inauguradas

AVELAR, 21 (Do nosso enviado especial) — Com a assistência de diversas entidades oficiais, entre as quais se destacavam os srs. eng.º Pinto Eliseu e Rogério Martins, respectivamente, secretários de Estado das Obras Públicas e da Indústria; da embaixatriz da Dinamarca no nosso País, sr.ª D. Bodil Begtrup, além de outras individualidades especialmente convidadas foi ontem inaugurada nesta localidade, a primeira fábrica montada em Portugal para a produção de agregados ligeiros de argila expandida.

Assistiram ainda ao acto inaugural, pelo que se deslocaram propositadamente ao nosso País, o industrial belga Joseph Goossens, na qualidade de presidente da Leca Internacional — organização que agrupa os doze países em que se fabrica o referido produto — e o eng.º Kal Thastum, Técnico dirigente da Leca Tentor, de Copenhaga, detentora da patente. O empreendimento hoje inaugurado é unidade industrial de vulto, cujas dependências fabris cobrem uma área de seis hectares e que dispõe de matéria-prima de cerca de vinte hectares de barreiras de argila.

A respectiva construção e montagem prolongou-se por dez meses e a fábrica conta com elevada capacidade de stocagem de argila e de produto fabricado, sendo a capacidade nominal de produção da ordem dos duzentos mil metros cúbicos por ano.

Características do empreendimento

Os agregados ligeiros de argila expandida desta fábrica erigida aqui, em Avelar, têm como utilização mais correntes os betões de isolamento e de enchimento, os refractários e os resistentes; os blocos de alvenaria e de pavimentos, os painéis de parede e cobertura e outros pré-fabricados.

O agregado ligeiro de argila expandida LECA (lightweight expanded clay aggregate) de patente dinamarquesa é um material resultante da secagem, expansão, peletização e cozedura a cerca de 1 200º C. em forno rotativo de certas argilas adequadamente preparadas. A Leca apresenta-se sob a forma de granulos arredondados com estrutura interna celular e superfície externa dura e resistente.

A Leca criou já em toda a Europa e na América o seu mercado próprio pois se trata de um material que veio trazer solução a muitos dos problemas da construção civil. — Assim o seu baixo coeficiente de condutibilidade confere-lhe características de relevo como isolante térmico e daí a sua larga aplicação em isolamento de coberturas, pavimentos e paredes de edifícios, quer utilizado solto quer utilizado como inerte de betões.

Por outro lado o baixo peso específico do material e a sua apreciável resistência á compressão tornam-o inerte ideal para a confecção de betões leves, resistentes e isolantes para a indústria de pré-fabricados de grandes dimensões (blocos de alvenaria e de pavimento e painéis parede, por exemplo) do que resulta uma economia de mão-de-obra e rapidez de execução, determinantes factores na racionalização da construção e no seu custo.

A aceitação que a Leca tem tido eleva a produção global anual na Europa a mais de cinco milhões de metros cúbicos aliás em aumento crescente.

A inauguração do conjunto fabril

Os convidados principiaram a chegar ás instalações fabris cerca das 12 horas. À entrada foram recebidos pelos componentes do conselho de administração da empresa proprietária á frente dos quais se via o respectivo presidente dr. Domingos Manuel Megre.

Às 12 e 20 acompanhada pelo conselheiro da Embaixada chegou a sr.ª D. Bodil Begtrup, embaixatriz da Dinamarca. Pouco depois, os srs. eng.º Pinto Eliseu e Rogério Martins. Após breve troca de cumprimentos os dois membros do governo e todos os convidados iniciaram uma demorada visita ás dependências da importante unidade fabril.

Durante a visita que demorou mais de uma hora o Dr. Domingos Manuel Megre explicou aos seus convidados os diversos focos da complexa produção dos agregados ligeiros de argila expandida.

A etapa do desenvolvimento económico é a mais necessária

Após a visita foi servido um almoço a todos os convidados. No final usou da palavra o presidente do conselho de administração da Argilex — Sociedade de Argilas Expandidas — sr. Dr. Domingos Manuel Megre que disse:

«Poderá a alguns parecer pretencioso que eu procure, desde já, situar-me para além dos cumprimentos protocolares e do manifestar a todos V. Ex.as a muita honra que tenho, e tem todo o Conselho de Administração da ARGILEX, em os ter aqui. Porém, não me seria lícito esconder, perante a gravidade da hora portuguesa, e perante o facto de lançar uma nova unidade de produção, ainda que modesta, na economia nacional, que isso me coloca na necessidade de dar conta a V. Ex.as, pelas responsabilidades de diversos níveis que representam, de algumas considerações que tais factos provocam em mim, e isso na medida em que me sinto solidário na responsabilidade de estar no mundo e, concretamente, na realidade portuguesa. Realidade que não é, de modo nenhum, nossa exclusiva, mas uma fronteira, uma consciência, uma história e um futuro aberto e atento ás ansiedades, aos problemas e á interligação com outras fronteiras, outras consciências, outras histórias e outros futuros que nem sequer a nós caberá criar mas com os quais nos devemos sentir empenhados e solidários. Nada me enche mais que sentir a Pátria, isto é, o povo a que pertenço, mas nada também me perturba e me inquieta mais do que reduzi-la á expressão doentia de um nacionalismo exclusivista.

Ora parece-me ser exactamente na charneira entre uma maneira antiga de ser português ou estar no mundo como tal e uma nova maneira de estar aí para não deixarmos de ser portugueses, que se situam as tensões bem graves porque estamos passando e que, se bem aproveitadas, poderiam talvez conduzir á nossa própria reabilitação.

Permita-se-me pois que, de uma forma breve e focando por isso apenas os aspectos gerais do problema, eu lhes dê conta de como vejo a posição da indústria portuguesa em face dos princípios e das realidades que tem de enfrentar. O facto a meu ver mais marcante e mais inquietante da conjuntura industrial portuguesa reside na permanência de uma falta de dinamismo por parte das entidades privadas em investir, a que se vem juntar, por outro lado, a carência notória de recursos por parte do Estado, e isto quando defrontamos um processo inflaccionista cujo antídoto mais válido estaria, exactamente, no aumento do produto nacional.

Tudo isto deve ser naturalmente entendido com referência a índices de desenvolvimento que se desejariam alcançar, mesmo que num plano de modéstia, importando não sermos iludidos por estes ou aqueles projectos isolados mais ou menos grandiosos mas que não constituem, só por si, factor de arranque e de progresso numa estrutura económica que tem de ser harmónica e viva nos vários sectores da indústria e tanto na distribuição espacial deles como no objectivo primário de uma equilibrada distribuição dos rendimentos.

Vivemos muitos anos praticando, deliberadamente (ia dizer: e «gostosamente»...) um tipo de desenvolvimento económico que eu diria processar-se de modo a não se atrazar com o tempo — o tempo português, claro — e na medida em que era preciso passar do pouco para algo que fosse *mais* mas não *demasiado*. Era hábito, de facto não superar positivamente as tensões mas, tão só, evitá-las, era bom não ser ambicioso nas metas propostas mas tão só manter uma baixa mediania resignada, não abrindo aos portugueses as fronteiras onde aqueles problemas e aquelas tensões eram forças de estímulo, antes mantendo-os seguros do seu destino, mesmo que pobre e sem altura.

Os ingredientes instrumentais desta política iam buscar-se á força anestesiante de um condicionamento apertado (mas não inacessível aos valetes do palácio), ao aproveitamento do baixo salário e ás medidas proteccionistas e restritivas de toda a ordem, que ainda por cima não protegiam quem necessitava de protecção, nem restringiam os que de restricção careciam.

Não se pretende com isto negar o que se fez nem o que se progrediu mas tão sómente reduzir isso ás suas verdadeiras proporções. Também não se é ingénuo ao ponto de pensar que o arranque de uma economia sub-desenvolvida (eufemisticamente chamada «em vias de desenvolvimento») poderá processar-se sem o espartilho de certos processos restritivos, mas tem de se deplorar a medida e o talho do modelo e o adormecimento que uma tal mentalidade criou nas pessoas e no próprio sistema. Isto para além do impasse — simultâneamente causa e consequência de toda esta engrenagem — em que todo o mundo do trabalho se viu mergulhado através das restrições sindicais, fruto duma política que encarava a liberdade sindical e correlativos direitos frente ao patronato, como factor de desordem, quando, indiscutivelmente são — a história dum século de Europa Ocidental o confirma — factor de desenvolvimento e apelo á inventividade e ao progresso técnico. E isto tudo, afinal, porque muitos fenómenos que afectam certas sociedades e que levamos á conta de virtudes — como sejam a paciência, a austeridade e a resignação dum povo — podem muitas vezes ser antes reveladoras duma situação de pré-humanidade motivada pelo abandono imerecido a que esse povo foi votado.

Mas o tempo foi passando, e esse mesmo tempo e aquela mesma realidade fez estalar os esquemas tradicionais — surgiu a emigração e a subida dos salários, perfilou-se no horizonte a integração europeia, veio a guerra de África, acentuou-se a pressão sindical mesmo controlada, e, aos 20 anos da EFTA., 50% foram já roubados.

E agora? agora, diz-se, é preciso, realmente, começar. É bizantino inquirir se começar e evoluir na continuidade ou antes recomeçar tudo de novo. Eu diria: trata-se, muito simplesmente, perante a imensidade da tarefa á nossa frente, de estarmos disponíveis para tudo, mas tudo o que for necessário, útil e essencial á batalha do desenvolvimento, já que esta me parece ser a etapa mais necessária á humanização da nossa estrutura social.

Posso interrogar-me e interrogo-me, sobre qual deverá ser a estrutura da sociedade futura mais conforme com a promoção e a libertação do Homem mas não tenho dúvidas em afirmar que, neste momento e neste país, a etapa do desenvolvimento económico é a mais imediatamente necessária e a que melhor pode servir a sociedade futura, seja qual for o tipo de solução a mostrar-se o mais adequado ao serviço do Homem.

Disse atrás que faltava dinamismo ao investimento privado e eram escassos os recursos do Estado. Isto, repete-se, tendo em conta o nível em que estamos, a urgência de escalada e as metas que importa atingir. Ora penso também que, antes de mais, é necessário fazer um inventário sério das possibilidades e carências do país no caminho para o desenvolvimento a fim de que seja possível definir uma política coerente e, sobretudo, tornada realizável através de opções bem precisas em ordem a um desenvolvimento ao serviço de todos em vez de todos a servirem o desenvolvimento... de alguns.

Parece-me estar agora acontecendo entre nós que, saturado o antigo esquema, o qual, pesando embora os altos e baixos, até se realizou coerentemente na magra escala da sua resignada ambição mas deixando-nos — como bem notou o sr. secretário da Indústria — no mesmo ponto de atraso relativo que já tínhamos, eis que foi aberta aos quatro ventos (ao menos nas intenções e nos colóquios) a nova via para esse desenvolvimento.

Mas até hoje — e voltamos ao inventário e agora também ao Plano (o III Plano de Fomento) — ainda não foi feito um esforço de esclarecimento do país sobre estas coisas essenciais:

— quais os meios reais, humanos e materiais de que dispomos para realizar esse desenvolvimento numa perspectiva de seriação e estudo de soluções alternativas capazes de propiciarem uma escolha definitiva mas crítica?

— até que limite se poderá ir?

— se a opção a tomar conferir á iniciativa privada o papel motor e ao Estado o papel de simples animador, de que precisa essa iniciativa privada para encontrar dentro de si e nos estímulos que lhe são dados ou prometidos a força suficiente para realizar tal tarefa?

— e não teria em qualquer caso, de se conferir ao Estado um papel muito mais directamente intervencionista?

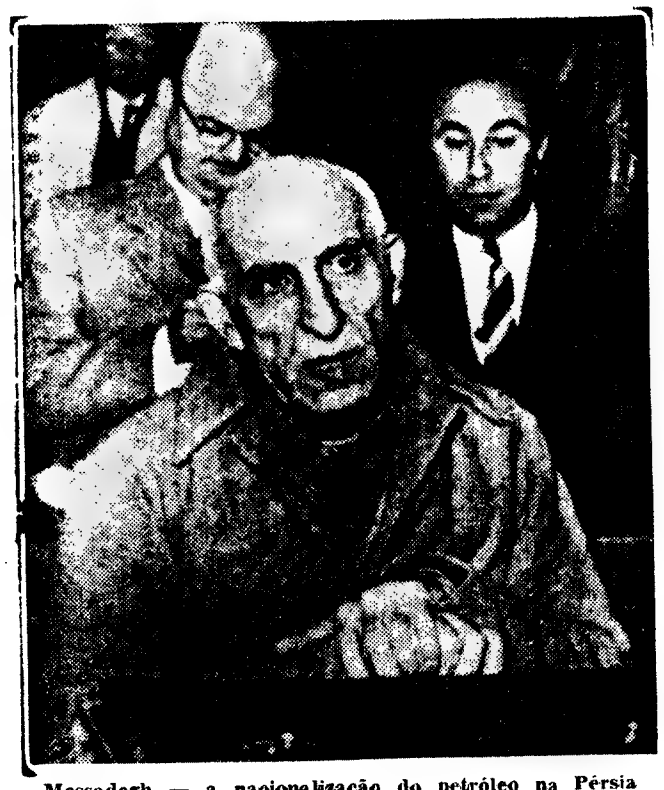
— mas, se for assim, em que medida a guerra de África condiciona tal tarefa?

— os apelos á iniciativa privada para que faça o que parece impossível (e digo parece porque tudo se faz a benefício de inventário...) têm que ver com a realidade de uma convicção económica séria ou representam o refúgio fatal diante da limitação dos recursos que o Estado encontra á sua frente?

— Poderá o recurso ao investimento estrangeiro — tendo em conta as várias economias e o ponto crítico em que se encontra a nossa — compensar, de algum modo, as nossas carências internas? Em que medida? Onde acaba neste domínio, o sonho e começa a realidade?

Estas e outras perguntas mostram bem a complexidade do problema e, a um tempo, a necessidade imperiosa de escolher criticamente (sem o que não haverá autêntica escolha) uma via que possa corresponder a princípios coerentes e a objectivos e meios

(Continua na 26.ª página)



Mossadegh — a nacionalização do petróleo na Pérsia constituiu um facto que ninguém ousara imaginar

O "TIO SAM" NO MÉDIO ORIENTE

1—UM FEUDO INGLÊS

A PRESENÇA dos americanos no Médio Oriente constitui uma das páginas mais extraordinárias do segundo pós-guerra. Até 1947, esta região foi feudo da Inglaterra. A derrota da Turquia na primeira guerra mundial, como aliada da Alemanha, deixou o terreno livre aos ingleses para criarem, nos antigos territórios de população árabe do império otomano, um mosaico de Estados de sua obediência. Isto permitiu que se instalassem mais sòlidamente que nunca na rota das Índias. Mas o Médio Oriente era também o

Os E.U.A. estavam então muito longe. O seu feudo do petróleo era a América Latina. O Médio Oriente e o Mediterrâneo oriental não lhes interessavam nem pelo petróleo nem pela posição estratégica.

A grande viragem

Tudo iria mudar depois da segunda guerra mundial. O ponto de partida será dado no Irão. A Inglaterra não tardará a ver-se aí em dificuldades. O aparecimento da União Soviética tinha alterado o equilíbrio das forças, ali, mais do que em qualquer outro ponto do Globo. Passaram-se agora coisas que ninguém ousara imaginar: a nacionalização do petróleo pelo Governo de Mossadegh.

Este acontecimento assinalaria uma data na história do Médio Oriente e do pós-guerra: aparecia no Mediterrâneo novo gigante vindo do outro lado do Atlântico — os E.U.A. A Inglaterra não estava em condições de defender, sòzinha, as suas posições, nessa região onde, até essa altura, reinara como senhora absoluta. Para enfrentar a U.R.S.S. precisava de ter os E.U.A. a seu lado. Tarefa bem difícil. As razões estratégicas não bastavam para chamar as atenções do Governo de Washington para o Mediterrâneo oriental. Só a perspectiva do paraíso do petróleo poderia criar um tal interesse. Mas nunca se fala abertamente destas questões. Era necessário arranjar um pretexto estratégico. E este pretexto foi a guerra civil que, nessa altura, lavrava na Grécia. Por outras palavras: foi preciso passar pela Grécia para chegar ao petróleo do Irão e do Médio Oriente.

Será a grande viragem da política dos E.U.A. no Mediterrâneo e no Médio Oriente: a «doutrina Truman».

Sob o signo da chantagem

Até esse momento, os americanos também não se interessavam pela Grécia, nem pela sua posição estratégica, nem pela crise interna que ela atravessava. Londres tentava em vão arrastar Washington sobretudo desde que a situação no Médio Oriente começara a agravar-se. E, no entanto, na guerra civil grega, travava-se luta entre comunistas e monárquicos.

No Outono de 1964, na sessão da Assembleia Geral da O.N.U., Bevin falou ao seu colega americano, Byrnes, da situação na Grécia que, entretanto, se agravara, fazendo, ao mesmo tempo, alusões á intenção do Governo britânico, que pretendia retirar as suas tropas do país. Era a primeira fraca tentativa de uma chantagem para forçar a mão aos americanos, chantagem que, daí a um ano, se irá desenvolver completamente. Byrnes — sabemo-lo hoje pelas suas memórias — não reagiu. Atribuiu as afirmações do chefe do Foreign Office a uma questão de «nervosismo».

Para fazer sair [illegible] E.U.A. da sua «[illegible]dade», entre a Ing[illegible] e a U.R.S.S. recorr[illegible] a uma manobra [illegible]vel: a criação d[illegible] «vácuo» na Grécia, a[illegible] sentando, como [illegible] concreta, a [illegible] que não passava [illegible] simples «entusiasmo» [illegible] a retirada das tro[illegible] tânicas. Num caso [illegible] os americanos M[illegible] diam ficar indiferen[illegible]

No dia 27 de Feve[illegible] de 1947 estalou uma [illegible] dadeira «bomba»: [illegible] dres anunciava que o [illegible] verno britânico dec[illegible] «abandonar» a Gréci[illegible] Inglaterra declarava [illegible] incapaz de continua[illegible] sua política de apo[illegible] Grécia e pedia ao Go[illegible] no americano que a [illegible] se substituir nesse [illegible] A notícia assumia [illegible] aspecto ainda mais [illegible] mático pelo tom de[illegible] mato» da diligênc[illegible] Sua Majestade. Mar[illegible]-se um prazo para a [illegible] sação de todo o au[illegible] ao Governo de Aten[illegible] 31 de Março de 1947. A partir desse dia a Grécia seria abandonada á [illegible] triste sorte pela su[illegible] tectora encart[illegible] Grã-Bretanha.

Para apoio [illegible] gência, o emba[illegible] tânico em Aten[illegible] ao mesmo tempo [illegible] verno grego a lan[illegible]

Por ATTICUS

BANCO TOTTA & AÇORES

Sede: Rua Aurea, 88 — LISBOA

Capital e reservas, Esc. 864.000.000$00

TROCA DE ACÇÕES

Comunica-se aos Senhores Accionistas que a partir do dia 19 de Outubro corrente e até 60 dias desta data, deverá proceder-se a troca das Acções dos extintos Banco Totta-Aliança e Banco Lisboa & Açores por novas acções do **BANCO TOTTA & AÇORES**

A 6 acções do Banco Totta-Aliança correspondem 7 acções do **BANCO TOTTA & AÇORES** e a 3 acções do Banco Lisboa & Açores correspondem 4 acções do **BANCO TOTTA & AÇORES.**

Lisboa, 18 de Outubro de 1970

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

FRANCÊS ● INGLÊS ● ALEMÃO
ITALIANO ● RUSSO ● HEBRAICO
MANHÃ, TARDE OU NOITE
cial
CENTRO DE LÍNGUAS
AV. DA REPÚBLICA, 14
Telef. 53 37 33

CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS
Director—PROF. VASCO BOTELHO DE AMARAL
1.ª Secção — RUA MOUZINHO DA SILVEIRA, 25 (Metro — Rotunda)
2.ª Secção — AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO, 25 (Metro — Picoas)
Telefone geral 53 84 94

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA
A
Ourivesaria da GUIA
FUNDADA EM 1875
EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

ATÉ 1947

paraíso do petróleo, de cujas riquezas mal se suspeitava então. Só se conhecia o petróleo do Iraque e do Irão, de que a Inglaterra há muito se assenhoreara. Mas os ingleses lançavam também os olhos sobre a Aráb**ia** Saudita e os emiratos do Golfo Pérsico.

S.O.S. ao Governo de Washington. Entretanto, Londres fingia ignorar esta diligência «desesperada». Aliás, a situação na Grécia não era, de modo nenhum, catastrófica. O Governo prepa- o Governo britânico fizera saber ao Governo americano que a Inglaterra gostaria de ver os E.U.A. a auxiliarem a Grécia, sobretudo no domínio económico e financeiro. O presidente americano en-

BEVIN — Uma tentativa de chantagem para forçar a mão aos americanos

[illegible] uma «grande ofen[illegible] para acabar com [illegible]es.

[illegible]erto em Washington

Os ingleses especulavam com o efeito de surpresa que o «ultimato» britânico teria sobre Washington. Contavam com a desorientação dos americanos e com as decisões precipitadas que daí decorreriam. Porém nada disso aconteceu. Na Casa Branca e no Departamento de Estado estava-se perfeitamente ao corrente da situação na Grécia.

Além das declarações prestadas por Bevin a Byrnes, acerca da Grécia, no Outono de 1946, sabe-se pelas memórias de Truman que desde então viou a Atenas uma missão económica, dirigida por Paul Porter, antigo presidente da Comissão dos Preços nos E.U.A., durante a guerra, a qual foi encarregada de estabelecer as condições em que poderia ser concedido um auxílio financeiro á Grécia. Esta só recebia então auxílio de natureza alimentar, no quadro do programa da U.N.R.A. para os países libertados da Europa.

No dia 3 de Fevereiro de 1946, o embaixador dos E.U.A. em Atenas, McVeagh, enviava um despacho ao Departamento de Estado, anunciando que «corriam boatos de uma retirada das tropas britânicas na Grécia, ou, pelo menos, de uma parte apreciável dos seus efectivos». Estes «boatos» eram, naturalmente, postos em circulação pelos ingleses. Era a

(Continua na 17.ª página)

PARA COMPRAR OU VENDER
AS SUAS JÓIAS
ORBOSA, ESTEVES & C.ª, LD.ª
Rua da Prata 293

A LENTE da memória

por URBANO TAVARES RODRIGUES

Algures no Alentejo, num vilarejo em festa, com barracas de feira, plásticos à venda por todo o lado, alguma louça regional, vacas e burros olhando com espanto a pista de automóveis eléctricos, homens ainda de pelico apesar da canícula e um velhote ressequido mas direito, saindo aos bordos do seu escuro paraíso-taberna, camisa de flores azul-bebé, estilo «hippy», debaixo da jaleca. A camisa foi comprada, é claro, ali mesmo, numa daquelas tendas que vendem, sem o saber, uma alteração de hábitos, de culturas, ora em doses cavalares, ora em doses homeopáticas.

A brisa da tarde cheira a sobro e a azinho, a estevas e à liquidez dos rios, das lagoas mortas. Depois é a noite lenta, que vem ferir o suor dos corpos aguardentados, é o firmamento de vinho e de foguetes. São os jantares nas tascas, costeletas de porco, algazarra, os autómatos tristes vociferantes vestidos de negro, o grão de insolência, ou desagravo, na asa cansada, os passeios aos ziguezagues pela rua única, uma mão calosa no meu ombro, no teu ombro, todos os ombros cedendo ao bronze de uma fraternidade tão fugaz, entaramelada, melancòlicamente expansiva, com versos de improviso sem o génio de António Aleixo, mas que nos despem das cordas e dos ferros com que andamos ligados, longe uns dos outros.

Por fim, o baile popular. Mas quando eu esperava ver surgir a concertina, a doce viola antiga, os ferrinhos, talvez o bombo, qual quê?!, eis-me perante as guitarras eléctricas, a bateria, um vocalista gritante e meloso. Sobre um estrado os quatro moços do «conjunto», um deles loiro, de cabelos doidos, outro com calças à boca de sino. Esse é o que devora não uma beata, mas uma autêntica flor vermelha, que lhe pende do canto da boca; e tem o jeito do pé do Elvis Presley.

Em volta do terreiro há uma paliçada, excepto do lado que se ampara à parede de uma casa, a mesma em cuja janela, voltada à travessa, se cobram os bilhetes, dez escudos, os homens; cinco, as senhoras.

No recinto de dança, que é de terra batida, fervilha o pó, mas há gargantas adolescentes opressas, sorrisos que sùbitamente empalidecem ou rutilam como a terra-carne que se abre ao entusiasmo. É gente nova: rurais endomingados, garotas roliças e pategas, mas de carinha linda, e até uma que foi buscar o seu vestido a imitar brocado à arca com naftalina. Destoando, mas não tanto assim (depois de o vocalista iniciar as canções do seu reportório com «Simpathy»: pode não saber inglês, mas sabe, pelo menos, a letra desta canção), os grupos raros de veraneantes ou forasteiros, um universitário negro e uma bela crioula, de feições vibrantes e delicadas, traje psicedélico, ambos dançando como chamas em suspensão, torcendo-se roucamente, toda essa gente nova confraterniza com o povo já afiambrado (que povo, só um inquérito ali mesmo feito o diria com rigor, mas as conversas não deixam dúvidas sobre os estratos sociais, nem os casalinhos airosos de moça com moço «balhando»). E, nesta saudável interpenetração de camadas, nesta ascensão dos filhos do proletariado ao ié-ié, que lembra a descoberta do «rock» na província italiana do após-guerra, em filmes neo-realistas e no documentário verídico que os meus próprios olhos fotografaram, há qualquer coisa de animador. Uma ligeira, ainda que bem ligeira, aceleração no processo histórico.

O que o penteado cantor administra, em grandes doses, à sua assistência, à menina triste e morosa, menina local com um toucado de amoras pasmadas, aos rapazes que a camiseta de verão quase igualiza, às mocinhas da cidade, de «jeans» e cigarro nos lábios ou copo de cerveja na mão, aos que só sabem dançar agarrados e dando ao braço o compasso como aos que se mexem em descargas eléctricas e pulam, sorriem, contraem e esticam o ventre ou agitam os dedos em transe, é — nem outra coisa seria de esperar nem talvez ali estivesse mais certa — o ié-ié romântico de Roberto Carlos. Ao nível da foto-novela, dos «comics» amorudos, da passagem de uma sociedade antiga a uma sociedade híbrida, em começo de industrialização, se bem com pragais, e não poucos, de subdesenvolvimento e estagnação.

O BAILE POPULAR

Ali era um momento eufórico de miscigenação, à tona da vida, das camadas tão díspares da nossa sociedade de classes. Embora não falassem, por exemplo, comentários jocosos, que até nem eram malévolos (a massa peganhenta das hierarquias incrusta-se mesmo na pele dos que se julgam mais abertos), do sector burguês boémio à fatiota puxavante das alentejanitas, a quem por desconhecimento total de aculturações tão distintas, eles chamavam «saloias». Entristeceu-me o equívoco... Mas que é isso, entre tanto afastamento e tão absurdos estatutos de convívio paternalista!... Enfim...

Quem me impressionou deveras foi o homenzinho troncudo, operário da construção civil, de beiçola entre agressiva e desconsolada, que, já em Lisboa (mas era alentejano também) parou diante dos automóveis estacionados numa artéria soalhenta, cheio de rumores de férias e dessa gente ardilosa que parece desocupada (pois anda sempre a sirandar de bar para bar, de escritório para escritório, e é a que ganha mais dinheiro) e, interpelando-me bruscamente, disse:

— Oiça, lá, quem é que trabolha nesta cidade?

— Em que sentido?

Então explodiu. E nem era totalmente correcto nas suas apreciações. Mas estava carregado da sua razão tremenda de frustrado

— Eu quero é emigrar, seja como for, até para França, que é o mais ruinzinho desses países da estranja, para onde a malta desanda. O raio é eu ter cinquenta e sete anos. Não me deixam... Se tivesse menos uns treze ou catorze...

Sorri, muito amàvelmente. Não, não é esse o meu ofício. Bebemos juntos uma cerveja (eu, a dizer a verdade, fingi que bebi) mas estava com ele em fraternidade.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

SE TEM AUTOMÓVEL
realize dinheiro s/ hipotecar, ou s/ transferir, s/ alterar o seguro; até 40 meses. Rua D. Estefânia, 81, 3.º Dt. — Telef. 40049 - 56375 L. Aguardo sua visita ou telefonema

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

AS LICENÇAS DE CAÇA NOS DOIS ÚLTIMOS ANOS

(Continuação da 10.ª página)

como profissão — (visto que há hoje numero incomparável 26 das suas províncias. E nós que esperamos?

É a prática do acto venatório como aliás a de todos os desportos — e a caça é um desporto, não tenhamos duvidas embora haja milhares de veemente superior de futebolistas e hoquistas do que havia há meio século) conta com numero sempre crescente de adeptos. Basta apontar alguns numeros de licenças de caçar emitidas para comprovar esta afirmação: em 1938, 68 796; em 1948, 124 957; em 1958, 142 411 tendo em 1968 descido para 116 387 devido ao condicionamento imposto pelo regulamento de 14 de Agosto de 1937 aos caçadores, depois de ter sido de 173 791, em 1966, o numero de licenças de caçar

Insere seguidamente um mapa contendo, por distritos, as quantidades de licenças nele mencionadas referentes aos anos de 1968 e 1969.

Eis o que ele nos confidencia:

Da consulta dos números deste quadro conclue-se que em relação ao ano de 1968 a diferença de documentos emitidos em 1969 foi a seguinte: no continente, mais 12 422 licenças de caçar e 469 de furão; e menos 8853, 9158 e 7, de cães, de arma de caça e de criador de furões, respectivamente; nas ilhas adjacentes menos 296, 618 e 71 licenças de caça, de cão e de furão, e mais 24 de arma. A diferença verificada entre os números indicados aqui e os apresentados pelas Comissões Venatórias resulta de diferença de critério pois a época venatória não coincide com o ano civil.

NABAIS DA CUNHA

Distritos	De caça 1968	De caça 1969	De cão 1968	De cão 1969	Arma 1968	Arma 1969	Furão 1968	Furão 1969	Criaç. furão 1968	Criaç. furão 1969
Total geral	117 994	130 732	140 384	130 913	141 631	132 497	3686	4144	134	127
Total do Continente	116 387	128 829	138 029	129 176	140 229	131 071	3270	3739	134	127
CONTINENTE										
Aveiro	5 439	6 172	5 722	5 465	6 773	6 488	23	139	—	—
Beja	6 798	7 326	7 344	7 433	8 173	8 042	80	99	1	1
Braga	6 829	7 796	9 949	9 883	7 515	7 328	67	180	21	48
Bragança	2 930	3 242	1 774	2 050	4 871	4 749	148	196	8	5
Castelo Branco	3 757	4 059	4 418	3 491	4 403	4 275	9	4	2	—
Coimbra	5 912	6 471	5 767	5 493	7 053	6 850	25	45	—	2
Evora	7 197	7 644	8 968	9 198	8 526	8 393	119	135	4	5
Faro	3 569	3 743	3 675	3 689	4 320	4 253	71	59	3	2
Guarda	3 271	3 625	3 089	3 042	3 789	3 733	64	77	19	14
Leiria	7 010	7 987	7 542	7 381	8 798	8 040	13	75	—	1
Lisboa	21 410	24 615	29 883	22 958	16 248	18 117	786	603	11	16
Portalegre	4 557	5 065	5 875	5 734	5 687	5 315	129	107	2	1
Porto	9 177	9 655	11 936	11 443	15 544	7 933	349	403	17	4
Santarém	9 380	10 428	10 382	10 637	12 876	12 569	24	26	7	4
Setúbal	8 548	9 239	9 534	9 924	10 057	10 036	72	77	22	8
Viana do Castelo	2 763	3 083	4 248	3 568	3 378	2 748	160	158	6	3
Vila Real	3 143	3 532	2 889	3 031	5 551	5 558	481	508	4	3
Viseu	4 697	5 117	5 034	4 756	6 670	6 635	650	788	7	10
ILHAS ADJACEN	1 607	1 903	2 355	1 737	1 402	1 426	416	405	—	—
AÇORES	981	1 178	1 670	1 015	935	919	270	250	—	—
Angra do Heroísmo	235	383	512	181	308	331	270	—	—	—
Horta	5	76	11	3	192	179	—	—	—	—
Ponta Delgada	741	719	1 147	831	435	409	270	250	—	—
MADEIRA										
Funchal	626	725	685	722	467	507	146	165	—	—

A remodelação do antigo Café Avenida

Na III Série do «Diário do Governo» foi aberto concurso para a remodelação do antigo Café Avenida, na Rua Jardim do Regedor, em que a Câmara Municipal de Lisboa vai instalar um posto de informações e reclamações.

A base da licitação para as obras a efectuar é de 350 contos e o depósito provisório de 8750 escudos.

CÂMARAS MUNICIPAIS

Para a folha oficial acabam de ser enviadas portarias do ministro do Interior, uma delas a nomear presidente da Câmara Municipal do concelho de Idanha-a-Nova o sr. dr. José de Seabra Castelo-Branco e a outra a reconduzir no cargo de presidente do Município de Amarante o sr. José Joaquim Gonçalves de Abreu.

CONCESSIONARIA DA GENERAL MOTORS

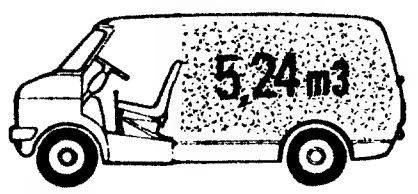
FURGÕES BEDFORD CF

- cargas úteis até 1270 kg
- modelos a gasolina e a gasóleo
- travões assistidos por servo-freio
- distância do solo ao estrado de carga 54 cm.

consulte a

SOREL

Rua Tomás Ribeiro, 97-A
Rua Filipe Folque, 12 — Telef. p p c a 56 34 41
Rua D Luiz I, 28 — Telef. 66 27 55 — LISBOA



NORMA

Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S A R L
Av. 5 de Outubro, 122 · LISBOA

O CHEFE DE FABRICAÇÃO tem por missão promover e orientar todos os elementos produtivos por forma a obter a máxima rentabilidade

QUE? soluções adoptar

COMO? deverá fazê-lo

QUANDO? deverá mudar de processos

NORMA

GESTÃO DA PRODUÇÃO

CURSO — de 30 horas de 26 a 30/OUT./1970

Este curso da NORMA tem por objectivo rever, de uma forma sistemática, os problemas de gestão que se põem aos DIRECTORES DE PRODUÇÃO — CHEFES DE FABRICAÇÃO — e RESPONSÁVEIS PELA GESTÃO FABRIL.

A apresentação de numerosos CASOS possibilita a aquisição de bases comparativas para a solução dos seus próprios problemas fabris.

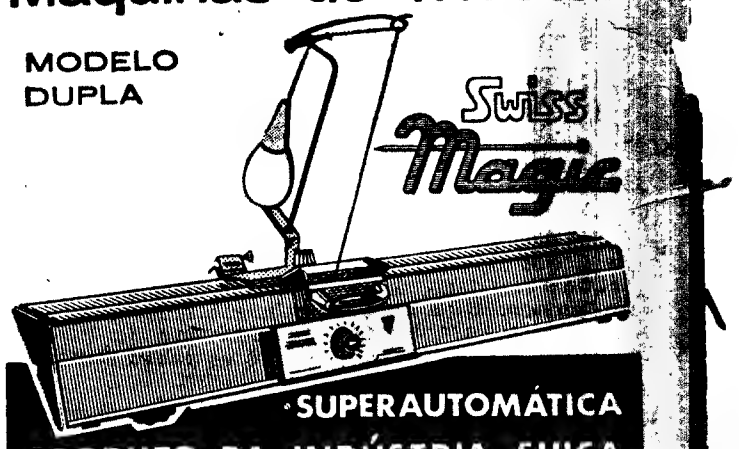
A orientação do curso cabe a JOSÉ FIGUEIREDO COSTA, engenheiro mecânico pelo I. S. T. O formador tem oito anos de experiência como consultor em problemas de: organização na Construção Metálica, Planeamento e Contrôle de Produção e Formação de Pessoal.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

NORMA — Centro de Formação e Desenvolvimento
Avenida 5 de Outubro, 122-5.º — LISBOA — Telefone 76 77 11/12

Máquinas de Tricotar

MODELO DUPLA



SUPERAUTOMÁTICA
PRODUTO DA INDÚSTRIA SUIÇA DE ALTA PRECISÃO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
RAFAEL BURGUETE, LDA.
LISBOA - R. António Enes, 20-1.º - Tel. 535057
PORTO - Rua Formosa 172 - Telef. 26902

Pretendo receber publicidade e preços
Nome .....
Morada .....
Localidade .....

COMO O «TIO SAM» CHEGOU AO MÉDIO ORIENTE

(Continuação da pág. central)

preparação do terreno com vista á manobra que não tardará a ser desencadeada.

No dia 21 de Fevereiro — uma semana antes da diligência oficial de Londres — segue-se outra diligência preliminar britânica em Washington. O embaixador da Grã-Bretanha remetia ao secretário de Estado, general Marshall, uma nota do Governo de Londres, informando o Governo americano de que a «Grã-Bretanha se retiraria da Grécia, o mais tardar no dia 1 de Abril de 1947». A advertência era categórica. Contudo, os americanos não tinham ainda mordido a isca. Foi, portanto, a diligência «ultimativa» de 27 de Fevereiro do Governo britânico que surtiu o efeito desejado.

Antes de tomar uma decisão, o presidente Truman quis conhecer primeiro os resultados de um duplo inquérito: o inquérito económico, feito na Grécia pelo enviado especial, Paul Porter, e o político, feito por uma comissão designada pelo Conselho de Segurança da O.N.U., em Dezembro de 1946. Esta comissão era também presidida por um americano, Mark Ethtidge, e devia examinar, especialmente, se as acusações do Governo de Atenas, que se queixava de que a Jugoslávia, a Bulgária e a Albânia tinham ajudado os rebeldes, teriam fundamento.

Em Washington agora havia pressa. Truman não esperou pelo relatório de Paul Porter — o qual, seja dito de passagem, não justificava a intervenção na Grécia. A chantagem britânica resultara. Logo que recebeu a nota do Governo de Londres, do dia 27 de Fevereiro, Truman — dilo ele nas suas memórias — lançou-se «no estudo da situação» perante a qual se encontravam os E.U.A. Por seu lado, o Departamento de Estado «alertou» imediatamente a comunidade de coordenação Estado-Guerra-Marinha e preparou-se de urgência um «memorando de recomendações» destinadas ao Congresso

Próximo artigo: **A intervenção dos E.U.A. na Grécia**

A ELECTRICIDADE MAIS CARA EM VISEU

VISEU, 22 Falava-se nisso, mas as pessoas não queria acreditar. Agora é certo: as tarifas da energia eléctrica vão aumentar, de acordo com uma nova tabela já distribuída á população consumidora.

Espantamo-nos apenas com um facto — os lucros na produção e distribuição anotados em relatórios destes últimos anos. Deviam não ser tão grandes como isso, porque a electricidade aumentou...

ANGOLA PELO NATAL

Pela primeira vez, durante o período de Natal e Ano Novo, a Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos levará a efeito, em colaboração com a TAP, um voo fretado, em Boeing 707 (ida e volta) a Luanda, dedicado aos estudantes que queiram passar a quadra festiva de Natal e Ano Novo com suas famílias.

As inscrições, já abertas na P. E. U., são limitadas á capacidade do avião, devendo portanto ser efectuadas com a maior brevidade.

Na sede da Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos (Av. da Republica, 84-6.º, tel. 765005 e 777303), prestam-se todos os esclarecimentos.

NÓS SOMOS EFICIENTES...

A «minina» escreveu-nos lá do Brasil e começou dizendo: *«Vim, por intermédio de uma amiga, saber quanto é eficiente vosso jornal para que possamos encontrar correspondentes.»*

Rapazes: a «minina» *(«Sou morena, olhos e cabelos castanhos, tenho 1,75 m., gosto de baile, de praia e cinema, tenho 16 anos e curso o 2.º ano ginasial»)* esta «minina», vejam só, está esperando carta de vocês.

O nome: Célia do Espírito Santo.

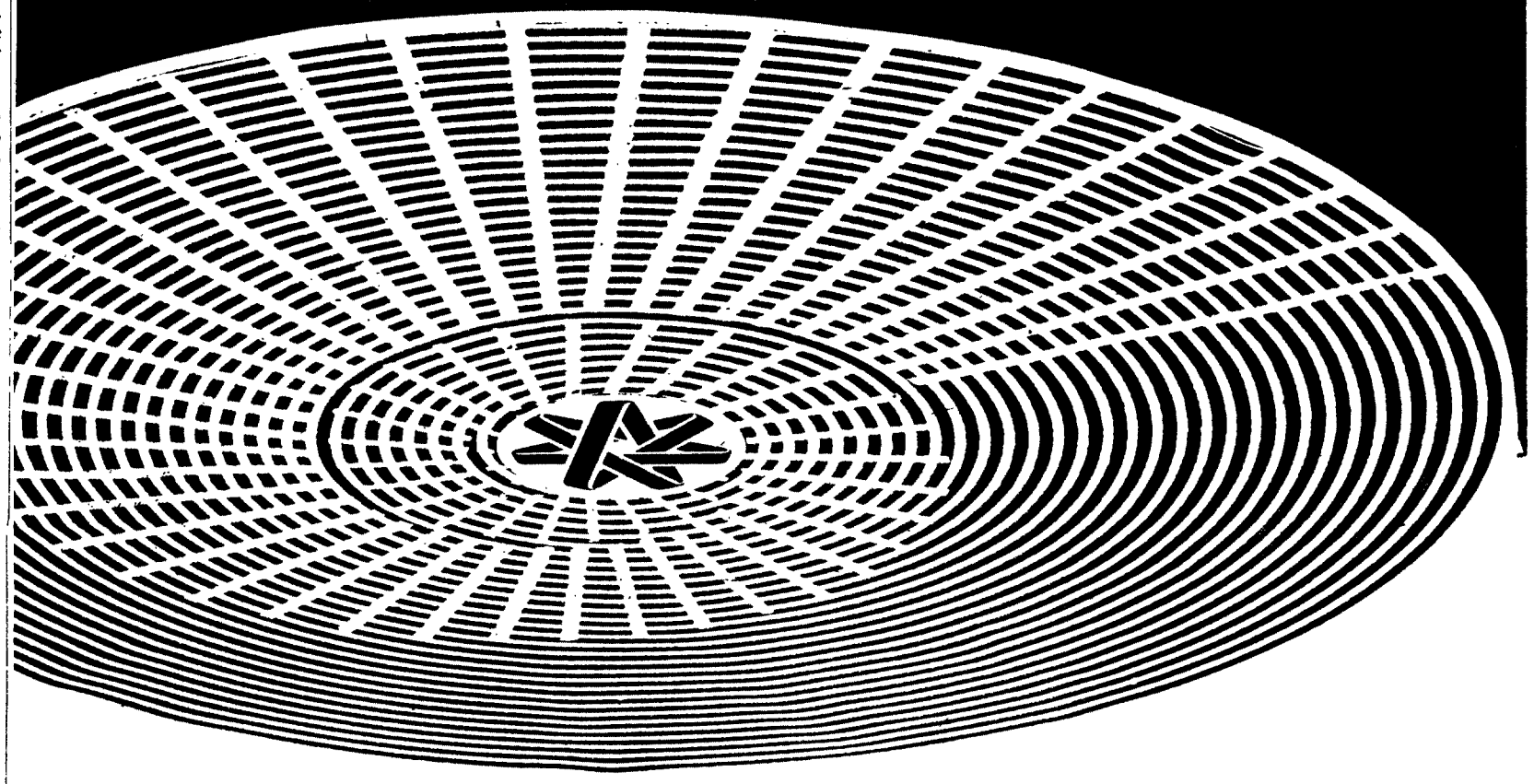
Endereço: Agência de Correios de Nilópolis — Estado do Rio Nilópolis — Brasil.

Que avance um voluntário para salvar nossa reputação de eficiência...

«Diário de Lisboa»

Da direcção da Sociedade de Instrução Tavaredense, de Tavarede, Figueira da Foz, recebemos um amável cartão de agradecimento pela forma como o nosso jornal se tem referido á actividade cultural da associação.

EM MOVIMENTO
PARA MAIOR AMPLITUDE



Participe connosco na progressiva amplitude do desenvolvimento sócio-económico do País.

O BANCO DE FOMENTO remunera à taxa de juro anual de 5,5% os depósitos a prazo superior a um ano.

Isenção total de impostos.
Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

LISBOA - Rua Mouzinho da Silveira,26
PORTO - Avenida dos Aliados,58
ÉVORA - Rua 5 de Outubro,38
VISEU - Avenida Calouste Gulbenkian,335
BRAGA - Avenida Marechal Gomes da Costa,294
SANTARÉM - Rua Guilherme de Azevedo,18

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

iniciada a venda da 2ª fase.

APARTAMENTOS com sala, 2 ou 3 q., kitchenette, casa de banho e uma magnífica varanda sobre o mar. Alcatifas, ar condicionado, isolamento térmico e acústico, aquecimento, grandes armários. Kitchenette inteiramente equipada: fogão, frigorífico, esquentador, máquina de lavar louça e, ainda, exaustor de fumos. Lavandaria comum e habitação do porteiro no r/c.
O conforto à sua espera.

ESTÚDIOS prontos a habitar, completamente mobilados e equipados.

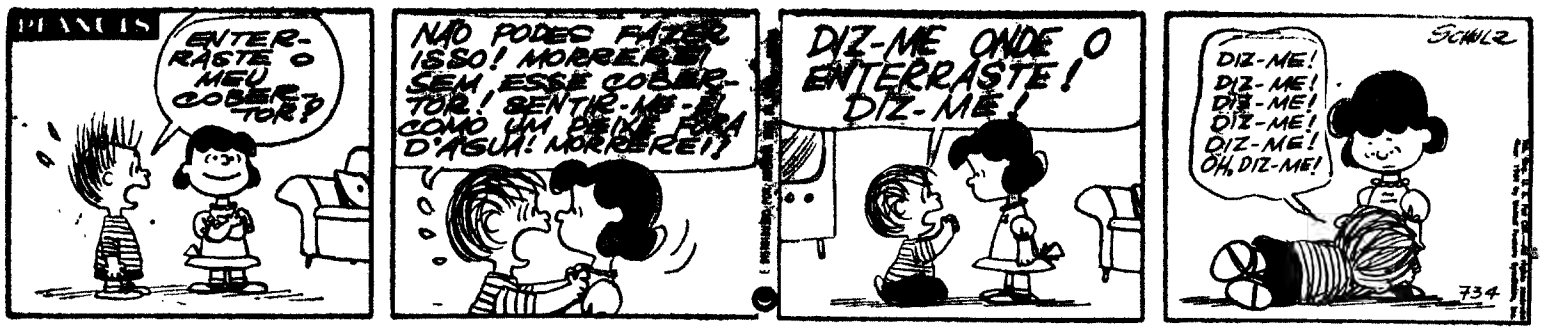
Visite o local (dias úteis das 14 às 19 h. Sábados e Domingos das 11 às 13 h e das 14 às 20 h).

emaco

INFORME-SE
das extraordinárias vantagens de comprar agora.
Rua Barata Salgueiro, 53, r/c
LISBOA

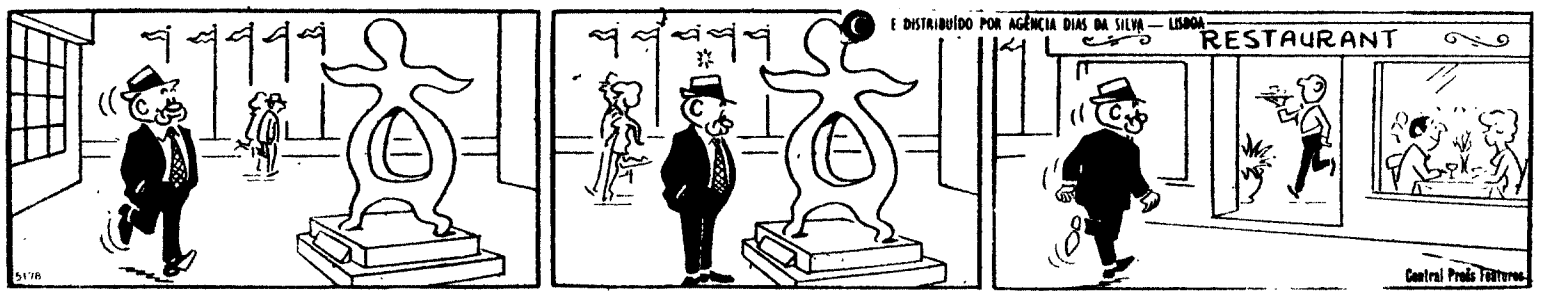
APARTAMENTOS
SOBRE A PRAIA
VENDEM-SE
EM CARCAVELOS
NA QUINTA DOS LOMBOS

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 22 de Outubro de 1940 publicava:

«LONDRES, 22—O primeiro-ministro britanico, Winston Churchill, pronunciou ontem pela rádio o seguinte discurso em língua inglesa e francesa: «Franceses! Durante trinta anos de paz e de guerra tenho marchado ao vosso lado e é ainda ao vosso lado que continuo a marchar o mesmo caminho.

Falo-vos esta noite, dirijo-me a vós para os vossos lares, seja onde for e sejam quais forem as condições em que vos encontreis. Repito como oração a legenda do vosso rei Luís: «Dieu protège la France». Aqui na minha pátria, em Inglaterra, debaixo do fogo dos alemães mantemos apertados os laços que nos ligam á França e perseveramos com coragem na defesa da causa da liberdade europeia e da lealdade de processos em relação aos povos de todos os países princípios pelos quais nós e vós desembainhámos as nossas espadas.

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
ao Saldanha

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

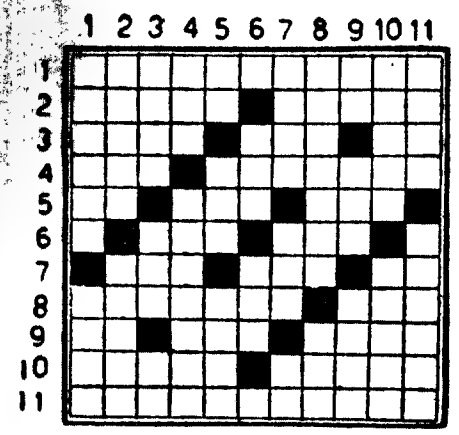
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5693

HORIZONTAIS: 1 — Restauraram. 2 — Género de batráquios cujo tipo é o sapo-parteiro. Homem robusto. 3 — Bebedeira. Pêlos de certos animais. Item. 4 — Cólera. Espada de folha curta recta e larga. 5 — Oferece. Tempo do verbo ir. Nome de mulher. 6 — Artigo definido. Vende a crédito. Sete em romano. 7 — Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Relles. Antes do meio-dia. 8 — Planta do Peru Grande. 9 — Troça. Fecha as asas para descer mais depressa. Dar mios. 10 — Sorte. Animação. 11 — Precisão.

VERTICAIS: 1 — Ligeira. Vale espanhol nos Pirenéus. 2 — Prendera com as gavinhas. Nome de mulher. 3 — Cara feia (Gir). Tempo do verbo haver. Antes de Cristo. 4 — Base aérea portuguesa. Agarrasse á força. 5 — Letra grega. Pronome possessivo. Irmãos do pai. 6 — Obrigação. Caminho. 7 — Formar as abas a. Tempo do verbo ter. Cento e um em romano. 8 — Lascais. 9 — Caminhar. Acrescentei. Rio que banha os Estados Unidos, o Novo México e o Arizona. 10 — Estéril. Transmitira (bens) gratuitamente a outrem. 11 — Bosque. Acorrente.



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5692

HORIZONTAIS: 1 — Acorreriam. 2 — Meanias. 3 — Im. Preso. Ar. 4 — Galão. Iça. 5 — Omar. Faldas. 6 — Abaterias. 7 — Aramara. Dam. 8 — Cão. Ri. Mela. 9 — Os. Adaga. Al. 10 — INIMIGO. É. 11 — Frio. Marés.

VERTICAIS: 1 — AMIGO. Açor. 2 — Mamaras. 3 — Om. Labão. Ir. 4 — Reparam. ANI. 5 — Raro. TARDIO. 6 — Enê! Feriam. 7 — Riscara. Gim. 8 — Tão. Li. Maga. 9 — Ás. Idade. Or. 10 — Acasafa. 11 — Eras. Males.

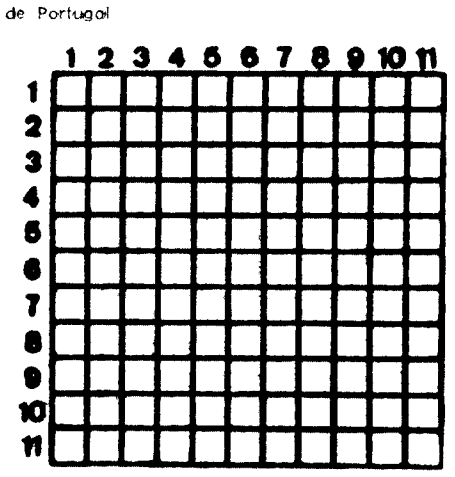
(Provérbio: INIMIGO, É AMIGO TARDIO.)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9536

HORIZONTAIS: 1 — Volta. Fatia. 2 — Cantiga. Dês pios. 3 — Pêlos de certos animais. Possui. Suspiros. 4 — Nota musical. Cidade da Palestina. Letra grega. 5 — Queimam. Arrancam. 6 — Caminhar. Nota musical. 7 — Ruído. Caminho. Base aérea portuguesa. 8 — Deus dos pastores (inv.º). Viatura. Troça. 9 — Divisas. Aprontar. 10 — Assinalo. Fundador do Islamismo. 11 — Gorgulhos tropicais. Tostes.

VERTICAIS: 1 — Sossego. Feitiço. 2 — Árvores do Brasil de onde se extrai o curare. Realizo. 3 — Escarneces. Consentimento. Oceano. 4 — Fútil. Botequim. Escravo. 5 — Possui. Jarros. 6 — Doçura. Caminhar para cá. 7 — Espaço de trinta dias. Guarnece de aramés. 8 — Abreviatura que se usa em música. Doença. Ovários dos peixes. 9 — Fecha as asas para descer mais depressa. Animal doméstico. Uma das Cíclades. 10 — Teimosia. Teça. 11 — Deste modo. Serra de Portugal.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9535

HORIZONTAIS: 1 — Arari. Aratu. 2 — Cana. Amor. 3 — Amo. Biá. Air. 4 — Ba. Porco. Rã. 5 — Adu. Aro. Aos. 6 — Ama Sns. 7 — Ará. Coa. 8 — Despovoaram. 9 — Ui. Arear. Me. 10 — Barro. Valer. 11 — Áreas. Amaro.

VERTICAIS: 1 — Acaba. Adubo. 2 — Ramado. Elar. 3 — Ano. Umas. Re. 4 — Ra. Arpara. 5 — Boa. Aoros. 6 — Mirro. Vê. 7 — Aço. Coava. 8 — Rã. Soaram. 9 — Ama. Arar. La. 10 — Toiros. Amer. 11 — Umas. Úmero.

ora diga-nos...

— Onde é a Jordânia?

Enquanto na Jordânia continuam os combates sangrentos entre realistas e «feddayin», e a vida, em outros locais, prossegue calmamente sempre na mesma ou talvez um pouco pior um repórter lembra a célebre passagem do poeta inglês John Denne, que o seu camarada (salvo o devido respeito...) Hemingway citou no pórtico de uma das suas mais famosas obras: «...não perguntes por quem os sinos dobram: eles dobram por ti». Mas quem sabe, sequer, onde é a Jordania?

● — Eu não sei — *logo nos diz o sr. David Cabral, vendedor ambulante.*

— Nem nunca ouviu falar nesse país?

— Não, nunca ouvi. Não sei ler. Também não costumo ouvir a rádio nem a televisão e não ligo a essas coisas.

● *Anabela Dias Ferreira, aluna do 2.º ano do Curso Comercial, declara-nos, por sua vez:*

— Não faço ideia.

— Será na Europa?

— Talvez...

— Oh Anabela!...

— Não costumo ler os jornais nem me agradam esses assuntos. Do que eu gosto muito é de discos e musica «pop».

● Jordania! Não sei não — *respondeu-nos, por ultimo, Fernando Sousa Pereira, motorista particular de um médico.*

— Será para Oriente ou Ocidente?

— Para Ocidente.

— ?

— Sei que há umas lutas entre os de Israel e os árabes — mais nada. O que eu costumo ler mais nos jornais são os desastres e os anuncios.

CALDAS DA RAINHA NA OBJECTIVA DOS AMADORES

CALDAS DA RAINHA, 21 — Foi aqui inaugurado o I Salão de Fotografia Turística de Caldas da Rainha, iniciativa promovida pela Câmara Municipal.

Ao certame concorreram 28 amadores, com 128 clichés, que se encontram expostos á apreciação publica no Posto de Turismo da Rua de Camões.

A exposição encerra-se em 1 de Novembro, com a cerimónia da entrga dos prémios.

J. PIMENTA, S.A.R.L.

É UMA REALIDADE

na construção e venda de propriedades e no fabrico e venda de materiais de construção

APARTAMENTOS MOBILADOS À VENDA

CASCAIS

Tipo Week-End — 350 contos
Tipo Sol Poente — 470 contos
Tipo Serra Mar—470 a 520 contos
Tipo Cruzeiro do Sul—470 a 520 c.
Tipo Horizonte — 470 a 520 contos
Tipo Baía Azul — 520 contos
Tipo Luar de Agosto—600 a 680 c.

PAÇO DE ARCOS

B.º Comend. Joaquim Matias

	Contos
Tipo 313 A, B e C	190 a 220
» 319 A, B, C, D e E	275 a 300
» 320 A, B, C, D e E	280
» 321 A e B	350

REBOLEIRA

	Contos
Tipo 75 A, B e C	150
» 78 »	200 a 225
» 150 »	250

LISBOA

	Olivais
desde	370 Contos

Apartamento Mobilado n/Tipo 150 — Quarto, sala comum e cozinha. Casa de banho e varandas. Equipado com mobílias de quarto e casa de jantar. Sala com jogo de maples e sofá cama de casal. Cozinha com fogão, frigorífico e esquentador. Casa de banho com armário, espelho, toalheiros, etc.

Apartamento Mobilado n/Tipo 73 — Sala comum com cozinha acopiada, quarto, casa de banho e varandas. Mobílias de quarto, sala de jantar e estar, fogão, frigorífico, esquentador, etc. Casa de banho com armário, espelho, toalheiros, etc

O nosso maior lucro:

5000 CLIENTES SATISFEITOS

ANDARES À VENDA

CASCAIS

3	assoalhadas	550 Contos
4	«	700 «
6	«	1.100 «

PAÇO DE ARCOS

(B.º Comendador Joaquim Matias)

3	assoalhadas	370 Contos
4	«	410 a 425 «
5	«	480 «

REBOLEIRA

Tipo 160	4 assoalhadas	350 Contos
« 152A	6 «	440 «

AMADORA

3	assoalhadas	300 Contos
4	«	535 «
5	«	670 «

LISBOA (Olivais)

3	assoalhadas	325 Contos
4	«	425 «

50 mil contos de propriedades construídas para escrituras imediatas

Em Cascais vendem-se lotes de terreno para a construção de moradias

MORADIAS

CASCAIS
desde 650 contos

TERRENOS

Para construção em
Lisboa, Amadora e Paço de Arcos

GARAGENS

PAÇO DE ARCOS
Individuais desde 90 contos
AMADORA - REBOLEIRA
Lotes 6, 7 e 8 — 2 pisos 7.000 contos

ARMAZÉNS

AMADORA	600 contos
QUELUZ	550 contos
REBOLEIRA	de 150 a 5.000 contos
VENDA NOVA - AMADORA	1 200 contos

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

REBOLEIRA
desde 300 contos até 8.000 contos
CENTRO DA AMADORA
conjunto de estabelecimentos interligados 4.400 contos
PAÇO DE ARCOS
desde 300 contos, até 470 contos

Para venda a 9.000$ por m²
Aluguer a 60$ por m²

As economias mais modestas encontram nos nossos empreendimentos assegurado acesso à casa própria.

Só vendemos propriedades construídas pela nossa Empresa, em zonas de rápido desenvolvimento e valorização.

250 mil contos de propriedades em construção para venda

Informações:
LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30— Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Telefone 93 36 70

PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias — Telefone 2 43 35 11
CASCAIS: R. Reg. Infantaria 19, n.º 30 — Telefone 28 25 75
CONJUNTO TURÍSTICO DA PAMPILHEIRA — Telefone 28 39 88

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o 7.º concurso da 10.ª época

Badaladas — 11X 1X1 1XX 1212; Brados do Alentejo — 111 1X1 11X X1XX; Cavalgada do Ritmo — 11X 12X 211 X111; Clube Asas do Atlântico 6 (NR) 11X 121 X1X 1X11; Comércio de Portimão — 111 121 111 2211; Correio dos Açores — 11X 121 2X1 11XX; Correio de Coimbra — 11X 121 11X 1X11; Diário dos Açores — 11X 121 X21 X1XX; O Distrito de Setubal — 112 12X 122 1122; Ecos de Cacia — 112 121 111 1111; Ecos do Desporto — 111 121 21X X1X2; Estrela da Manhã — 111 121 111 11X2; Folha do Domingo — X1X 121 2XX 2111; Gazeta das Caldas — 1X1 1XX 11X 2212; Gazeta do Sul—11X 12X 122 1XXX; Imagens Piedenses — X11 1X1 111 X1X1; Jornal das Aves — 1X1 X21 211 XXXX; Jornal do Fundão — X11 122 2XX 212X; O Jornal da Lixa — 111 1X1 1X1 2111; Jornal do Sul — 111 12X 2X1 X111; Jornal de Viseu — 112 12X 11X X111; Linhas de Elvas — 111 12X 1X2 1111; Maria da Fonte — 11X 11X XX1 11XX; Notícias de Felgueiras — 11X 1XX X11 X121; Novidades—X1X 112 22X 11X2; Povo Algarvio — 11X 121 111 2X11; Emissor Of. da Guiné Portuguesa — 11X 12X 211 X221; Rádio Altitude — 111 1X1 111 21X1; Renovação—11X 121 X12 1X11; Revista de Som — 112 121 XX1 11X1; Açores — 111 111 XXX 1XX1; Os Belenenses — 11X 111 22X 121X; Cantinho Ricardo Lemos — X11 121 2X1 21X2; Centro Desportivo — XX1 122 1X1 XX1X; Colina Sagrada — 111 12X X1X 2122; O Comércio de Leixões — 11X 121 X11 11XX; O Correio do Douro— 111 1X1 21X 11X1; De Tudo Um Pouco — 11X 121 X11 211X; As 10 Espere Por Nós — 2X1 111 112 1112; Diário de Coimbra — 1X1 121 111 1112; Diário da Manhã — 11X 1XX X11 1111; Diário do Minho — 11X 1X1 XX1 1121; Diário do Norte — 112 121 XXX 1111; Eu Sei Tudo — 11X 121 1XX 2112; Dos Pracos Não Reza a História — 1X 12X 111 X11X; Ideal [illegible] — 11X 121 X11 X11X; [illegible] — X1X 111 11X [illegible]; Jornal de Sintra — [illegible] 121 211 11X1; Litoral — [illegible] 1X1 X11X; Momento do Totobola — 1X2 12X 221 1111; Mosaico — X11 1X1 21X 2121; Notícias de Chaves — 11X 12X 211 X111; Notícias d'Évora — 11X 121 1X2 12XX; Notícias de Penacova — 111 12X 221 11X1; Passatempo — 112 121 211 1111; Peça Que Não Maça — 11X 121 111 111X; O Porto — 111 12X 21X 21X1; Prog. Electro Mecânico — 11X 121 22X 11X1; A Rabeca — 11X 1X1 111 1122; Auto Rádio — X12 12X 122 2121; Campeão Português — 12X 111 111 1111; Rádio Sports — 111 111 111 XXXX; Repórter do Dia — 112 121 X11 21X1; Repórter do Dia (Angola) — 111 121 11X 2112; O Comércio de Guimarães — 1X1 X21 112 1X21; Jornal da Beira — 11X 1X1 XXX 1121; Reconquista — 111 121 111 2112; Correio do Vouga — 11X 1X1 112 2112; Beira Baixa — 111 121 XXX X111; Passatempo JJ. 11X 121 X11 XXX2; O Telégrafo — 11X 12X 121 2X12; O Comércio do Porto — 11X 121 11X 111X; Jornal do Barreiro — 11X 1XX 111 X2X2; Terra Alta — 112 12X 2XX 1121; Cardeal Saraiva — 111 12X 121 X111; Notícias do Douro — 11X 1X1 X12 121X; Rádio Clube do Norte — X1X 11X 1XX 221X; Prog. Sem Nome — X12 121 122 1111; Resenha Desportiva — 11X 121 XXX 12X1; Boletim Desportivo — 11X 121 1X1 X111; Jornal Notícias — 1XX 121 XXX X1X1; A Lição do Menino Quim — 112 121 22X 2111; Miscelânia Musical — XX1 112 112 X112; Montra do Exito — 112 1XX X11 1121; Musica e Desporto — 1X2 12X X11 1121; Norte Desportivo — 11X 121 X1X 1112; Penalti — 111 12X X12 1121; Primeiro Janeiro (Vamos à Bruxa) — 112 121 X1X 1112; Prog. da Manhã— 111 12X X11 1X21; Rádio Placard — 111 121 X11 1121; Estudios 64 — 112 121 2XX 1111; Placard Desportivo — 11X 1X1 X22 11X1; Só Rádio — 11X 121 2XX 111X; A Ordem 11X 1X1 211 2X1X; A Voz — 11X 111 X11 X122; Voz do Casa Pia — 11X 121 111 X1X1; A Voz Desportiva — 11X 121 XX2 1121; Voz de Lamego — 11X 12X 1X1 1112; A Voz dos Ridículos — 112 121 21X 1111; Diário —

(Continua na 23.ª página)

Em três linhas

Por via aérea, chegou esta manhã a Lisboa D. Manuel Nunes Gabriel, arcebispo de Luanda. Aguardavam-no diversos sacerdotes e religiosas.

///

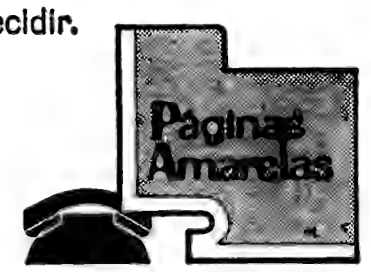
Integrado no Curso de Formação Artística da Sociedade Nacional de Belas-Artes, cujo novo ano lectivo acaba de se inaugurar, está a funcionar, duas vezes por semana, pelas 18 e 30, o ciclo de História da Arte (Iniciação á Arte Moderna), pelo crítico dr. Rui Mário Gonçalves. Mantêm-se abertas inscrições livres

///

O eng.º António Amorim Carvalho Guerra do quadro permanente da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais foi promovido a engenheiro civil-chefe.

Não decida à sorte...

..consulte as Páginas Amarelas das Listas Classificadas antes de decidir.
Nelas encontra as respostas certas às suas perguntas incertas.
De A a Z a vantagem de escolher é sua.
Consulte as Páginas Amarelas.
A consulta que resulta.



pág... amarelas-a consulta que resulta

CINEVOZ 03-PU-70

DESPORTO

TAÇA DOS CAMPEÕES: CARL ZEISS, 2 - SPORTING, 1

Uma defesa (a do Sporting) de primeira qualidade

IENA, 22 — (E.) — Durante quase todo o encontro, o Sporting passou por transes aflitivos na defesa, pois, como se esperava, o Carl Zeiss, atlético e poderoso no ataque, lançou-se deliberadamente na ofensiva, aliando a fogosidade à resistência e às faculdades técnicas.

MARINHO: um golo que pode ser decisivo...

Valeu aos campeões portugueses uma defesa de primeira qualidade, que redobrou de atenções e esforços em todo o pleito e na qual estiveram em grande evidência Pedro Gomes, Hilário e Peres.

Além do mais, quase tudo desfavoreceu os portugueses: baixas na sua equipa, tempo frio, terreno pesado e alagado, adversários possantes e impetuosos, que, naturalmente, fizeram valer os seus recursos atléticos.

No segundo tempo, quando os portugueses, por intermédio de Màrinho, fizeram 1-1, sucedeu que o Carl Zeiss passou por um período de evidente perturbação. Nessa altura, talvez com êxito, o Sporting poderia ter passado a declarada ofensiva. Mas não o fez. Parecia que o empate já servia às mil maravilhas para concretizar os seus mais instantes propósitos.

E, assim, uma vez refeito da perturbação, os alemães de Leste puderam retomar o rumo do ataque franco e chegar à vitória por 2-1, alcançada nos derradeiros momentos do encontro.

Uma vitória difícil, devido à porfiada resistência oposta pela magnífica defesa dos portugueses.

O guarda-redes jugoslavo em dificuldade

Estádio do Bonfim, em Setúbal.

Árbitro — Ott Alfred (alemão).

VITÓRIA — Torres; Rebelo, Cardoso, José Mendes e Carriço; Pedro (Arcanjo, aos 18 m) e José Maria; Vagner, Guerreiro (Octávio, aos 72 m), V. Batista e Jacinto João.

HAJDUK — Vukcevic; Dzoni (Feria, aos 40 m), Lemesic, Buljane Holzer; Peruzovic e Muzinic; Hlevnjak, Nadowra (Zutelija, aos 72 m), Jerkovic e Pavlica.

Golos de José Maria (59 m) e Feric (82 m nas próprias redes).

«TAÇA DAS FEIRAS»: V. SETÚBAL, 2 - HAJDUK, 0

«Tiro» e golo de José Maria — fogo na noite escura...

Só visto: aí a uns 25 metros da baliza, quando a segunda parte ia no 14.º minuto, José Maria atirou um «tiro» espantoso, que levou a bola a fender os ares e entrar como uma bala pelo ângulo superior da baliza dos jugoslavos. Para consagrar o golo inesquecível do setubalense nada melhor que o título do livro de Namora: «Fogo na noite escura». Na verdade, o disparo do jogador de Angola correspondeu a um clarão que iluminou o jogo.

O jogo foi todo bom, mas a segunda parte foi superior. No primeiro tempo despertou as atenções a diferente concepção de futebol das equipas. Enquanto o Hajduk, a actuar sobre a defesa, utilizava os cruzamentos rasgados sobre a extrema esquerda, onde Pavlica, um «sprinter» autêntico, galgava terreno a cem á hora e levava o esférico e o pânico á grande área dos sadinos, estes, utilizando um sistema de passes curtos, num processo mais laborioso, acercavam-se do último reduto contrário, fechado por uma defesa reforçada e decidida.

Cedo se verificaram as dificuldades vitorianas frente á tenacidade e dureza dos visitantes. Tanto que, aos 18 minutos, Pedroto fez substituir Pedro por Arcanjo, reforçando a linha da frente em detrimento da média.

A densidade «populacional» dentro do meio-campo do Hajduk embaraçou os movimentos dos portugueses, rodeados de estrangeiros por todos os lados. Por várias vezes, em «centros» ou «cantos», o Vitória pretendeu cruzar o couro por frente das redes de Vukcevic, mas este, um «keeper» seguríssimo, tudo detinha com as suas mãos de ferro.

Tanta resistência perturbou e exasperou demasiadamente os visitados e, aos 40 minutos, José Maria, alvo de perseguição rude, excedeu-se numa «entrada» sobre Izoni, que teve de ser retirado do rectângulo em braços. Para o seu lugar entrou Feric.

O intervalo gerou certa inquietação nos meios afectos ao Setubal. A segurança dos visitantes parecia tão firme que se diria pouco viável a hipótese do Vitória convencê-los a ceder.

Foi então que ficou demonstrada a versatilidade e a habilidade do conjunto do Bonfim. Logo que o desafio recomeçou, o Vitória entrou a desenrolar uma série de jogadas em que a rapidez se casava com a intenção.

Aos 8 m., Arcanjo viscu a trave com um remate de cabeça. Tocou a rebate entre as hostes jugoslavas, chamadas a uma tarefa constante e cheia de imprevistos. Calculista e prudente, todo o «team» forasteiro recuou a preencher metade do terreno.

A muro formado pelos atletas do Hajduk constituía um óbice a resolver com tentativas de remates à distância, tanto mais que o vento soprava pelas costas dos «verdes». Vagner deu o exemplo, embora o fizesse invariàvelmente com má pontaria.

Quando José Maria cometeu o feito de que atrás se falou, os visitantes abriram e ameaçaram novamente com descidas velozes. Contudo, o Vitória agarrara já o jogo e mandava nele como um senhor que é.

Uma dupla substituição (saiu Nadoveza e entrou Zutelija; entrou Octávio e saiu Guerreiro) em nada modificou o rumo que os acontecimentos haviam tomado. A procura do segundo golo tornou-se ainda mais pertinaz. Todo o Vitória se lançava para a frente, insatisfeito com a vantagem de um tento. E, aos 82 m., ampliou a margem: uma solicitação a Jacinto João foi correspondida pelo ponta-esquerda com um toque de cabeça. No afã de conjurar o perigo, acorreram Feric e o guarda-redes e o couro tabelou naquele entrando por fim nas balizas. Um golo fortuito a compensar [illegible] mas perdidas em lances bem construídos.

José Maria, Carriço, Cardoso e Rebelo (esta na segunda parte) [illegible] no Vitória. Vukcevic, Lemesic, Hlevnjak e [illegible] tinguiram-se no Hajduk.

Boa arbitragem, com [illegible] cos deslizes e [illegible] nos importância.

FRANCISCO CAMILO

Assim vai o Totobola...

(Continuação da 21.ª página)

11X 121 111 X1X2; Lobito — X12 121 X1X 1XX2; Canal 18 — X1X 1X1 11X 1X1X; Estádio—11X 11X X11 2X11; A Nossa Chave — 11X 121 X1X 2221; Comércio — 11X 121 1X1 211X; Notícias do Totobola — 111 1X1 XX1 211X; Ronda da Noite — 11X 1X1 111 11X2; A Província — 11X 122 1X1 1122; Último Palpite — 11X 1X1 22X 1111; Apostolado — 121 111 21X X2X2; Café da Noite — XXX 111 111 212 (Falta um); Vida e Música — 112 121 X1X 1122; Panorâmica — 2X1 121 2X2 1122; Bondiazinho — 212 121 2X2 X12X; Brado Africano — 111 1XX 211 12XX; Cidade 70 — X12 12X XX2 1221; Diário (L. Marques) — 11X 11X XX1 111X; Diário de Moçambique — 11X 121 XX1 1X22; Domingo Alegre — 112 12X X11 221X; Notícias da Beira — 11X X22 11X 1211; Passatempo — 212 121 1XX X222; Roteiro Sonoro — 111 1X1 21X XX11; Terceiro Programa — X21 222 X1X X121; Vamos Jogar no Totobola — 111 121 X21 X221; Defesa de Espinho — 11X 1XX 1XX X1X2; O Jornal de Felgueiras — 12X 121 XXX 2212; No Mundo do Desporto — 11X 12X 2X1 1X21; República — 112 12X 21X 1XXX; Sorriso da Hora do Almoço — X22 1X1 X1X 1X11; O Templário — 111 1X1 111 1111; A Voz de Palmela — 112 1X1 1X1 X11X; Mundo Desportivo — 11X 121 X11 2X11; Diário de Lisboa — 11X 1X1 X2X 11XX.

		BOLAS					
		1	*X*	*2*	*1*	*X*	*2 a)*
1.	Cuf-Farense	111	18	4	10	1	1
2.	Sporting-Académica	115	13	5	10	1	1
3.	Guimarães-Setúbal	40	69	26	4	6	2
4.	Porto-Leixões	129	3	1	10	1	1
5.	Belenenses-Benfica	16	30	87	1	3	8
6.	Tirsense-Barreirense	90	36	7	8	3	1
7.	U. Leiria-Braga	53	46	34	5	4	3
8.	U. Lamas-Sanjoanense	75	41	17	7	4	1
9.	Famalicão-Salgueiros	66	49	18	6	5	1
10.	Penafiel-Riopele	69	34	30	6	3	3
11.	Tramagal-Sesimbra	90	24	19	8	2	2
12.	Portimonense-Atlético	65	37	31	6	3	3
13.	Olhanense-Montijo	65	33	34	6	3	3

E a chave lógica será: 11X 121 111 1111

a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Hóquei em patins

Dupla vitória do Benfica

No Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, disputaram-se ontem, os jogos correspondentes á quarta jornada dos campeonatos nacionais de juvenis e metropolitanos dt juniores e de seniores de hóquei em patins.

Os resultados foram os seguintes: *juvenis:* Benfica-Paço de Arcos, 12-0. *juniores:* Saleciana-Paço de Arcos, 3-3. *Seniores:* Benfica-Paço de Arco, 6-4.

CONCURSO DE PESCA

No próximo domingo, dia 25, realiza-se na Vala de Marcães, o 5.º Grande Concurso de Pesca Desportiva de Rio, organizado pelo Sporting Clube de Alenquer.

As inscrições são aceites até ás 24 horas do dia 23 do corrente.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa da 2.ª Divisão: C. N.O.C.A.-Madre de Deus, ás 20 e 30; Boa Hora-Encarnação, ás 21 e 45 e Cova da Piedade-Atlético, ás 23, no Pavilhão da Ajuda.

BASUETEBOL — Reunião de delegados dos clubes filiados na Associação de Lisboa, para tratarem do preenchimento dos lugares vagos nos corpos gerentes, ás 21 e 30.

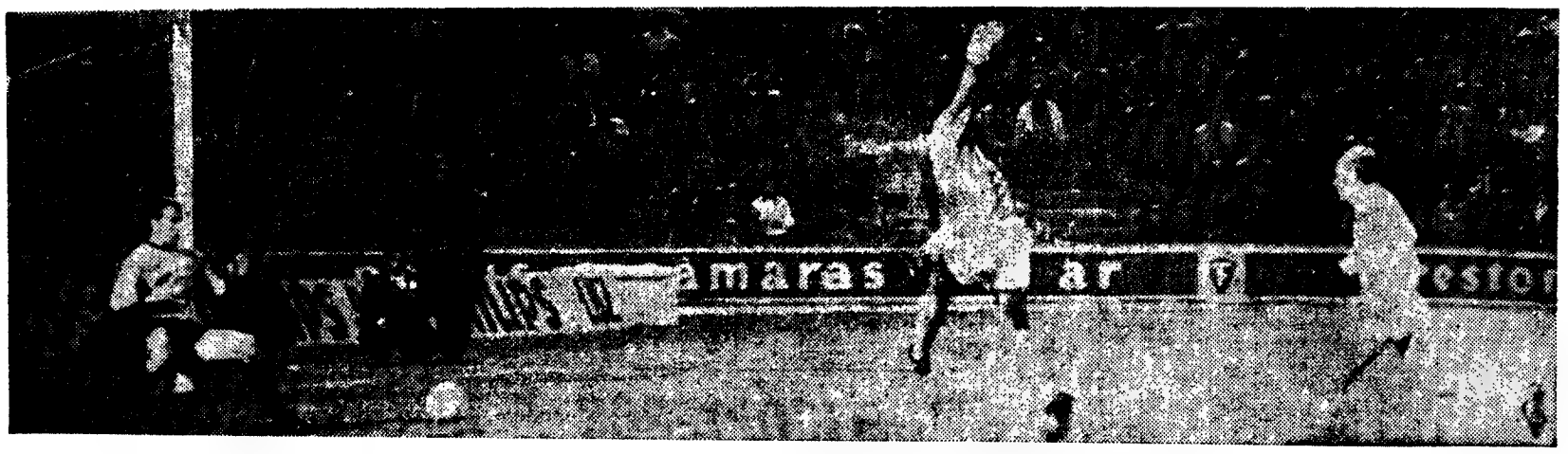
Eusébio presente na despedida de Yashin

MOSCOVO, 22 — (F. P.) — «O encontro entre uma selecção da F. I. F. A. e a da U. R. S. S., que se deverá disputar em Maio de 1971, será o meu último desafio como jogador» — declarou ao «Komsomolskaya Pravda» Lev Yashin. O famoso guarda-redes soviético revelou nesta entrevista ao jornal moscovita que não alinha neste momento no «Dynamo de Moscovo» por ter fracturado em treino o dedo médio da mão esquerda. Espera todavia encontrar-se restabelecido no próximo mês de Dezembro para dar a sua colaboração á selecção que defrontará o «Benfica» em Lisboa na festa de homenagem ao «internacional» português Mário Coluna.

Em relação ao encontro de Maio de 1971 que assinalará a sua despedida do futebol activo aos 42 anos, Yashin pensa que a selecção da F. I. F. A. deverá incluir os seguintes jogadores:

Banks (Inglaterra) e Mazurkiewicz (Uruguai), Schnellinger (Alemanha), Bobby Moore (Inglaterra), Beckenbauer (Alemanha) e Fachetti (Itália), Owerath (Alemanha), Bobby Charlton (Inglaterra), Eusébio (Portugal), Jairzinho (Brasil), Amancio (Espanha), Pelé (Brasil) e Djajig (Jugoslávia).

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO



Parecia fácil: logo aos 3 minutos Eusébio bateu Zulkowski, obtendo o primeiro golo do Benfica

«TAÇA DAS TAÇAS»: BENFICA, 2-VORWARTS, 0

Todos a pensar nas bolas de Berlim

● **Ataque constante do Benfica para conseguir um resultado que o não levasse a recear a próxima viagem; obstinada defesa dos alemães, na esperança de resolverem a eliminatória no seu campo**

Por MÁRIO ZAMBUJAL

O sr. Zulkowski, de 30 anos de idade cidadão da República Democrática Alemã, onde exerce a profissão de engenheiro naval e faz também um biscate como guarda-redes de futebol, talvez tenha tido ontem, nesta última actividade, uma das noites mais trabalhosas da sua carreira. Ele era o último e decisivo obstáculo ao ímpeto ambicioso da equipa do Benfica, neste jogo entre os vencedores das «Taças» de Portugal e da Alemanha de Leste. Só por duas vezes Zulkowski se viu batido — em dezenas de outras foi ele o vencedor. Porque o jogo foi isto, de fio a pavio: o fébril embate da vontade benfiquista — marcar muitos golos — e o finca-pé do Vorwarts na sua defesa para não consentir que isso acontecesse.

De resto, é o caso típico destas eliminatórias em dois jogos, um no campo de cada contendor. Os que jogam em «casa» tentam, com maior ou menor desespero, alcançar vantagem que supere o incómodo posterior de jogar no campo do outro. E vice-versa. De modo que aquilo que se viu ontem na Luz é capaz de se repetir em Berlim, mas ao contrário. O Benfica afadigado na [illegible] par manter vivo o [illegible] alemães a mostrar [illegible] atacantes que não [illegible]aram ontem. O resultado é que pode ser diferente, pois o contra-ataque do Benfica, por magro que seja, sempre promete mais alguma coisa. Só que não se sabe se Henrique e seus companheiros serão capazes de suportar um esforço que se pareça ao que o engenheiro-guarda-redes e sua numerosa companhia aguentaram na Luz.

Enfim, a seu tempo se verá. Fica a esperança de que o Benfica não traga três bolas, de Berlim.

(Jimy Hagan diria, mesmo, depois do jogo: «Se com uma vantagem de dois tentos não ganharmos a eliminatória é porque realmente não merecemos continuar na prova.»

Mas Hans Kimpel, o treinador alemão, não desanimou: «Em Berlim teremos possibilidades de recuperar.»)

*

Tudo começou em maré de rosas para o Benfica, que conseguiu, logo aos três minutos, por obra e graça de Eusébio, um primeiro e prometedor golo. Ter-se-á então pensado no jogo com os jugoslavos do Olympia (8-1), e que, mais golo menos golo, a função seria perdosa, o suficiente para ir a Berlim sem o credo na boca.

Não foi. Não foi, e o golo de Diamantino, que sempre deu uma alma nova só apareceu quando já se receava que o muito mourejar do ataque benfiquista não passasse da mais pobre das pagas.

Os alemães haviam montado uma forte barreira defensiva, com o «n.º 3» Müller (31 anos de idade, serralheiro) na posição de «libero», a jogar como pronto-socorro da linha de quatro defesas. Mas aconteceu que Andreasen, o médio-esquerdo que «fazia» de «back» do mesmo lado, acabou por ser «puxado» também para a zona central, por isto: o Benfica jogava com três avançados nesse zona — Eusébio, Torres e Artur Jorge — e para que melhor continuasse, se realmente «libero» o Vorwarts necessitou também de três outros defesas nessa zona.

Resultado: muita gente junta em frente da baliza dos alemães e, quase sempre, um corredor aberto no seu lado esquerdo. Claro que foi por aí que o Benfica tentou passar. Umas vezes Jaime Graça, outras Malta da Silva, apareceram por aí em dose q.b. Só que a não aproveitaram do modo mais sensato. Especialmente Malta da Silva, levou o jogo a despejar a bola por alto para a zona superlotada, na esperança (sempre vã) de proporcionar um vitorioso golpe de cabeça aos seus muito vigiados companheiros da frente. Mas toda a vantagem era dos adversários, óptimos atletas, altos com grande poder de elevação e a jogar *de frente* para a bola que caía na sua área.

*

O Benfica sofreu um percalço com a saída de Matine, que estava a ser um dos seus mais brilhantes jogadores, embora dos que deram início ao capítulo mais desagradável do jogo, que foi o da violência.

Aliás, o possante moçambicano acabaria por magoar-se quando não tinha nenhum adversário perto de si.

(Ele depois contou: «Foi num sprint, para ir atravar a bola para o José Henrique. Forcei o músculo, zás, uma distensão...»)

Mas a coisa chegou a estar mesmo feia, com muito mau génio de parte a parte, entradas duríssimas, rasteiras, pontapés mais ou menos disfarçados. Murros, poucos.

(O árbitro, Drago Horvat, um jugoslavo de dois metros de altura, é que mostrou sempre o maior espírito de compreensão. *E disse, no fim: «Futebol não é «ballet». Aliás, o jogo nem foi difícil de dirigir...»)*

*

Se acabou por não ser grande o prejuízo benfiquista com a saída de Matine, porque o pequeno e hábil Vítor Martins jogou bem, outra substituição, a de Torres (este «tocador»...) haveria de se mostrar vantajosa. Entrou Adolfo, para defesa-esquerdo, avançando Toni (que tem força *de alemão*) para o meio-campo, e Graça para a ponta-esquerda, derivando Diamantino para o outro lado. Ficou mais forte o meio-campo e mais ampla a frente de ataque. E foi então que o Benfica teve (mas perdeu) maior número de oportunidades de golo, porque atacou com engenho, em lances com a bola no chão. Só que continuava a haver muitos alemães firmes que nem rochas diante da baliza e Zulkowski continuava a mostrar-se um bom guarda-redes, mesmo sendo engenheiro. Acabaria por ser, no entanto, uma sua imperfeita defesa que levou a bola aos pés de Diamantino, e este (pés para que vos quero!) chutou-a para o sítio exacto.

*

No Benfica, Henrique com pouco que fazer (em Berlim é que terá de mostrar o que vale); a defesa com Zeca seguríssimo e Malta da Silva inexcedível de energia, mas a concluir mal os lances de ataque; Toni bem em qualquer das funções; Eusébio retraído na zona onde tocava a doer; Artur Jorge primoroso em muitos lances; Graça excelente na segunda parte.

No Vorwarts: um magote de espadaúdos rapazes, que ainda por cima são bons jogadores, a defender obstinadamente a sua baliza, e efémeros períodos em que mostrou harmonia no ataque, com relevo para Korner e Pieperburg. Noldrer, um estudante de jornalismo, perdeu a oportunidade de ser ele próprio notícia, ao falhar uma das muito raras oportunidades que a sua equipa teve para marcar um golo.

Em suma: podia ter sido melhor para o Benfica, mas 2-0 sempre é uma boa vantagem para o jogo de 4 de Novembro. Mas oxalá não se confirme a preocupada previsão de Eusébio: *«Em Berlim é capaz de haver lenha da grossa...»*

Estádio da Luz, em Lisboa.

Árbitro: Drago Horvat (Jugoslávia).

BENFICA — José Henrique; Malta da Silva, Humberto, Zeca e Toni; Matine e Graça; Torres, Artur Jorge, Eusébio e Diamantino.

VORWARTS — Zulkowskn; Frardorf, Müller, Withulz e Hamann; Korner e Andressen; Strunbing, Noldrer, Bergerad e Piepenburg.

Substituições — **Matine por Vítor Martins (27 minutos), Torres por Adolfo (60), Andressen por Wruck (46) e Withulz por Meyer (78).**

Golos — **Eusébio (3 minutos) e Diamantino (65).**

O REAL MADRID VENCIDO EM CHAMARTIN

Nos vários jogos, ontem realizados a contar para as diversas competições europeias de futebol, avultou a vitória obtida pelo Wacker de Innsbruque (Áustria) que foi a Chamartin vencer o Real Madrid por 1-0, em encontro a contar para a Taça das Taças.

Para a Taça dos Campeões Europeus, a derrota do UT Arade da Roménia, que eliminara o actual campeão europeu e Continental Feyenoord, e foi, agora, batido por 3-0 pelo Estrela Vermelha da Jugoslávia.

Na Taça das Feiras, notável a vitória do Dinamo de Zagreb, que eliminou o Barreirense, e, agora, derrotou o Hamburgo SV (o clube de Uwe Seeler) por uns claros 4-0.

Damos a seguir outros resultados de jogos em que não entraram equipas portuguesas:

TAÇA DOS CAMPEÕES — Waterford (Irlanda) - Celtic (Escócia) 0-7; Panatinaikos (Grécia)-Slovan de Bratislava (Checoslováquia) 3-0; Standard Liége (Bélgica)-Legia de Varsóvia (Polónia), 1-0; Cagliari (Itália)-Atlético Madrid (Espanha) 2-1; Borussia Moenchengladbach Alemanha Ocidental)-Everton (Inglaterra) 1-1; Ajax (Holanda)-F. C. Basileia (Suiça), 3-0

TAÇA DAS TAÇAS — PSV (Holanda) - Steva (Roménia) 4-0; CSKA de Sofia (Bulgária)-Chelsea (Inglaterra) 0-1; Honoed (Hungria)-Manchester City (Inglaterra), 0-1; F. C. Bruges (Bélgica) - F. C. Zurique, (Suíça), 2-2; Cardiff City (País de Gales)-Nantes (França) 5-1

TAÇA DAS FEIRAS — Sturm Graz (Áustria)-Arsenal de Londres, 1-0; Leeds United (Inglaterra)-Dynamo de Dresde (Alemanha Oriental), 1-0; Liverpool (Inglaterra)-Dynamo de Bucareste (Roménia), 3-0; Boldklub (Dinamarca) Anderlecht (Bélgica), 1-3; Newcastle (Inglaterra) - Dosza Pecs (Hungria), 2-0; Sparta de Praga (Checoslováquia)-Dundee (Escócia), 3-1.

OS CASTIGOS DA F. P. F.

Torriense — campo interdito

Castigos diversos e de diverso «peso» resultaram da sessão de trabalho do Conselho de Disciplina da F. P. Futebol, reunido ontem.

Assim, Campora, do Barreirense, foi suspenso por 3 jogos (agressão a um adversário); Áureo, do Sesimbra, deixa de alinhar em 5 encontros pelo mesmo motivo mais «sucessão de faltas» — e Gaspar (Atlético) e Vitorino (Famalicão) também terão de cumprir três jogos de «espera» por razões semelhantes.

Entretanto, ao nível de clubes, também há registos: o Varzim foi multado em 500$00, o Torriense em 1500$00 mais 3 jogos de interdição e o Atlético... aguardará os resultados de um inquérito oficial aos acontecimentos na Tapadinha.

Não pode dizer-se, infelizmente, que, no aspecto disciplinar, o último domingo haja sido agradável...

O NORTE DESPORTIVO

NA EDIÇÃO DE HOJE

★ Face a face dos jogadores do F. C. Porto e do Benfica (uma nova secção) por Vasco Resende

★ Comentários, relatos e reportagens dos jogos internacionais de ontem

À venda em Lisboa depois das 14 horas.

Actualidade internacional

«MAIS UMA BRINCADEIRA»

AS AUTORIDADES CANADIANAS PERDEM AS ESPERANÇAS DE QUE OS RAPTORES APRESENTEM NOVAS PROPOSTAS

MONTREAL, 22 — (R.) — As esperanças de que os raptores da Frente de Libertação do Quebec estivessem interessados em apresentar nova proposta em troca da vida de James Cross desmoronaram-se hoje quando a Polícia anunciou que uma carta encontrada ontem á noite após um telefonema anónimo «não passava de mais uma brincadeira».

O telefonema, feito por um homem que disse pertencer á F.L.Q., fez com que os detectives acorressem á localidade de Chateauguay, a 24 quilómetros de Montreal, na margem sul do rio São Lourenço.

Mais tarde, porém, um informador revelou que a carta alli encontrada deverá ter sido escrita por um louco, pois acusava a Polícia de ter assassinado o ministro Pierre Laporte, cujo cadáver foi encontrado no domingo depois de ter sido raptado pela F.L.Q. uma semana antes.

Depois desse achado macabro as autoridades têm estado á espera de novos contactos com a F.L.Q. que permitam negociar a libertação do diplomata inglês James Cross, que continua em poder dos raptores.

Os esforços das autoridades, porém, têm sido prejudicados por uma série de telefonemas anónimos de brincadeira e falsas pistas, pelo que até agora não foi possível reatar as negociações nem localizar os dois principais suspeitos procurados pela Polícia.

ESTRANHA MENSAGEM

(Continuação da 1.ª pagina)

rei de copas, rei de espadas, rei de paus e o valete de ouros.

Após o exame da nota o xerife mandou fazer uma busca ás comunas «hippies» da região montanhosa a norte de Santa Cruz, á procura de três individuos de cabelos compridos.

As buscas foram intensificadas depois de terem sido encontrados restos de um acampamento que se supõe ter sido utilizado na noite de segunda-feira pelos assassinos.

Segundo o xerife é possivel que algumas das vitimas ainda estivessem vivas quando foram lançadas á água.

O duelo durou 3 minutos

MONTEVIDEU, 22 — (A. N. I.) — Terminou ao primeiro sangue o duelo entre o ministro da Industria, Julio Mario Sanguinetti, e o senador Manuel Flores Mora. Durou cerca de três minutos o duelo, suspenso quando o ministro rasgou com o sabre o braço direito do senador.

Flores Mora desafiara Sanguinetti, devido a um artigo publicado no jornal «Accion», dirigido pelo ministro. Este aceitou o repto e escolheu as armas: sabres de cavalaria.

O duelo travou-se na Escola Militar, nos arredores de Montevideu, na presença dos quatro padrinhos, de um médico e de um oficial da Polícia. O ferimento de Flores Mora não tem gravidade.

Autorizado no Uruguai, mediante regras estritas, o duelo não é vulgar: há 13 anos que não se registava uma pendência, embora sejam vulgares os reptos, depois solucionados de outro modo.

HELICÓPTEROS E AVIÕES PROCURAM DOIS GENERAIS AMERICANOS DESAPARECIDOS NA TURQUIA

ISTAMBUL, 22 — (R.) — Aviões e helicópteros estão a sobrevoar a região oriental da Turquia procurando o avião militar americano que desapareceu com dois generais do Exército americano perto da fronteira soviética.

O pequeno avião Beechcraft, que tem a lotação máxima de 8 passageiros, partiu ontem de manhã de Erzurum para Kars, uma localidade a 80 quilómetros da União Soviética e desde então não voltou a ser visto.

Em Washington, um informador do Pentágono disse não haver por enquanto qualquer indicação de que o avião possa ter atravessado inadvertidamente a fronteira e aterrado na União Soviética.

Entre os ocupantes do avião, que era pilotado por um major americano, figuravam o general Edward Scherrer, chefe da missão militar americana na Turquia, e o general Claude Monroe McQuarrie, conselheiro militar da Embaixada americana em Ankara. Não se sabe quantas pessoas seguiam no avião além dos dois generais e do piloto.

Logo que o aparelho foi dado como desaparecido as autoridades turcas e americanas iniciaram imediatamente buscas na região montanhosa sobrevoada pelo avião no seu trajecto para Kars.

CAPTURADO NA BOLÍVIA UM ANTIGO COMPANHEIRO DE «CHE» GUEVARA

LA PAZ, 22 — (R.) — O Exército anunciou ter capturado Oswaldo «Chato» Peredo, antigo companheiro de «Che» Guevara e actualmente um dos principais chefes das guerrilhas bolivianas.

Seus irmãos «Coco» e «Inti» Peredo, igualmente seguidores de Guevara, foram mortos anteriormente em combate com o Exército.

O comandante supremo boliviano general Reque Tern, disse ontem á noite que Oswald Peredo, o chefe do Exército de Libertação Nacional, e outro dirigente guerrilheiro, Mario Suarez Moreno, foram capturados em consequência de combates próximo da povoação de Teoponte a 300 quilómetros ao norte desta capital.

Neste combate foram mortos quatro guerrilheiros entre os quais um brasileiro e um peruano.

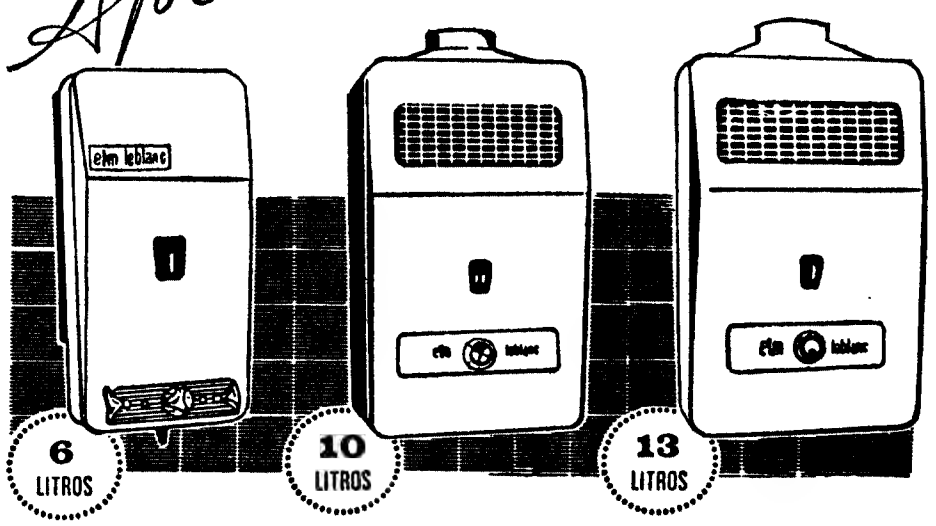
Peredo era o chefe de um bando de 30 guerrilheiros que a 19 de Julho capturaram Teoponte raptaram dois técnicos de minas alemães

Os dois alemães foram libertados alguns dias mais tarde por troca com 10 guerrilheiros que o Governo boliviano libertou e transportou de avião para o Chile.

Após esses raptos, que constituiram o primeiro sinal de actividade dos guerrilheiros desde que Guevara foi morto há três anos, o Exército lançou uma campanha antiguerrilha em grande escala naquela região e, em fins de Julho, abateu oito guerrilheiros.

E.L.M. O ESQUENTADOR FRANCÊS DE CLASSE INTERNACIONAL

Apresenta OS SEUS 3 MAIS MODERNOS MODÊLOS



À venda nas boas casas da especialidade

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS: ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.

departamento electrodoméstico

R. DOS DOURADORES, 43 - Telef. 361763 - LISBOA ● R. DE S. ANTÓNIO, 208. - Telef. 25581 - PORTO

PARA A SUA CASA A SUA CASA

DECOMUR

AV. DEFENSORES DE CHAVES, 33-B e C Telef. 68036 LISBOA

PRONTO A VESTIR PRONTO A VESTIR

Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa

SEDE: Avenida da República, 29 — LISBOA

SECÇÃO PROFISSIONAL DE PRAÇA E VIAJANTES

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Em conformidade com as disposições estatutárias é convocada a Assembleia Geral da Secção Profissional de Praça e Viajantes a reunir extraordinàriamente na sede deste Sindicato, no dia 6 do próximo mês de Novembro, pelas 20.30 horas, com a seguinte

ORDEM DOS TRABALHOS

1 — Apresentação e discussão do Programa da actividade da Secção de Praça e Viajantes para o triénio de 1970-72 elaborado pela respectiva Direcção.

2 — Eleição dum Director Suplente para a substituição dum vogal demissionário.

3 — Antes da ordem do dia, será concedida meia hora para debate geral de assuntos que interessam aos profissionais da Secção.

Não havendo número legal de sócios presentes, desde já se convoca nova reunião para as 21.30 horas do mesmo dia, que funcionará com qualquer número de sócios, conforme determina o artigo 30.º dos Estatutos.

Lisboa, 21 de Outubro de 1970.

A DIRECÇÃO DA SECÇÃO DE PRAÇA E VIAJANTES

COMUNICADO

AUTO EDUARDO COSTA SARL, com sede em Lisboa na Rua de Campolide, 27-B, tem o prazer de informar que nomeou AGENTE para o DISTRITO DE LISBOA, dos AUTOMÓVEIS FIAT GIANNINI a firma SALAUTO COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS LDA.

COMUNICADO

SALAUTO COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS LDA., com sede em Lisboa na Rua D. Estefânia, n.º 17 B-C, tem o prazer de informar que foi nomeado AGENTE para o DISTRITO DE LISBOA dos AUTOMÓVEIS FIAT GIANNINI pela firma AUTO EDUARDO COSTA SARL.

Norman Borlaug (Prémio Nobel da Paz) lança um aviso contra o perigo do aumento excessivo da população

CIDADE DO MÉXICO, 22 — (R.) — O dr. Norman Borlaug, o cientista americano contemplado com o Prémio Nobel da Paz por ter aperfeiçoado novos tipos de trigo de melhor qualidade, nas suas primeiras declarações á Imprensa ontem á noite preveniu sobre o perigo do aumento excessivo da população no mundo.

«A menos que consigamos fazer alguma coisa para resolver este problema, ele acabará por nos destruir» — afirmou ao receber os jornalistas no Centro Internacional de Aperfeiçoamento de Cereais, onde é director do programa de estudos sobre o trigo.

A citação que acompanha o Prémio Nobel da Paz ontem atribuído diz que o dr. Borlaug é uma das principais figuras da chamada «revolução verde» na agricultura mundial, a qual tem por objectivo melhorar a alimentação nos países subdesenvolvidos.

Na realidade o dr. Borlaug contribuiu para a criação de novos tipos de trigo que já foram adoptados no México, Índia e Paquistão, países onde a produção de cereais está a aumentar.

O cientista, porém, disse aos jornalistas: «Quero dizer que tenciono receber o prémio em nome de toda a equipa de agrónomos que me têm ajudado a fazer a «revolução verde».

O dr. Borlaug revelou que tenciona dar os 76 000 dólares do prémio para a construção de outro centro experimental agrícola onde prossigam os estudos de aperfeiçoamento de outras colheitas uteis á humanidade.

PELÉ — passaporte diplomático

PELÉ REPRESENTA MÉDICI

BRASÍLIA, 22 — (A. N. I.) — O Brasil anunciou que Pelé vai ao México no dia 2 de Novembro para representar oficialmente o Governo brasileiro na inauguração da Praça do Brasil, na cidade de Guadalajara.

Pelé, cujo verdadeiro nome é Edson Arantes do Nascimento, viajará como representante oficial do presidente Emílio Medici e será portador de um passaporte diplomático.

Guadalajara foi a cidade onde a selecção brasileira de futebol disputou a maior parte dos seus jogos para a respectiva série da Taça do Mundo, em Maio e Junho últimos.

A greve do lixo atinge o Palácio de Buckingham

LONDRES, 22 — (A. N. I.) — O lixo do Palácio Real ficou hoje por recolher. A greve nacional de cerca de 65 000 homens dos serviços de limpeza chegou hoje até ao centro de Londres, onde se situam o Palácio de Buckingham, a residência oficial do primeiro-ministro, n.º 10 de Downing Street, e o Parlamento.

O pessoal de limpeza desses [illegible] abandonou o trabalho, em manifestação de solidariedade com o seu sindicato, que reclama aumentos de salário para cerca de 770 mil trabalhadores do serviço de limpeza.

A solução da greve não está ainda á vista e o rio Tamisa corre cada vez mais sujo. As autoridades sanitárias receiam o resultado da chuva que possa cair, com sargetas entupidas e ruas sujas.

Os informadores do Palácio de Buckingham revelaram que ainda há no palácio local para se depositar o lixo.

Entretanto, o serviço de incêndios de Londres informou que tinha dominado centenas de incêndios provocados pelas donas de casa, nas suas tentativas de queimar em casa o lixo.

RAPTADA A FILHA DE UM BANQUEIRO

CÓRDOBA (Argentina), 22 — (F. P.) — Foi raptada Maria Srur, de 18 anos, filha do director de um banco desta cidade.

Os raptores exigem 100 mil pesos para entregarem Maria e ameaçam matá-la se o resgate não for pago.

O pai já entregou metade da quantia e vai entregar a outra metade em troca da filha.

MARY QUANT LANÇA OS CALÇÕES PARA A CIDADE

LONDRES, 22 — (A. N. I.) — Os homens que gostam de ver umas pernas bem feitas voltaram a sorrir depois da passagem de modelos de Mary Quant para a Primavera. Os manequins traziam as pernas nuas até ao meio da coxa, não porque tivesse regressado a era da mini-saia, mas porque a costureira escolheu como trajo para a cidade os calções, que designou por «Forties Shorties».

«É uma nova era» — afirmou Mary Quant.

Os seus manequins traziam calções justos, vestidos cingidos de crepe da China cortados nas ancas e que alargavam para baixo. Um dos manequins trazia um fato a que a figurinista chamou «Rival Brigades» (Brigadas Rivais), cujos calções tufados tinham bolsos de cor contrastante na parte de trás.

Um fato de calças de malha cor-de-rosa acinzentado designado por «Sergeants Major» (Sargento Ajudante) tinha um ar bastante marcial. Um conjunto de calções de linho — «Butter-Milk» (Manteiga) — era completado com uma cartucheira e botas altas até ao joelho.

A Tanzânia vai receber Migs-17 chineses?

LONDRES, 12 — (F. P.) — A China forneceria em breve duas esquadrilhas de Migs-17 á Tanzania — informa o «Daily Telegraph».

As duas esquadrilhas ficarão com base em Mikumi, perto de Dar-es-Salam.

O «Daily Telegraph» indica também que a China teria fornecido cinco canhoeiras á Tanzania, provávelmente para patrulhar o Lago Malawi.

O auxílio chinês á Tanzania compreende ainda a construção do caminho de ferro Tanzania-Zambia e de uma base naval em Dar-es-Salam.

novidades D. Quixote

OS HIPPIES — QUEM OS CONHECE?
Viajar pelo mundo dos hippies. Viajar com eles. A pensar.
Colecção «Cadernos D. Quixote», Vol. 29, 30$00

HOLLYWOOD — GLÓRIA E DECADÊNCIA
60 anos de choque entre a arte e o negócio
Colecção «Cadernos de Cinema», Vol. 9 30$00

O POETA APRESENTA O POETA
Um poeta invulgarmente popular (3.ª edição): VINICIUS DE MORAIS
Colecção «Cadernos de Poesia», Vol. 4, 30$00

AÍ VEM A MAFALDA OUTRA VEZ
As suas angústias — as nossas angústias — que ela vence com um estimulante sentido de humor
Mafalda, Volume 2, 20$00

PEÇA NAS LIVRARIAS OU DIRECTAMENTE A:

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
RUA LUCIANO CORDEIRO, 119

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«P. PERFEITO»	4 de Novembro	Luanda e Lobito.
«PORTO AMÉLIA»*	7 de Novembro	Directo a: Luanda, L. Marques, Beira e Nacala.
«ANGOLA»*	13 de Novembro	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cape Town, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.
«ÍNDIA»*	18 de Novembro	Directo a: Luanda, Lobito e Moçâmedes.

* Com escala prévia por Leixões

Reserva de passagens: Telefs. 34764 e 369172

LISBOA — R. DO COMERCIO, 85; TEL. 323021
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63; TEL. 22438

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

†

José Mário Romão Nobre Cartaxo

MISSA DO 9.º ANIVERSÁRIO

O pai participa que será celebrada a Santa Missa por seu eterno descanso na Igreja Paroquial da Nossa Senhora da Encarnação, ao Chiado, amanhã, 23, às 12,30 horas. Agradece a todos os que se dignarem assistir a este piedoso acto.

†

ABEL AUGUSTO DA SILVA CAIXINHA

FALECEU

Sua esposa Lucinda Caixinha, seu filho Dr. Silva Caixinha, sua nora Engenheira Joséfia Caixinha e netos, participam o seu falecimento, e que o funeral se realiza amanhã, ás 14 horas, da Igreja da Pena, para o cemitério da Golegã, devendo chegar a esta localidade, cerca as 15.30 horas.

A inauguração da fábrica de agregados ligeiros de argila em Avelar

(Continuação da 13.ª página)

de realização claramente expressos e exequíveis...»

Temos os meios para realizar as metas propostas

«Mas não será isso o Plano? Pois devia ser isso o plano.

Efectivamente, não se fixa uma *meta a atingir* mas aí podia já discutir-se (digo, devia discutir-se ao nível da elaboração do plano) e seu *valor* e o seu *peso* em face do que seria imposto pelo nosso atraso e sobretudo por inadiáveis objectivos de promoção humana. Temos depois os meios instrumentais e humanos para a realização das metas propostas — mas aí é de pôr em causa a realidade de poder ser ou não a iniciativa privada a suportar praticamente todo o peso das tarefas exigidas pelo desenvolvimento económico, bem como saber-se se tal força dada à iniciativa privada não levaria — como apesar de tudo tem levado — a um empolamento do interesse particular dos empresários em detrimento do interesse colectivo. Isto torna-se tanto mais grave quanto o nosso sistema corporativo, com o pseudo sindicalismo que pratica, nas suas relações com o mundo da produção se caracteriza por — sem corrigir nenhum dos defeitos do capitalismo, não preservar nenhuma das suas virtudes.

Tudo isto deixa-nos ver, de forma bem clara, que o plano só funcionará como elemento válido ao serviço do desenvolvimento:

1 se contiver em si valores significativos de promoção socioeconómica, tendo em conta o nosso atraso, o tempo de que dispomos e a possibilidade não de evitar tensões sociais mas de poder dominá-las com meios humanos ou, diria melhor, pela sua inserção numa política coerente e justa de distribuição do rendimento nacional.

2 se for possível, e isto vendo agora o plano na realidade das metas propostas — os tais 9% — fazer funcionar sem distorsões os vários sectores que hão-de permitir a inserção do plano na realidade que ele vem tratar; o que se prende com a formação de quadros, a investigação, a mobilização tempestiva e articulada dos recursos financeiros, com a interligação efectiva e operante dos diversos departamentos ou serviços por onde o plano tem de passar ou parar, pelo acordo entre o tempo de realização dos objectivos e o que é preciso para se dispor, sem soluções de continuidade, de todos esses meios para atingir as metas propostas.

Certo que nós temos carências reais — humanas, técnicas e outras — as quais, naturalmente, requerem tempo para serem dominadas, mas temos também condicionamentos que correspondem a opções determinadas — a guerra de África, sobretudo — e temos ainda uma estrutura industrial a reclamar revisão urgente. Se aquela opção parece constituir um ponto de princípio inatacável para quem governa, então há que ter a coragem de inserir a partir daí o plano, não camuflando o peso dessa opção mas antes — e para além da facilidade com que se pode reconhecer platónicamente a sua influência negativa no campo económico — traduzindo-a numa linguagem que não deixe dúvidas aos governados sobre o sentido e o pesadíssimo preço das opções — ou, talvez dizendo melhor, das posições que lhes estão sendo facultadas.»

A falta de regulamentação operante

«Mas, para além dessas carências e condicionantes, e também por causa delas, há ainda o processamento sistemático de todo um contraste entre as metas propostas e os objectivos alcançados, entre leis que se fazem por corresponderem a exigências prementes e afirmadas do desenvolvimento económico e a falta de regulamentação que as torne operantes, entre outras opções de princípio, com o chamado mercado único português, e o problema das transferências, lançando luz sobre a inviabilidade de tal opção, ou, ao menos, lançando a dúvida sobre ela e introduzindo, de qualquer modo, no circuito económico, um travão importante a muitos objectivos propostos.

Daí a desconfiança crescente sobre o valor efectivo das orientações tomadas, daí ao receio de operar sobre dados que a realidade desmente ou não deixa que se manifestem, daí ao desânimo perante um esforço reclamado e não ajudado, vai um passo bem pequeno que, receio bem, esteja já sendo dado...

Ora este é exactamente o clima que urge evitar. Como vi escrito ainda há pouco, importa que o plano possa servir políticas concretas mas sobretudo que não sirva para disfarçar a inexistência ou pobreza dessas políticas.

Não devemos porém ocultar, para além de tudo quanto ficou dito, que é inadiável, para os empresários, dominarem a sua impreparação, o seu individualismo, a sua dificuldade em se inserirem num contexto socioeconómico em que o risco seja também um valor e um estímulo e a promoção do trabalhador um dever irrecusável e em que, por fim, não esperem tudo da generosidade das benesses do Estado.

Não precisarei de me alongar muito neste aspecto. Poderei dar, no entanto, dois exemplos a meu ver frisantes.

Com a argila expandida obtém-se elementos prefabricados designadamente blocos de parede.

Ora eu estou associado a duas firmas produtoras de tijolos também de alvenaria.

Pois, muita boa gente, me perguntava: como vai você produzir um material que concorre consigo próprio? Nem valia o argumento de que por toda a Europa o fabrico de argila expandida está na mão, em 50% de fabricantes de tijolos e, subsistindo naturalmente os dois fabricos.

Na realidade a estrutura do consumo não é linear nem o uso da argila expandida universal.

Por outro lado, um dos pontos essenciais à dinâmica do progresso é a diversificação no sentido da introdução de novos produtos e da consciência de que os produtos tradicionais devem contar com ela para se actualizarem.

Saber-se-á — e posso ilustrá-lo bem por ter pertencido até à pouco à Federação Europeia dos Fabricantes de Telhas e Tijolos — que o desenvolvimento da argila expandida determinou um esforço concentrado para estudar as formas possíveis de adaptação do tijolo às novas exigências?

O desconhecimento das causas da produtividade dos operários

«É possível ouvir-se ainda dizer, e este é o segundo exemplo, que o aumento salarial só pode aceitar-se se trouxer consigo um aumento de produtividade da mão-de-obra. Chama-se a isto desconhecer as causas determinantes da produtividade dos operários que têm que ver com muito mais coisas, coisas até que lhe são anteriores. Por outro lado, a produtividade é um somatório de componentes que, desde a organização empresarial, ao dinamismo de gestão, às técnicas usadas, aos instrumentos de fabrico, à dimensão da empresa e, vá lá, à pressão sindical actuando como estímulo, permite integrar a mão-de-obra numa estrutura efectivamente produtiva e competiva.

De qualquer modo esta falta de preparação, apenas reforça a gravidade da situação empolando a exigência de outros meios eficazes para a combater. Diria, assim, que o nosso maior problema é quase um problema de *tempo* tal a extensão das dificuldades. Chegou-se a uma situação em que, se assim me posso exprimir, tudo é prioritário, tudo é cada vez mais dependente de outra coisa que depois, ainda depende de outra, e nenhuma, absolutamente nenhuma, pode esperar.

Quanto aos problemas da reconversão industrial, disse-nos na Covilhã o Sr. Secretário de Estado da Indústria, que estão em fase final ou finalíssima de execução diversos textos legais por Sua Ex.ª anunciados. É de crer que eles possam ser objecto de um debate franco e extenso e repensados em função da interdependência em que estão relativamente a departamentos de outros ministérios e à sua inserção nos esquemas da nossa política económica geral. Saber se essa inserção será possível sem rotura, isso é já outra questão assim como, ao referir-me às interligações ministeriais, toco num ponto crucial, julgando que basta enunciá-lo para sentirmos que continua em aberto o problema.

É sombrio o quadro que deixei traçado mas creio também que é profundamente realista. Diagnosticar bem a doença é o único caminho para a sua cura e isso, afinal, é o que mais importa».

O sr. dr. Domingos Manuel Megre passou, depois, a historiar a construção da fábrica, focando o papel desempenhado pelo administrador-delegado eng.º José Pinto Eliseu da Silva Pereira. Citou, a seguir, as possibilidades e vantagens do emprego do agregado ligeiro de argila expandida «Leca», nomeadamente na construção civil.

A terminar, o orador disse:

«Cumpre-me agradecer aos srs. Kai Thastun e Joseph Goossens a sua vinda a Portugal, testemunhando assim a ligação estreita que existe entre todos os fabricantes de Leca.

A sr.ª do Embaixador da Dinamarca a minha muito especial homenagem por nos ter honrado com a sua presença reforçando, assim, o sentido de uma profícua colaboração entre Portugal e a Dinamarca.

Agradecendo ao sr. secretário de Estado das Obras Públicas a sua presença, é a um grande amigo de há muitos anos que me dirijo, e sabia bem que ele não podia estar ausente neste dia. Mas tenho de lhe pedir uma coisa: no que diz respeito ao problema da habitação haja a coragem de ir ao fundo das questões. Para além disso projectar em grande e com legislação adequada para atrair novos processos e novas técnicas. Quanto ao mais somos nós que temos de saber estar com a técnica válida e produtos de qualidade, aí onde a construção o exija.

Sr. secretário de Estado da Indústria:

Agradeço a V. Ex.ª em nome da Argilex, o ter vindo a Avelar proceder a esta inauguração».

Falaram, depois, o presidente da Câmara Municipal de Ansião, os senhores: Joseph Joossers e Kai Thastrum e por último o secretário de Estado da Indústria, sr. eng.º Rogério Martins.

Para esta importante unidade industrial, forneceu a EFACEC todos os motores eléctricos, transformadores e posto de transformação e realizou a instalação eléctrica geral de força motriz iluminação e comandos.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Vendo
Consolidado 4 3/4%	—	—	500$
Consolidado 3%	—	—	509$
Consolidado 3 1/2%	—	—	612$
Centenários 4%	—	—	1.440$
Obrigs Tesouro 5%	—	—	1.000$
Externo 2.ª Série	—	—	—
Externo 2.ª Série c.	—	—	650$
Externo 3.ª Série	—	730$	—
Externo 3.ª Série c.	—	—	730$
Cautelas 3.ª Série	—	142$	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P T 5% 56	—	—	910$
A P T 5% 58	—	—	910$
C P 4 1/2% 65	—	875$	900$
C P 5 1/2% 67	—	—	—
C U F 6%	900$	—	900$
C U F 6% 68	—	900$	930$
Gás Elect 4% 48	—	—	840$
Gás Elect 4 1/2% 51	—	780$	—
Gás Elect 5% 52	—	780$	—
Gás Elect 5% 58	—	—	—
Gás Elect 5% 59	—	—	—
Gás Elect 5% 62	—	—	—
Gás Elect 5% 63	—	—	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	945$	—	945$
H E A Alentejo 5%	—	770$	—
H E Cávado 5%	—	—	750$
H E Cávado 6%	950$	945$	960$
H E Douro 5%	745$	—	750$
H E Douro 6%	950$	950$	955$
H E Norte Port 5%	—	860$	—
H E S Estrela 6%	935$	—	935$
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	750$
Lisnave 6%	920$	915$	—
Metropolitano 4%	—	850$	—
Metropolitano 5 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	720$	—
Nac Elect 5%	—	780$	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	—	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	900$	—
Sacor 5% 60	—	800$	820$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	740$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	750$
Sonefe 5%	815$	815$	—
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	85$	—
U E P 1/2%	—	90$	—
U E P 5%	—	—	76$
U E P 5% 60	—	—	760$
U E P 5% 63	—	835$	—

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel 366066/7

Telegr ALMEIRO — Telex 41 ALBAP P

AÇÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.275$	2.270$	2.275$
Alentejo	1.122$	1.120$	1.125$
Angola	—	3.500$	3.580$
Burnay	—	—	—
Crédo Predial	8.700$	8.700$	—
E Santo	—	20.900$	21.200$
E Santo n	—	—	—
Fomentos S. p.	—	—	20 000$
Fomento	2.480$	2.470$	—
L & Açores p	—	6.800$	6.850$
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico p	5.730$	5 720$	5.730$
Portugal n	3.120$	3.110$	3.150$
Portugal p	4.150$	4.100$	4.200$
Totta Aliança	6.000$	5.950$	6.050$
Ultramarino n	—	3.200$	—
Ultramarino p	3.650$	3.635$	3.680$
Seguros			
Alentejo	155$	155$	157$
Douro	—	1.500$	—
Mundial	—	950$	1.000$
Sagres	1.800$	1.700$	1.800$
Tranquilidade	—	55.000$	65.000$
Ultramarino	—	25.000$	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	780$	785$
Ag Cassequel	670$	665$	675$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	420$	450$
Ag S Tomé e Príncipe	290$	285$	—
Borar	—	—	—

Ultramarinos	Efec	Compra	Vendo
Buz	77$	77$	—
Cabinda	—	214$	218$
Diamantes Angola	—	2.350$	2 400$
Hte Revue	—	610$	650$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	184$	83$	85$
Sonefe n	—	415$	—
Sonefe p	—	426$	430$
Zambézia	78$5	78$	79$
Diversas			
Cidla	6.800$	6.750$	—
Cim Leiria	—	4.000$	—
Cim Tejo	7.550$	7.500$	7.600$
Col Navegação	—	440$	—
C U F	—	1.550$	1.580$
Ind Aliança	—	550$	850$
Nac Navegação	—	3.600$	3.800$
Petroquímica	—	1 550$	1.600$
Port e Colónias	—	1.400$	—
Port Celulose	4 000$	4.000$	4 020$
Port Pesca	—	—	—
Port Tabacos	636$	685$	—
Sacor	—	4.450$	4.550$
Siderurgia Nac	2.210$	2.200$	2 220$
Socel	3.250$	3 250$	3 260$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	—	6.700$	—
U F Azoto	770$	770$	775$
Agua. Elect e Gás			
Aguas Lisboa p	400$	400$	—
Aguas Lisboa 34	405$	405$	410$
Aguas Lisboa 36	—	390$	405$
C P Electricidade	1.185$	1.184$	1.185$
C P Electricidade nom	1.180$	1.180$	1.185$
C P Electricidade 969	—	—	—
Eléct Beiras	—	1.650$	1.720$
Gás Electr	421$	420$5	421$5
H E Alto Alentejo	182$	181$	182$
H E Norte Portugal	272$	270$	275$
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	185$5	185$5	186$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	196$	198$
F I D E S	—	122$	124$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: De

	15/10/70	21/10/70	22/10/70
GERAL	147.4	146,8	146,3
METROPOL.	140.3	139,8	139,3
ULTRAM.	199,6	197,9	198,0

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	34$00	36$50
Alemanha — Marco	7$75	8$05
América:		
— Dólares, de 2 a 5	28$20	28$70
— Dólares de 5 a 1.000	28$50	28$90
Argentina — Peso Novo	5$50	7$50
Áustria — Schilling	$10	$16
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	6$00
Canadá — Dólar	27$70	28$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	68$30	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	4$80	5$40
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$60	6$82
Ouro:		
Inglaterra — Libra isabel	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	36$00	38$50

J. BURNAY L. DA Notas estrangeiras Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 Tel. 231273

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje — UM HOMEM DE QUEM EU GOSTO—S. JORGE
SAFARI AFRICANO — POLITEAMA

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
Às 21.30 — ESTREIA
UM HOMEM DE QUEM EU GOSTO
com Jean-Paul Belmondo e Annie Girardot
Às 15.15 e 18.15 (M. 17 anos):
SAIAS ACIMA

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Um filme irónico, poético e malicioso
OS AMANTES
com Jeanne Moreau e Jean-Marc Bory

ÉDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
2.ª SEMANA
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Um espectacular «western» na melhor tradição do clássico do género
«CHISUM, O SENHOR DO OESTE»
com JOHN WAYNE

ODEON
(M. 17 anos) Tel. 426283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
O CINEMA PORTUGUÊS EM FESTA
2.º MÊS!... ENCHENTES!
5. SEMANA DE GARGALHADA
A MALUQUINHA DE ARROIOS
Realização de Henrique Campos
Segundo a famosa comédia de André Brun
com Alina Vaz, Ivone Silva, Artur Semedo, Eugénio Salvador, Linda Silva e Óscar Acúrsio

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21 e 30:
Um golpe de «gangsters»
A MINHA TARA É O DINHEIRO
com Françoise Rosay

★ BERNA
(Junto á Igreja de Fátima)
(Adultos) Tel 776098
Às 18.30 e 21.45
Alain Delon e Jean-Paul Belmondo no extraordinário filme em Technicolor de Jacques Deray
BORSALINO
A história de dois homens á conquista do Mundo!

TIVOLI
(M 17 anos) Tel 50595
As 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
ELIZABETH TAYLOR e WARREN BEATTY em
QUANDO O JOGO É O AMOR

IMPÉRIO
(M. 12 anos) Tel. 555134/5
As 15.15 e 21.30
Panavision — Color
A vida de um homem que alterou o curso da História e da Liberdade
CROMWELL
c/ RICHARD HARRIS e SIR ALEC GUINESS

ESTÚDIO
(Adultos)
Às 15.30, 18.30 e 21.45
(Adultos) — 2.ª SEMANA
Grande Prémio S. E. I. T. — Prémio Int. Femina Prémio Fot. e Realização CUNHA TELLES
O CERCO
com Maria Cabral e Rui de Carvalho

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
Uma estrondosa comédia alegremente vestida de luto!
AS VIÚVAS
com Alberto Glosas, Julia Caba e José Luis Lopez Vasquez

CASINO ESTORIL
Às 17 e 21.30 (M. 12 anos)
SUBTERFÚGIO
com Gene Barry

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
HOJE, ás 21.30 — Technicolor
NOTÁVEL ESTREIA
Extraordinários e autênticos episódios filmados na selva
SAFARI AFRICANO
Uma realização de Ron Shanin que durou cinco anos e meio em rodagem
Comentado em português
Hoje, ás 18.30 — Sessão Clássica com o filme «DOCE NOVEMBRO »(Ad.)

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45
EM 5.ª SEMANA DE SENSAÇÃO!
Bibi Andersson, Robert Stack, Annie Girardot e James Farentino numa alta comédia em maravilhoso technicolor
A VIDA DE UMA MULHER
— O primeiro amor será, de facto, o mais forte?...
AR CONDICIONADO

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
2.ª SEMANA
Às 15.15, 18.15 e 21.30
a obra fundamental de Joseph Losey
O CRIADO
(The Servant)

ALVALADE
(Adultos) Tel. 717880
2.ª SEMANA
Às 15.45 e 21.45
a obra fundamental de Joseph Losey
O CRIADO

CHIADO TERRASSE
As 15 e 21 h (M 17 anos)
VIVER É O QUE IMPORTA
FBI CONTRA COSA NOSTRA

ROYAL
(Adultos) Tel. 86545
As 15 e 21 horas
UM SONHO DE REIS
EM PONTO DE REBUÇADO

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Um filme espectacular
AEROPORTO
com Burt Lancaster Jean Seberg e Dean Martin

LIDO
(M. 17 anos) Tel. 937693
As 21 30 horas
Um filme exclusivamente para pessoas de formação adulta!
O MUNDO MULHER
Inteiramente comentado em português

LUMIAR
(Adultos) Tel. 795296
Às 21 horas
O FASCÍNIO DE LAS VEGAS
CAMINHO PERIGOSO

CONDES
(Adultos) Tel. 322523
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Sharon Tate impressionante de beleza no seu ultimo filme
(12+1)
DOZE MAIS UMA
com Vittorio Gassman

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
Às 21 horas
CHICAGO, CHICAGO
DUELO EM DIABLO
Ar condicionado

VOX
(Adultos) Tel. 720808
Às 15.15, 18.30 e 21.45
5.ª Semana de êxito
DUSTIN HOFFMAN e MIA FARROW
JOHN & MARY
AR CONDICIONADO

ROMA
(Adultos) Tel 727778
Às 15.30 e 21.45
O ultimo filme de SHARON TATE
DOZE MAIS UMA
12+1
com Vittorio Gassman, Orson Wells, Vittorio de Sica, Terry Thomas e Mylene Demongeot

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661010
As 15.00 e 21.00
(70 mm — Color)
Rex Harrison e Audrey Hepburn em
«MY FAIR LADY»

IMPERIAL
(M. 17 anos) Tel. 45933
As 21 horas
BAMSE, PAIXÃO IMPOSSÍVEL A RAPARIGA

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Preço» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e 23: «Pimenta na língua» (17 anos)
CAPITÓLIO: As 21 e 45: «O Vison Voador» (17 anos)
MARIA MATOS — As 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos)
A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Alto lá com elas» (17 anos)

CINEMAS

JARDIM — As 21: «Capitão Singrid» (12 anos)
IDEAL — Às 5 e 15 e 21: «Por quem os sinos dobram» (12 anos)
PARIS — Às 21: «Não sou digno de ti» (12 anos)
CINEARTE — Às 21: «Os ratoneiros» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Amor quente, amor frio» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Os caminhos da violência» (17 anos)
ARCO ÍRIS — Às 21: «Entretanto haja saúde» (17 anos).
OLIMPIA — Às 9: «Viver um pouco, amar um pouco» (12 anos)
CINE-ORIENTE — Às 21: «A Piscina» (17 anos)
SALÃO LISBOA — Às 21: «Não esperes Django... dispara» (12 anos)
CAMPOLIDE — Às 21: «Roubaram a Gioconda» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D JOÃO V — Às 21 e 30: «O Ouro de Mackena» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «Gigantes em Duelo» (17 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Uma Experiência amorosa» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «O Diabo á Solta» (17 anos)

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O Executor» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Easi Rider» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Situação desesperado» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Subterfúgio» (17 anos)
ESTORIL — PALÁCIO — Às 21 e 30: «Doze indomáveis patifes» (17 anos)
CASCAIS — S JOSÉ — Às 21 e 30: «A ponte de Romagem» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «A Velha Raposa» (12 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «A Viuva Que Não Casou» (17 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «Chove no Meu Coração» (17 anos).

● PORTO

TEATRO

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «P'rá frente Brasil» (17 anos)

CINEMAS

COLISEU — Às 21 e 30: «O elã dos sicilianos» (17 anos)
SÃO JOÃO — Às 2 e 30: «O homem perdido» (17 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «O que há de novo gatinha» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «Cromwel» (12 anos)
ESTUDIO — Às 21 e 30: «A minha noite em casa de Maud» (17 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Sabata» (17 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «Encruzilhada para uma freira» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «A sombra e um gigante» e «Convite a um pistoleiro» (12 anos)
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «A rapariga do auto-stop» (17 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «O reino de Buda» (17 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «Para o melhor e para o pior» (12 anos)
ODEON — Às 2 e 30: «Perry Grante — agente secreto» (17 anos)
CINE-GAIA — Às 21 e 30: «O diabo á solta» (17 anos)

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Assalto quase... imperfeito» (12 anos)
AVENIDA — Às 17 e 30: «Viver para viver» (17 anos); ás 21 e 30: «Barrabás» (12 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «O 7.º cavalo» (12 anos)
SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «Ringo, herói do Texas» (12 anos)

FARMÁCIO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIA

● LISBOA

ALMIRAGOA — Moderna, R. Garcia de Orta, 24 (683117).
MOURARIA — Ferrão, R. da Mouraria, 2 (860464).
ESTRELA E LAPA — Alb, R. de Santana á Lapa, 56 (663562).
OEIVAIS-SUL — Simão, R. Cidade de Cabinda, 6-A (junto á Piscina dos Olivais) (31058').
PALHAVÃ — Canto, Est. dos Laranjeiras, 202-B (780841).
PEDROUÇOS — Higilux, Rua de Pedrouços, 50-52 (610280).
PICHELEIRA — Mariuz, Calç da Picheleira, 40-B-C (720703 e 728395).
S. PAULO — Marcos do Nascimento, Calç Marquês de Abrantes, 36-A (664238).
SANTO AMARO — Botânica, Rua da Junqueira, 38-40 (638 32).
SANTA MARTA — Morais Sarmento, R de Santa Marta, 5-A. 5-B (46490).
SÉ — Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (869831).
MOSCAVIDE — Varela, Av Moscavide, 44 (2518520) R. da Prata 15 (362350)
BENFICA — Benfiluz E. de Benfica, 444-A (782606)
Progresso, Estrada A-da-Maia, 64-C (702226)
Macedo, Est do Poço do Chão 69-C (703697)
CAMINHOS-DE-FERRO — Cruz de Malta, L Chafariz de Dentro, 36 (866'26)
CAMÕES — Andrade, R. do Alecrim, 25 (370685-323446)
CAMPO DE OURIQUE — Linalda, R Ferreira Borges, 30 (660955) * Findor, R D. Maria P.a, 514 (687949).
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (553308)
CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 53 (683438) * Zénel, Rua A, 182 (Bairro da Liberdade) (651840) * Nove, R de Campolide, 297-C (687475).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus R da Mangem, 5-B (ao Bair do Grilo) (382470) * Zema, R General Justiniano Padrel, 2 (832580).
ESTEFÂNIA — Fonseca, Largo de D Estefânia, 4-5 (54808)
GRAÇA — Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A-39 (862909) * Higiénica, R. Heliodoro Salgado, 20-A (84436')
LUMIAR — Patuleia, R. do Lumiar 22 a 24 (790332) * Douro, Alam. Linhas de Torres, 93-A-B (791'3').
AJUDA — Mendes Gomes, Calç da Ajuda, 222 (638256) * Tapada, Lda., Calç da Tapada 83-A (Tel 634721)
ALCÂNTARA — Estr Nogueira, R de Alcantara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Lusa, Av Almirante Reis, 99-A (41269) * Romano Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10 (50593) * Magalhães, Av Almirante Reis 4-D a 4-F (49479)
ALTO DO PINA — Dáiton, Av Mouzinho de Albuquerque, 7 A (á Pr Paiva Couceiro (84357')
ALVALADE — Líbia, Av. da Igreja, 4-B-C (71681) * Nova Iorque, Av Estados Unidos da América, 140-B (junto a Entrecampos) (760658) * Celta, R. Moura Girão 3-B (79621).
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Águas livres, 8-D (68155)
AREEIRO — Marbel, Av. de Roma, 131-A (776235) * Lusitana, Avenida de Roma, 18-A (725443) * Chinde, R Agostinho Lourenço 6-B (71033')
AVENIDOS NOVAS — Lungenit, Avenida da República, 55-A (772132) * Providência, R D Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego (770324) * Sá da Bandeira, R Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (4 961-54672) * Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29-A (48966-55360')
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, Pr das Casas Novas, lote 66 (3072)
BAIXA — Simões Pires, Nogueira, R de Alcantara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Lusa, Av Almirante Reis, 99-A (41269) * Romano Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10 (50593) * Magalhães, Av Almirante Reis 4-D a 4-F (49479)
ALTO DO PINA — Dáiton, Av Mouzinho de Albuquerque, 7 A (á Pr Paiva Couceiro (84357')
ALVALADE — Líbia, Av. da Igreja, 4-B-C (71681) * Nova Iorque, Av Estados Unidos da América, 140-B (junto a Entrecampos) (760658) * Celta, R. Moura Girão 3-B (79621).
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Águas livres, 8-D (68155)
AREEIRO — Marbel, Av. de Roma, 131-A (776235) * Lusitana, Avenida de Roma, 18-A (725443) * Chinde, R Agostinho Lourenço 6-B (71033')
AVENIDOS NOVAS — Lungenit, Avenida da República, 55-A (772132) * Providência, R D Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego (770324) * Sá da Bandeira, R Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (4 961-54672) * Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29-A (48966-55360')
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, Pr das Casas Novas, lote 66 (3072)
BAIXA — Simões Pires, Nogueira, R de Alcantara, 5-A (637563)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco, Av. Comb G Guerra, 29 (Tel. 21208)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 7-A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R Costa Pinto, 186 (Te 2432034)
OEIRAS — Godinho, R. Cândido dos Reis 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Brandão, Av da República 77-C (Tel. 247'054)
ESTORIL — Marques dos Santos, R Ferreira, J-A-15 A. (Tel. 260116)
CASCAIS — Marginal, Av Marginal (Tel 280078) * A. Costa, Rua Freitas Reis, 24-C (Tel 280214).

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias, Av. Marquês de Pombal lote 9 (T 934589 * Campos, R Elias Garcia 85 (930072) * Clabel, R António Sardinha, 23-C (Tel 93855)
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar Lote D (T. 971023
QUELUZ — Gil — Av Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950171) * Simões Lopes — Av Elias Garcia 5 (Tel 950123
CACEM — Central, R Elias Garcia, 55 2940034)
MEM MARTINS — Quinta, Est Mem Martins 285 (Telef 291'0012)
S PEDRO DE SINTRA — Valentim (Te 80456).
SINTRA — Marrazes, L Rainha D Amélia, 20 (Tel. 980155)
COLARES — Colares, Abrea (Tel 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António Santos Jorge, 15 (Tel 234100)
ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido dos Reis 30 (224020)
ALMADA — Nuno Alvares, Av D Nuno Alvares Pereira, 39 (T 270504)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Estrada Nacional 14 (224302)
BARREIRO — Pimenta, R Cons Joaquim António Aguiar, 259 (T 227302).
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est dos Barrocas, 50-A (Telef. 2760 82)
MOITA — União Moitense, Av Dr Teófilo Braga (Tel 239025)
MONTIJO — Higiene — R. José Joaquim Marques, 42 (Tel. 230370).
SEIXAL — Godinho — L da Igreja, 5 (Telefone 227858)
SEIMBRA — Lopes, R Cândido dos Reis 67 (Tel 229028)
SETUBAL — Oliveira, L da Misericórdia (Tel 22488)

● PORTO

ANTERO DE QUENTAL, Rua de A de Quental, 520, (Te 45048, * AZEVEDO, R do Mercal, 508 (Tel. 52344) * CONSTITUIÇÃO, Rua da Constituição, 93 (Tel 4908 3) * CORREIA DE ARAUJO, R Santa Catarina 259 (Tel 25644) * CRUZ, R Costa Cabral, 082 (Te 4004) * GUARANI, R Pedro Hispano, 367 (Tel 62250) * HERCULANO, R Alex Herculano, 384 (Tel 27943) * LIGA A. S. MÚTUOS, R. Bonjardim, 286 (Tel 2'711) * MAGALHÃES, Rua Serralves, 566 (Tel 6353 * NOVA DE MONSANTO, Rua de Monsanto, 48 (Tel. 490889) * RIBEIRO JUNIOR Rua Firmeza, 97-A (Te 23849) * SAMPAIO, R. Cedofeita, 635 (Tel. 2'782) * SANIL, R Paraíso 214 (Tel: 23935) * VITÁLIA, Pr Liberdade, 37 (Tel 24133).

● COIMBRA

Rainha Santa — Rua da Figueira da Foz (telef. 24737) * Donato — Rua Ferreira Borges (telef. 22603) * Cruz Vieges — Rua do Brasil (tel. 22961) * Cruz e Costa — Rua Dr António de Vasconcelos (tel 22715).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho 185-1.º
Telef 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

NOVOS DOUTORES

(Continuação da 1.ª página)

(equiparação mediante apreciação de um juri, nomeado para cada caso); ainda outras informaram não estarem habilitadas para produzir qualquer informação sobre o assunto; finalmente, as restantes não forneceram qualquer proposta ou sugestão.

2. Organizado o respectivo processo, foi o assunto submetido á Junta Nacional de Educação, que emitiu o parecer de que deveriam imediatamente ser concedidas as equiparações aos requerentes cujos doutoramentos tivessem sido realizados em Departamentos ou Institutos Universitários ou de Investigação Científica estrangeiros, préviamente escolhidos pelas Universidades portuguesas, para obterem o grau de «doutor».

Esta medida aplica-se não só aos bolseiros das Universidades portuguesas mas a todos os que tenham obtido o referido grau de Doutor naqueles departamentos das instituições indicadas.

3. Dada a urgência de uma solução para todos os casos submetidos a este Ministério e que não sejam abrangidos pela orientação expressa no numero anterior, foi já designada a comissão de especialistas prevista no art. 4.º do citado Decreto n.º 118/70.

4. Nos termos do citado despacho, tendo em conta as propostas dos Conselhos Escolares, o ministro da Educação Nacional concedeu, por despacho de 21 de Outubro de 1970, equiparação a 41 doutores em Universidades estrangeiras assim distribuidos: Matemática, 2; Física, 8; Geofísica, 1; Química, 13; Engenharia, 7; Agronomia, 9; Medicina Veterinária, 1.

Segundo conseguimos apurar, são os seguintes os novos doutores a que foram concedidas equiparações por diversas Faculdades:

Amilcar dos Santos Gonçalves (M.), Gil Vicente Pelao de Sousa Henriques (M.), Carlos Alberto Navais Conde (F.), Maria Sallete da Silva Carvalho Piedade (F.), João Manuel de Carvalho Ceuta (F.), José Dias Lopes da Silva (F.), Armando Teófilo Silva Rocha da Trindade (F.), José Ferreira da Silva (F.), João António de Bessa Meneses e Sousa (F.), António de Morais Sarmento dos Santos Lucas e Costa Brotas (F.), Filipe Duarte da Silva Santos (F.), Mário Francisco Figueira (Geofísica), Carlos Loyd Braga (F.), Maria Manuela Mesquita de Nova (Q), Augusto Jorge Ribeiro da Fonseca (Q.), Aristides Hall (Q.), Fernando António Alves (Q.), Manuel de Carvalho Fernandes Tomás (Q.), Bernardo Jevosch Herold (Q.), Jorge Cerveira Gonçalves Calado (Q.), Alberto Manuel Sampaio Castro Amaral (Q.), António Filipe Vieira Neiva Correia (Q.), Conceição de Jesus Gomez Gonçalez (Q.), Alberto Romão Dias (Q.), Pedro Manuel Brito da Silva Correia (G.), Lino da Silva Godinho (Q.), Henrique José Gomes Carvalhinho (Eng.), Manuel Maria Barreira Amaral Fortes (Eng.), Ricardo Manuel Simões Baião Horta (Eng.), Manuel Américo Jesus Gonçalves (Eng.), Joaquim Barbosa Romero (Eng.), Armando Tavares da Silva (Eng.), António Jorge Coelho de Carvalho (Eng.), António Manuel Sebastião Silva Fernandes (Agronomia), Óscar Amaro Sequeira (Agr.ª), António José da Silva Teixeira (Agr.ª), Joaquim de Carvalho Santiago (Agr.ª), Carlos José Rodrigues Junior (Agr.ª), Candido Pereira Pinto Ricardo (Agr.ª), António Gonçalves dos Santos Junior (Agr.ª), Jacinto José Montalvão dos Santos Marques (Agr.ª), Manuel António Marmelo Vale Ribeiro (Agr.ª), Manuel Bravo Lima (Agr.ª), José Manuel Guedes de Campos Rosado (Veterinária).

As iniciais que entre parêntesis, acrescentamos aos nomes referem-se ás especialidades, ou matérias de conhecimento, a que o texto do despacho se refere.

Exonerado (a seu pedido) o presidente da Câmara Municipal de Palmela

Pelo Ministério do Interior, vai ser enviada para o «Diário do Governo» uma portaria que exonerou, a seu pedido, o sr. Duarte da Silveira Bernardes Benavente do cargo de presidente da Câmara Municipal de Palmela.

Município da Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 22 — Há mais de um mês que se encontra vago o lugar de presidente da Câmara, pela saída do eng.º José Coelho Jordão, que desempenhou o lugar durante 9 anos.

Vários nomes têm sido apontados para aquele cargo, mas o certo é que a vaga continua por preencher, não se descortinando ainda quem irá desempenhar o cargo de primeiro magistrado municipal.

PRECIPITOU-SE NO RIO DOURO E MORREU

PORTO, 22

No Hospital de Santo António, onde fora internado ontem á noite, faleceu esta manhã o sr. José Pereira dos Santos, de 67 anos, casado, reformado, que residia na Rua 14 de Maio, em Avintes (Gaia), que se precipitou do tabuleiro inferior da ponte de D. Luís ao rio Douro.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava limpo e o vento era fraco ou moderado de Leste.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alvalade: 23°,1; mínima: Figueira de Castelo Rodrigo —2°,6

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 12°; Penhas Douradas, 3°; Coimbra 10°; Portalegre, 8°; Lisboa, 12°; Faro, 14° e Funchal, 19°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na água do mar: 15°,1; no atmosfera, 14°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu limpo; vento fraco e moderado de Leste; acentuado arrefecimento nocturno; formação de geadas nas regiões abrigadas.

Amanhã
Nascer ás 7 e 53
Ocaso ás 18 e 48

Hoje Dia 30 Dia 6 Dia 13

MARES:

PREIA-MAR: — **Hoje** — 9 e 50 (3,3 m); 22 e 40 (3,1 m). Dia 23 — 11 e 12 (3,3 m). Dia 24 — 0 e 02 (3,1 m); 12 e 28 (3,4 m).
BAIXA-MAR: **Hoje** — 2 e 43 (2,0 m); 16 e 07 (1,9 m). **Dia 23** — 4 e 32 (2,1 m); 17 e 43 (1,9 m). **Dia 24** — 6 (2,0 m); 18 e 44 (1,8 m).

A missão do banco é libertar o factor monetário para bem servir as empresas

— afirmou o dr. Manuel Espírito Santo Silva no encerramento do Seminário sobre «Financial Management»

ESPOSENDE, 22 — Após três dias de trabalhos, terminou o seminário «Financial Management» que decorreu em Ofir, promovido pelo Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

Presidiu ao encerramento o presidente do conselho de administração daquele estabelecimento bancário, sr. dr. Manuel Espírito Santo Silva que se encontrava ladeado pelo sr. dr. Franco Nogueira e pelos representantes dos Bancos de Portugal e do Fomento e da Caixa Geral dos Depósitos e ainda por outros dirigentes de importantes empresas industriais.

O sr. dr. Manuel Espírito Santo Silva após ter saudado os presentes afirmou:

«Tendo terminado esta tarde o estudo sobre a gestão financeira, pensamos em nos reunir com V. Ex.as a fim de podermos explicar a intenção de mais esta iniciativa.

Na linha de progresso material no nosso País nota-se uma óbvia tendência para melhorar o uso das componentes financeiras do negócio. Procuram as empresas aumentar a rentabilidade do investimento, nomeadamente através de um uso mais adequado dos seus fundos. Põe-se, desde logo, o problema de se saber o que deve entender-se por mais adequado e uma definição do que são fundos para depois elaborar regras de gestão integradas na política geral de cada empresa. Isso pressupõe que tal política não só exista mas que seja claramente expressa em termos utilizáveis. Daí que se passe então ao plano financeiro dos resultados efectivos com as previsões. Trata-se neste caso, como quase sempre, da comunicação entre os homens e os departamentos da mesma empresa entre si, da empresa com o seu banqueiro e do banqueiro com os seus serviços.

A nossa intenção está, pois, à vista: desenvolver contactos mais simples e mais rápidos sobre uma matéria que é, por assim dizer, o melhor múltiplo comum de todas as funções de negócio: o dinheiro.

A missão do banco no nosso entender é neutralizar o elemento tempo e o elemento espaço, e dele libertar o factor monetário de forma a que estejamos aptos a bem servir as empresas em qualquer zona do País, e em qualquer base da conjectura financeira.

Falaram ainda os srs. José da Costa Oliveira, da Riopele, e o sr. J. Adant, individualidade que regeu aquele seminário.

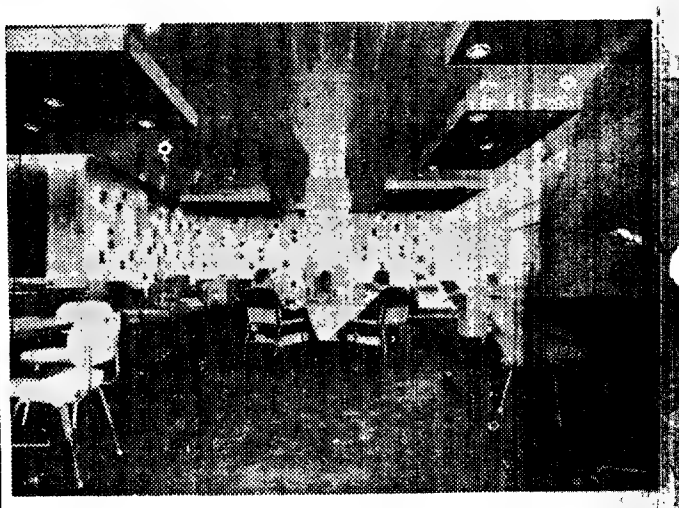
OURO e PRATA
COMPRA E VENDE
AOS MELHORES PREÇOS
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 255 — LISBOA

ESTEVE EM PERIGO UM BARCO DE OLHÃO

OLHÃO, 22 — Dirige-se para Portimão, a reboque do arrastão «Ruivais», do Lisboa (primeiro barco a contactá-lo depois do S. O. S.), o pesqueiro «Marsul», registado na capitania desta vila que hoje da madrugada lançou um pedido de socorro quando o mestre Alexandrino Dias Pereira verificou estar o navio com água aberta.

O alarme foi grande — mas felizmente tudo acabou em bem para os 12 tripulantes, recolhidos pelo «Ruivais».

A SELDEX INAUGURA UM STAND NO PORTO



A SELDEX inaugurou hoje, no Porto, na Rua Guedes de Azevedo, 209, junto ao Silo-Auto, um Stand de exposição e vendas de móveis metálicos de escritório e doméstico, no qual incluí o Departamento de Estudo e Organização de Escritório.

O público nortenho interessado passa a dispor, assim, da possibilidade de observar em pormenor toda a gama de fabrico e adquirir directamente os móveis e equipamentos SEEL, marca que há muitos anos se tornou conhecida e prestigiada não só pelas suas linhas como pela sua alta qualidade.

só a Iberia voa de Lisboa a Palma de Maiorca (via Madrid) diàriamente (não é romântico?)

PARTIDAS DIÀRIAMENTE ÀS 18H00 COM CHEGADAS A PALMA DE MAIORCA ÀS 22H00

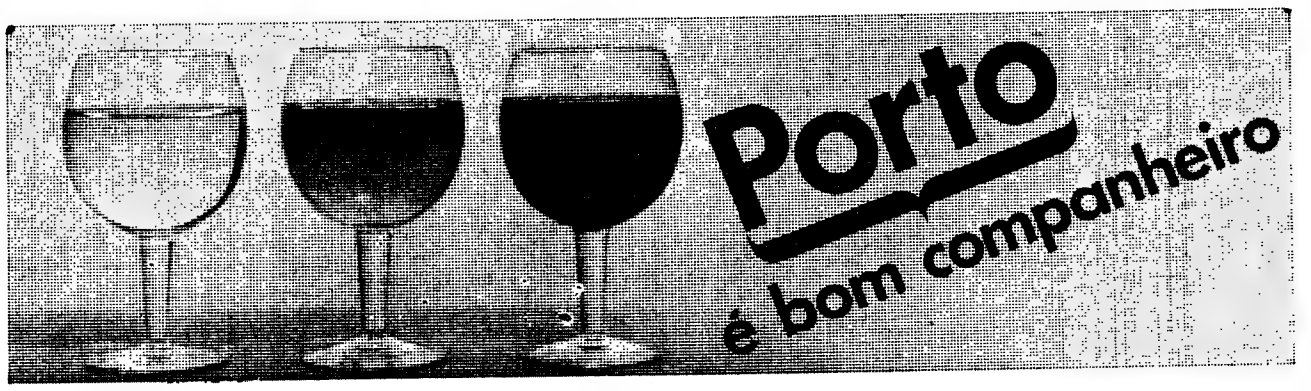
IBERIA
LINHAS AÉREAS INTERNACIONAIS DE ESPANHA
onde só o avião recebe mais atenções que você

Preços: classe turística
Ida — Esc. 1537-20

Consulte o seu Agente de Viagens ou a IBERIA Rua Rosa Araújo (Esq. com a Av. da Liberdade)

Voe pelo mundo com Iberia o romantismo de Espanha em cada avião.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO



UMA FLEXÍVEL CANA DE BAMBU

por Raul de Carvalho

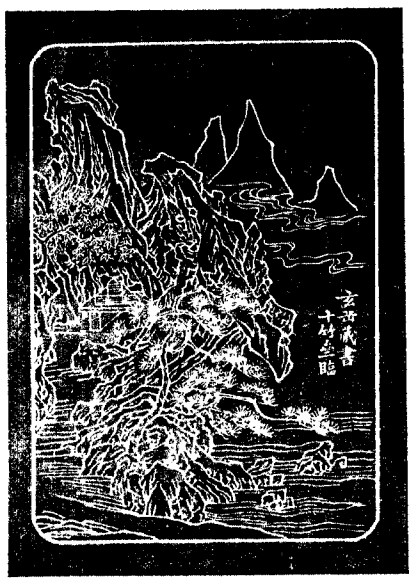
On façonne l'argile pour en faire des vases, mais c'est du vide interne que dépend leur usage.

TAO TÖ KING

O QUE ME SEDUZ na China é o: **espírito do concreto.**

Eu, que afinal e em tudo (carne, matéria, espírito) fui sempre inimigo, me parece, do que ostenta apenas o sinal da abstracção (de aí o meu horror a certa literatura, de aí a minha recusa á simples idealização do amor, de aí a opinião que mantenho de que as ideias (doutrinas, sistemas, institutocionalizações, códigos, cânones, filosofias...) atraiçoam de certo modo o homem, mentindo-lhe por vezes, afastando-o da totalidade do seu ser, compelindo-o aos... **naufrágios do pensamento,** servindo-se dele, pensamento, como **trampolim** para muita coisa feia e má e diminuída e desvinculada do **verdadeiro homem,** de carne e osso e concretíssima diuturnidade, — de aí, de este pequeno e indivdual conjunto de recusas e antipatias, para não dizer incapacidades, o que pode ser, — de aí provém, resultante e resultado, o interesse meu que encontro no que designei por **espírito concreto,** para não dizer **do** concreto, peculiar, como me ensinam os **que** o conhecem, a esse povo que... faz de uma pedra um erro quando ouve **dizer** (abstrair) que... «o erro é de pedra...», dito de um qualquer fulano ocidental.

A **marca** do homem chinês (será? ou será só assim? ou não será assim?) tem dedos humaníssimos a demarcá-la, a configurá-la, a **dar-lhe corpo** — sem o que, sendo se o fosso movido só ou mesmo que principalmente (como nós, os nossos dedos) pela ideia, forma, espírito .. dessa sua inconfundível e inalienável **marca,** o chinês, ao que julgo, se sentiria fora e não dentro do universo...



Notar e anotar: é, porém, um concreto... **diáfano.**

Estou-me lembrando da pintura chinesa, pelo que conheço em segunda mão.

Estou-me lembrando da sua transparência, das suas cores filtradas, das suas atmosferas que, em nada, ou quase nada, aumentando ou tirando ao real, lhes dão, lhes comunicam e o envolvem ao real representado — uma limpidez de céu que se não coaduna, como é evidente, com um limitado e imitativo apego e escravização — só ao que se vê, ao que se sente, ao que se toca e nos toca sómente pelas vias da correcta observação. Não, a intelecção é outra. É, será, uma fusão de coração e cérebro (antiga, muito antiga...), uma maravilhosa simbiose de razão e fantasia, numa palavra — e isso me alegra! — uma consciente-inconsciente aliança, melhor unidade, melhor ainda, **união** entre... carne e espírito, o óbvio, o claro, o normal terreno que se pisa, conjugado **sem querer** ao confuso e duradouro e ignoto — ao **obscuro** mas firme sopro da alma.

Uma coisa que nós, filhos da Hélade e de Roma, não conhecemos bem, desconhecemos...

*

É todo um espírito... um grau de **humildade** perante o real que me maravilha!

E que conduz a duas ordens de valores: a serenidade e a confiança.

Eternas.

Próprias do camponês que eu sou.

*

Essa aderência, essa adesão, essa osmose, — onde encontrá-las, sobretudo hoje, no desfigurado homem do ocidente? Do ocidente, este poço de tédio e neblina (de esquizofrenia), e ganhuça e escaramuça (capital e guerra(s), de toma-la-dá-cá (no amor, tanto como no supermercado), de fraudulentas doses doutrinárias (sou por isto sou por aquilo; dos estanques compartimentos do optar), de hegemonias e hierarquias enganadoras, de despiciendas e depredadoras formas, **todas,** de degradar o homem.

Será que nessa pura reabilitação do homem vivo sem outros créditos que não sejam os de estar aquém da morte — e por morte se entende a frustração e o medo, as **consumidoras** ambições, o declive para a procriadora e produtiva miséria em comum, obsessivo vértice produção-consumo, — será que, de todas estas formas de desnaturação do homem está e sempre esteve o chinês imune, — sim, no fundo **imune**...

Quem sabe se as muralhas que ele ergueu há milénios o não continuam a defender, hoje, disto tudo — disto tudo que nós temos, e ele, porque é pobre, e sorridente, não tem, o não infelicitam.

Mais: quem sabe se ao comunismo chinês se não poderia chamar com alguma propriedade franciscanismo chinês.

E, adiante: quem sabe se as máquinas (que eles vão produzir), os bens (que eles vão aumentar), o progresso, em suma, (que eles vão adquirir, conseguir, prosseguir — com certeza!) — quem sabe se isso lhes não fará mal nenhum e a sageza chinesa (irónica e de sempre) se não estará nas tintas para isso tudo... e continuará, **impassivelmente,** a ser a mesma coisa sendo outra.

Se, para os chineses, não é possível entender nada de nada perdido que seja o domínio, o **contrôle** de si mesmo, — então talvez que eles sejam capazes (nós não fomos) de dominar, de controlar a máquina, as máquinas, e a sua indústria futura, a que constroem, venha ser não uma força mas fraqueza (eu me explico de acordo com Moravia): uma (di-lo-ei como poeta) **flexível cana de bambu**...

PESARO 70 [1]

por João César Monteiro

ENTRE OS DIAS 10 e 17 de Setembro, realizou-se em Pesaro a «Sesta Mostra Internazionale del Nuovo Cinema» com a participação de 23 longas-metragens provenientes de 13 países: Brasil, Chile, Cuba, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, Japão, Nigéria, Polónia, República Federal Alemã, Roménia e Suécia, além de várias (e mediocres) curtas-metragens brasileiras sobre o Nordeste e alguns outros que, à semelhança da grande parte das produções apresentadas oficialmente, não justificavam a deslocação (nem a delas) dos respectivos lugares de origem. Assistiu a esta manifestação cinematográfica do Adriático um total de 600 jornalistas da Imprensa diária e especializada de quase todo o Mundo, representantes de associações culturais italianas, cineastas convidados (ou não), ao todo cerca de 1000 bocas e meia dúzia de cabeças (o que é obrigatório), além de numeroso público que (justiça nos seja) não se comportava, na generalidade, melhor que o nosso. Tiveram os organizadores a bondade de hastear na praça do Município, ao lado das bandeiras dos países participantes, o estandarte verde-rubro (atenção que de aqui patrióticamente lhes agradecemos em espanto e comoção). Por aí se ficaram, já que de nós, decididamente, não tinham mais nada para hastear. Cinema Novo vamos tendo, eu sei, filmes é que não...

Posto isto, e antes de chegarmos a uma apreciação crítica aos filmes que julgamos merecedores da nossa atenção, bem assim como a algumas conclusões à guisa de balanço sobre o cinema dito novo, tomando como base o que nos foi dado ver em Pesaro, começaremos transcrevendo um texto editado no caderno de apresentação da Mostra, em que se definem as suas características e objectivos, por nos ter parecido que contém elementos úteis a algumas iniciativas esboçadas (ou a esboçar) no contexto cinematográfico português, muito embora os seus pressupostos teóricos tenham em Pesaro sido traídos quase sempre por uma prática incorrecta da análise teórica do cinema, alienando-a a uma demagogia partidária e revisionista. Lá como cá, à excepção de Aprà.

Pesaro 70: «Camarades», de Marin Karmitz (França)

«A Sexta Mostra di Pesaro» apresenta inovações importantes, sem por isso negligenciar os aspectos «novos» do cinema e a nova maneira de considerar este ultimo, segundo a tradição instaurada desde a sua primeira edição. Não se trata de simples inovações técnicas, de um enquadramento diferente da mesma estrutura, mas de modificações que transformam profundamente o carácter da Mostra e lhe indicam «in nuce» as futuras linhas directrizes.

Estas novas orientações foram escolhidas no final da Mostra de 1969 pelo Comité Organizador o qual, ao fazer o balanço dessa ultima edição e das que a haviam precedido, chegou á conclusão que um certo periodo devia ser considerado como encerrado e, justamente, para evitar que a manifestação se torne uma instituição isolando-se no seu próprio quadro, pensou que era necessário precisar melhor alguns dos seus objectivos e dar á Mostra os instrumentos necessários para os realizar. Decidiu-se, em particular, adoptar a manifestação em causa, tendo em conta dois aspectos seguintes:

a) Fonte de material de estudo e de evaluação crítica do «novo cinema»:

b) Centro promotor activo para a socialização do «novo cinema».

Com este fim, foi decidido apresentar tanto quanto possivel, filmes com legendas em italiano, dado que a Mostra podia encarregar-se de legendar a expensas suas um berto numero de filmes, ocupar-se directamente da distribuição não comercial; fornecer a cada filme apresentado o apoio de uma documentação apta a levar, tanto qualitativa, como quantitativamente, a uma melhor compreensão e a uma definição correcta das obras. Tratava-se de linhas de trabalho que teriam podido ser realizadas imediata e inteiramente já na sexta edição da Mostra, se todos os mecanismos de financiamento local e de subvenção ministerial tivessem sido postos a funcionar na devida altura, permitindo começar imediatamente o longo e intenso trabalho de preparação

Cont. na pág. 6

DL
SUPLEMENTO LITERÁRIO

O SEXO DOS ANJOS

(DE «RENDEZ-VOUS» EM «RENDEZ-VOUS»)

SÓ AGORA publicamos este texto de Lauro António que nos foi remetido nos primeiros dias do corrente mês de Outubro. A publicação tardia deve-se ao facto de havermos hesitado preencher mais espaço do Suplemento Literário com um assunto (o filme de Lumet The Appointment *e as divergências críticas que ele suscitara junto de Lauro António e de Eduardo Prado Coelho) cujo prolongamento se nos afigurou de reduzido interesse para a maioria dos leitores, havendo a acrescentar a sua forçosa desactualização dado o tempo decorrido desde a crítica inicial de L. A. no «Diário de Lisboa» e do artigo de E. P. C. publicado neste Suplemento. Isto mesmo explicámos a Lauro António, que entendeu, no entanto, insistir no carácter de resposta do texto — e, logo, do direito próprio de publicação no mesmo local do outro que lhe dera origem. Mantendo embora o nosso ponto de vista (assunto desactualizado e de interesse reduzido), cedemos, pois, á publicação de «O Sexo dos Anjos».*

I. DO DITO E DO INTERDITO

Uma crítica minha aparecida no *Diário de Lisboa* de 14 de Setembro e referente ao filme de Sidney Lumet presentemente em exibição no cinema Império (*O Rendez-Vous* ou, no original, *The Appointment*), mereceu de Eduardo Prado Coelho um longo artigo (*De Lumet a Moullet*, Suplemento Literário, 24 de Setembro) no qual, entre outras coisas de somenos importancia, procurava documentar as (suas) seguintes conclusões, bastante diferentes daquelas que expendi na aludida crítica:

a) o filme de Lumet é bem maias interessante do que eu anunciara;

b) o citado filme é interessante porque não é só aquilo que ele mostra ou desvenda, mas porque articula «*o dito e o interdito duma forma rigorosa;*

c) o interdito é, na película de Lumet «*a homossexualidade de Carla. Mas* (o filme) *fala-nos disso, falando-nos noutra coisa (da prostituição)*». Para confirmar este raciocínio apresenta dez elementos que integra numa totalidade que (aparentemente) demonstra a tese defendida;

d) para E. P. C. a questão não é «*ser ou não ser Carla a prostituta*», pois que o filme lhe dá uma resposta: «*ela não é a prostituta*». Assim sendo «*ficaria de fora quase todo o filme e sobretudo duas questões essenciais:*

1) *Como foi parar a jóia às mãos da prostituta?*

2) *Por que razão os encontros falhados de Federico com a prostituta coincidem com as tentativas de suicídio de Carla?*».

Como Carla não é para E. P. C. a prostituta; como nesse caso lhe sobrava quase todo o filme; como necessitava de integrar os elementos que lhe ficavam de fora, como o brilhantismo inesperado da tese da homossexualidade de Carla o deve ter fascinado (pelo que há nela de delirante, de provocatória, de anormal), eis que E. P. C. se vem bater publicamente por ela, com as seguintes acusações:

«1) a minha leitura é inaceitável, porque eu me enganei *quando considerei o filme como uma história policial o que ele precisamente não é...;*

2) *que*, quando eu escrevi *ser ou não ser Carla, eis a questão, se vê forçado a propor uma fórmula: ser ou não ser Carla, eis a questão que oculta a verdadeira questão;*

3) *que, quando um crítico* (neste caso eu) *rejeita categòricamente um filme, e esse filme se apresenta demasiado ambíguo, essa é uma atitude, como é que ele diz?, imprudente.*»

Aqui chegados, regressemos a A), B), C) e D). Veremos que A) é uma consequência de B); B) uma consequência de C); C) uma consequência de D). Resumindo: como Carla não é a prostituta (visto que o filme dá essa interpretação a E. P. C.) (1) só sendo Carla homossexual, e Nancy a prostituta é que o filme adquire certa lógica. Desta duplicidade resulta que o filme passa a ser extremamente interessante. (Cita-se: «*é talvez um fracasso — mas admirável, exemplar, fascinante*») *porque articula o dito e o interdito de uma forma rigorosa.* Creio ter resumido no essencial a argumentação de E. P. C. Posto isto, vejamos:

a) o filme diz a E. P. C. que Carla não é a prostituta (telefonema final da velha proxeneta) (1).;

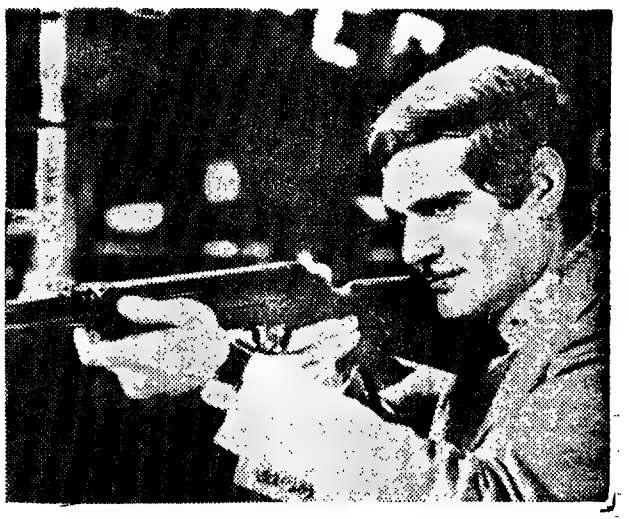
b) o filme diz-me que Carla é a prostituta, sobrando-me portanto grande parte do aludido. O que passo a explicar (pedindo ao leitor para relembrar o argumento de *The Appointment*, publicado em (1):

— RAZÃO DE ORDEM FACTOLÓGICA: Se Parino, o primo de Renzo, vai dizer a este que o foram incomodar em Milão por causa da jóia roubada, é claro que Parino reconheceu na fotografia que Federico lhe mostrou a prostituta a quem roubou a jóia. Como a foto é de Carla... Com a pressa de ver o todo, E. P. C. esqueceu-se das partes. Esta, por exemplo, parecer-me-ia já definitiva, caso não surgissem outras de certo modo curiosas.

RAZÕES DE ORDEM PSICOLÓGICA: Observada de um ponto de vista psicanalítico, Carla é uma mulher que se debate entre duas tendências extremamente vincadas: uma certa propensão para a prostituição e uma evidente nostalgia de pureza. Várias são as conversas em que Carla lamenta, junto a Federico, o seu passado; num jantar, Federico afirma que Carla se pinta em demasia, o que é característico de «certas mulheres»; existe uma atmosfera simbólica em redor de Carla que confirma inteiramente esta dupla tendência: por um lado o peixe, elemento (e signo Zodíaco) que define a sensualidade de Carla (peixe no almoço entre Carla, Federico e Renzo; peixes junto ao telefone em casa de Carla e que aparecem diversas vezes em primeiro plano; peixe na ilha, a ser pescado, a ser escamado por Carla, a ser «almoçado»); por outro lado, a natureza, nomeadamente, o mar, que se encontra associado à ideia de pureza, de receptividade, de feminilidade. Os suicídios de Carla (com doses desmedidas de barbitúricos, ligados por isso mesmo a uma ideia de esquecimento, renúncia, sonho) são uma consequência do seu desequilíbrio emocional e dos falhanços sucessivos nas tentativas de adaptar-se a nova vida, ou seja: Federico. Falhanço que, convém dizê-lo, é, em grande parte, consequência também da obsessão de Federico (o que o impossibilita de ajudar Carla), da sua manifesta impotência (Federico nunca preenche a vida de Carla, sob qualquer aspecto, incluindo o sexual). Psicològicamente, poderemos afirmar ser Carla, uma mulher que se debate num clima de insegurança (Carla: «*A minha vida ainda agora começou, mas parece não ter futuro. Ou se fazem as coisas bem feitas ou não se fazem. Devemos morrer ou viver...*») e instabilidade, balanceando-se entre duas tendências: a prostituição e o amor como sinónimo de pureza (por isso se justifica que Carla e Federico na ilha se mantenham afastados, antes de casarem; por isso se justifica que Carla transforme o *talvez* com que responde a António, o pescador da ilha, numa certeza: o sorriso irónico com que este recebe os noivos é sintomático, ou seja, Carla foi mesmo ter com ele nessa noite).

— RAZÕES DE ORDEM SOCIOLÓGICA: Carla, vinda da província, chega a Roma, arranja um emprego de modelo. Desiludida com uma paixão dos seus 19 anos, parece evidente que aceita a prostituição como desforço e também como modo de promoção social (veja-se o seu apartamento, vejam-se as jóias, veja-se a maneira como gasta dinheiro em compras, até ao excesso, caso das revistas de modas). Vingança pessoal (Carla: «*Os homens ricos metem-me medo. Receio sempre o que possam querer*»), Carla faz da prostituição uma forma de escape que lhe traz algumas conveniências de ordem material habituando-a a um nível de vida que o emprego de modelo só por si não justificaria.

Posto isto, creio que *The Appointment* poderia ser uma curiosa análise de uma obsessão; poderia ser também um importante estudo sobre as vidas duplas de um certo tipo de prostituição, ao que parece, muito em voga em determinados países desta Europa da abundância. Isso mesmo disse eu em 14 de Setembro. Isso mesmo agora mantenho após uma segunda visão (forçada) do filme. Lumet opta pela facilidade e estilhaça ambas as vidas. Que o filme abre, mas fecha logo a seguir para transformar



Omar Shariff aponta. Acertará?...

MÁRIO BRAGA

O LIVRO DAS SOMBRAS

2.ª Edição

OBRAS DE MÁRIO BRAGA

Volumes publicados:
HISTÓRIAS DE VILA
O LIVRO DAS SOMBRAS

Próximo volume:
O REINO CIRCULAR

Escrever sobre Mário Braga é o mesmo que aludir à mais séria tentativa, entre nós feita, para estabelecer um foro próprio ao conto neo-realista.

Mário Sacramento

Edições da

PARCERIA A. M. PEREIRA
LIVREIROS EDITORES
RUA AUGUSTA, 44-54
LISBOA

À LUPA

O literato «progressista» a caminho da Glória

«...E agora, a propósito do desenvolvimento económico, vou já escrever dois sonetos...» (Anedota publicada numa revista por acaso espanhola).

E eis como o literato «progressista» julga intervir: mais soneto menos soneto, mais citação menos citação (todo o literato necessita de bengalas), o literato demagògicamente «anti-intelectual», furiosamente «materialista», literatamente «interventivo» forja a alienação própria e a dos outros, dispara fusis no papel, canta hinos às madrugadas que hão-de chegar como os seus pares literatos antiprogressistas gemem líricas esperanças sobre o D. Sebastião. Na febre, na cegueira, na paixão «partidária», o literato «progressista» raza a eito e assim: a propósito (por exemplo) do desenvolvimento económico, fuzilará pelo menos dois sonetos de «napalm» ideológico, ficando ele muito contente, de consciência aquietada e os demais do coro idem idem. E, no instante da escrita (parêntesis de uma vida muito mais complexa e contraditória), o Superman da Bic, o Guevara da exclamação, o Astérix da verborreia incendiária. Tem público e entra igualmente na engrenagem do sistema — mas vá lá dizer-se-lhe uma coisa destas!... Alimenta a «contestação» necessária, funciona como válvula de escape, cobre com o manto diáfano do mito a nudez forte da realidade — mas apodará de «fascista» a «revisionista» quem não vá na balada. Enfim, é um «herói» (no papel) e como tal basta-se de afirmações, verdades «incontestáveis», dogmas viris. Não pensa: papagueia. Não sugere: ordena. Não discute: impõe. E tem com ele (nunca se esquece de o afirmar) o «povo», sempre o «povo», nada mais que o «povo». De arquinho e balão (mais soneto menos soneto), prossegue a caminhada triunfal, a épica romaria. Poderá ir sòzinho, mas vai feliz. Poderá ir nu, mas convencido da armadura.

O espectáculo não faz rir: antes pelo contrário, entristece. Entristece pela ignorância, pela boa-fé simplória, pela imbecilidade arrogante. Entristece também pela ineficácia, como se a um mudo lhe desse para pregar a uma multidão de surdos.

Nesta energia que se perde num esbracejar absurdo, neste discurso rebarbativo mas epidérmico, nesta autocontemplação da imagem mais favorável (segundo o prisma ideológico adoptado), cabe todo o lugar para a mais profunda, para a a mais grave crise intelectual: aquela que em vez de meditar para agir conforme (no conhecimento intensivo, progressivo, dialéctico de todos os dados) enveredа pela retórica dos «slogans» (isto é: os sonetos...) e esbarra, isolada e inglória, num beco sem saída.

V. S. T.

OS SONETOS

espectador em cúmplice de Federico, isto é: mero investigador policial perdidas que foram as perspectivas de ordem psicossociológicas. Esta associação cúmplice poderia até ser muito curiosa, se consequente. Ou seja, se Lumet pretendesse através dela escalpelizar a mentalidade do público, criticando o ciúme como obsessão. Mas Lumet deste, procura antes um filme de *suspense* psicológico, dispersando falsas pistas, sem outra justificação que não seja a de despistar simplesmente o espectador e retardar o desenlace.

Retomemos, no entanto, a argumentação de E. P. C. Ela surge-nos agora precipitada, ou pelo menos, como direi?, imprudente. Fazer depender toda a laboriosa argumentação de um facto que fàcilmente se destrói, equivale a deixar destruir todo o peso dos elementos que sobre ele recaiam. Sendo Carla *uma das* prostitutas da *Decorata* (podendo ser aquela que Federico esperou por duas vezes, ou não. O telefonema da proxeneta ao final nada acrescenta ao caso, a não ser como forma de destruir a figura de Federico. E nada acrescenta porque 1) poderia ser outra a pessoa; 2) poderia ser Nancy quem marca o terceiro encontro para ilibar Carla; 3) poderia ser a própria proxeneta quem pretendia ilibar Carla, após a sua morte), a tese da homossexualidade só se justifica como elemento de uma interpretação delirante, precipitadamente polémica, provocatória.

De muitos outros argumentos poderia ainda deitar mão, mas parece-me escusado prolongar esta conversa sobre o sexo dos anjos (mesmo que o anjo aqui seja Anouk Aimé). Gostaria, porém, de rebater ainda duas ou três questões marginais, levantadas pelo artigo de E. P. C.

II. DO DITO E DO NÃO DITO

1) Pessoalmente, julgo o filme de Lumet bastante mau: falhado (e o que é pior — deturpado) nas intenções: extremamente mal realizado (a montagem é diabòlicamente caótica) e excessivamente mal interpretado. Acontece que percorrendo o artigo de E. P. C. se pode ler:

a) «*Lumet não é um autor particularmente sugestivo e dele fixámos sobretudo uma obra: Doze Homens em Fúria*».

b) «*The Appointment*» *é, quanto a nós, um filme em grande parte falhado e, por isso mesmo, em grande parte ridículo. Isto é: ridículo na medida exacta em que falha no mais difícil, no mais ambicioso, no mais arriscado. Contudo, apesar de falhado e ridículo, o filme de Lumet é francamente interessante*».

c) «*A grandeza de Lumet (razão do seu mérito e do seu fracasso) consiste em ter escolhido o caminho mais difícil (...): articular o dito e o interdito duma forma rigorosa. Nesse aspecto, o filme de Lumet é talvez um fracasso — mas admirável, exemplar, fascinante.*»

Se a razão do mérito e do fracasso de «*The Appointment*» está em ter escolhido o caminho mais difícil: «*articular o dito e o interdito*»; a grandeza da crítica de E. P. C. (a razão do seu mérito e do seu fracasso) reside na forma como articula o dito e o não dito. «*The Appointment*» é fascinante, exemplar, admirável? Interessante? Ou falhado e ridículo? Parecem-me adjectivos a mais para um filme só.

2) Eduardo Prado Coelho afirma no seu artigo que eu colocara os leitores frente a uma alternativa:

a) de um lado a opinião de Moullet — apresentada como um delírio ou uma provocação;

b) do outro, a minha opinião, que se dirige ao «*leitor normal, convindo não esquecer que «normal» implica «norma», implica «normativo», enfim a norma do «bom senso» que toda a obra de arte abala e subverte*».

Sobre isto parecerá oportuno dizer que há «*bom senso*» e «*bom senso*» (não será de bom senso renegar Auschwitz?) e que será certamente perigoso normalizar (o que implica *norma, normativo*) a anormalidade. Ao pretender descortinar onde quer que seja o signo da anormalidade, arriscamo-nos fàcilmente a obsessão (tal como acontece com Federico, que destrói a mulher que ama mercê do seu ciúme descontrolado, obsessivo).

3) Ainda sobre a minha proposta, afirma E. P. C.:

a) «*No final da crítica citada, L. A. fazia uma honestíssima proposta: «Leitor: de posse de duas opiniões, escolha a sua.*»

b) mais adiante: «*A* alternativa (sobre que *assentava a proposta) estava viciada, porque nela se opunha à normalidade de L.A. a anormalidade dos* Cahiers».

Pergunta: em que ficamos? Proposta honesta, partindo de alternativa viciada? Será que uma alternativa polémica é uma alternativa viciada?

4) Finalmente, E.P.C. refere Luc Moullet:

«... *dum ponto de vista externo, o processo era criticável, pela razão simples de que Luc Moullet, o autor do artigo atingido, é sobretudo um realizador de cinema, de que vimos há pouco* Brigitte et Brigitte (...) *Moullet, homem de direita, não pertence nem ao comité de Redacção, nem ao corpo redactorial dos «Cahiers do Cinema» e a sua opinião não representa forçosamente o ponto de vista dominante da revista.*»

Acontece que Luc Moullet, é considerado pelos próprios «Cahiers» como crítico desta revista (2) e é um dos nomes que mais frequentemente aparece nas suas páginas. Concordamos porem com o facto de não ser só ele quem define o ideário da publicação. De qualquer forma, um homem dito de direita por E. P. C. (o que eu desconhecia) faz nos *Cahiers du Cinema* um balanço extenso de um festival, agrupa dez obras sobre a designação de *A Academia* e dentro delas destaca *The Appointment* como «*o único êxito académico*». Necessário se torna rememorar os outros filmes. *If*, de Anderson, *Z*, de Gravas, *Metti, una Sera a Cena*, de Patroni Griffi, *Adalen 31*, de Widerberg, *Isadora*, de Reisz, *Michael Kohlaas, O Rebelde*, de Schlondorff, *Andrei Roublev*, de Tarkovski são alguns.

E. P. C. afirma que pode até acontecer que a opinião de Luc Moullet seja inteligente e digna de consideração. Na verdade assim poderia ser. Deve haver homens de direita com esse tipo de opinião. Não parece ser o caso de Moullet.

Exortação final: Leitor, caso a presente troca de pontos de vista o tenha, por qualquer forma, interessado, não se deixe levar pelo que lhe poderá parecer uma argumentação sólida (quer se trate da resposta de E.P.C. ou da minha). Só vendo o filme poderá, no entanto, ajuizar correctamente e tomar então partido. Creio ser esta uma proposta honesta.

(Lisboa, 5 de Outubro de 1970)

Lauro António

(1) Para rememorar a estrutura de *O Rendez-Vous*, remetemos o leitor para o resumo do argumento dado por E. P. C.:

«*The Appointment* conta-se depressa: Federico (Omar Sharif), advogado em Roma, conhece, através dum amigo e colega, Renzo, uma rapariga estranha, Carla (Anouk Aimée). Carla está para casar com Renzo, mas o casamento desfaz-se. Federico sabe por Renzo uma história perturbante: um primo de Renzo encontrou-se com uma prostituta a quem roubou uma jóia; Renzo reconhece na jóia o exemplar único que oferecera a Carla; Renzo resolve desistir do casamento e afastar-se dela. Ora Federico fica perturbado e fascinado com esta história. Investiga. Casa com Carla. Conhece Nancy, amiga de Carla, que trabalhava com ela numa casa de alta costura (Carla era manequim). Entra em contacto (por indicação de Renzo) com uma velha, dona de uma casa de antiguidades, que explora também esse negócio das raparigas ricas e aristocráticas que, à margem das suas vidas legais, ganham dinheiro pela prostituição. Federico marca um primeiro encontro, que falha, e depois um segundo — esperando sempre encontrar na figura da prostituta a sua própria mulher. Ao último encontro, também frustrado, corresponde a segunda tentativa de suicídio de Carla — tentativa que resulta. Mas a velha antiquária volta-lhe a telefonar, propondo-lhe um terceiro encontro com a mesma rapariga».

(2) Veja-se *Dicionário dos Novos Cineastas Franceses*, aparecido nas páginas dos *Cahiers du cinema*.

A HISTÓRIA (NÃO CONTADA) DE PÀLHADACINHO

por Alexandre O'Neill

Pàlhadacinho é um gatarrão. Para **eles** é inho; para mim é ão. Queria escrever sobre Pàlhadacinho mas acho que vou desistir. Um gato é um gato. Um quintalório é um quintalório. Lisboa é Lisboa. Tanta gente já andou à procura da alma de Lisboa! E anda! E vai andar! E depois **eles** podiam não gostar. Que mal lhe fez o bichano? Nenhum, mas achei graça ao nome que vocês lhe puseram! Achou graça? Se calhar nem sabe o que é palha de aço... Sei! Burumbum pediu-me, outro dia, que comprasse palha de aço no supermercado. Etc. e tal, no mesmo teor.

Pàlhadacinho não é tema. Carapau! Não se fala mais disso. É que **eles** podiam não gostar **mesmo!** Imaginem que para escrever com a pata bem no assunto eu teria de meter nele a história da nespereira, da grande, da... da... (vá!)... da frutuosa umbrosa nespereira que **eles,** nêspera a nêspera (e se estava carregadinha!), deixaram apodrecer. Burumbum e eu todos os dias espiávamos os frutos. Que tristeza! Pareciam lâmpadas a fundirem-se! **A nossa única consolação era um entardecido melro que, de voo em saltinho, vinha e ia — e ia com todo o amarelo das nêsperas no bico!** (Este bonito vai, em negro, como um rebuçado para o leitor que tiver chegado até aqui).

Então ficaríamos só pelo escândalo da nespereira! Isto de vizinhos dá pano para lençóis... Por causa do Pàlhadacinho eu não poderia omitir o matulas do caubói. É filho de **eles.** São quinze anos cavalares que saem para o quintalório aos gritos contra os índios.

Revólver pronto a saltar do coldre, laço prestes a despedir da mão, Quinzanos corre atrás do Pàlhadacinho e quase sempre (pobre Palha!) consegue pôr-lhe a gravata.

Enfim, tenho todos os motivos — eu, que não quero fazer má vizinhança! — para não miar em crónica o Pàlhadacinho. Quinzanos à parte, a verdade é que **eles** tratam bem o gatarrão. **Ela** traz sempre carapau do fresco para o Dacinho. De manhãzinha, **ele,** quando vai medir um chichi à retrete do quintal, com as listas do pijama ainda trocadas de sono, a primeira comovente coisa que faz é acordar-me com o insinuante, quase dolorido chamamento:

— Pàlhadaciiiinho! Pàlhadaciiiinho!

E eu ronrono e viro-me para o outro lado. Para o lado de Burumbum-Carapau.

SOLKHENITZIN

PRÉMIO NOBEL 1970

.....

A CASA DE MATRIONA

considerado o livro mais representativo do Autor pela crítica internacional,

Três anos consecutivos proposto para o prémio Internacional de Literatura.

UM LIVRO BAB

UMA COLECÇÃO DE PRESTIGIO

A VENDA NAS LIVRARIAS

EDITORA arcádia S.A.R.L.

Campo de Santa Clara, 100 | Telegramas: Arcádia | Telefs. 863151/2 | Lisboa-2 — Portugal

Guilda da Música - Sassetti & Ca. Lda.

— DISCOTECA ESPECIALIZADA —

Editores de musica desde 1848

Av. Visconde Valmor, 20-B (junto á Avenida da Republica)

Um artigo de Fernando Guimarães com dois poemas inéd

ÂNGELO DE LIMA: POETA

EM 1971 cumpre-se o cinquentenário da morte de um poeta do *Orpheu*, Ângelo de Lima. Na nossa literatura, ele surge-nos como um escritor *maldito;* inevitàvelmente, sente-se cair sobre a sua obra o peso da enfermidade que o manteve mais ou menos encerrado em hospícios ou hospitais de doenças mentais, até, em 1921, falecer num deles.

A obra de Ângelo de Lima nasceu num ambiente onde se começavam a entrecruzar as influências de um ultra-romantismo, que se mantinha em crise, e de um nascente simbolismo, que manifestava já todas as suas possibilidades de renovação. O poeta encontrava-se ainda muito preso á herança romântica — onde talvez pese a influência paterna de Ângelo de Lima, um dos colaboradores da *Grinalda* — quando escreve os seus primeiros versos.

Não podemos, portanto, considerá-lo rigorosamente como um poeta da geração do *Orpheu*, apesar de alguns dos seus poemas terem aparecido pela primeira vez reunidos de modo significativo no n.º 2 daquela revista dos modernistas. Mais tarde, quando Almada Negreiros na revista *Sudoeste* reuniu antològicamente os poetas da sua geração e os da *Presença*, não se esquece de incluir o nome de Ângelo de Lima

Acerca dele, Fernando Pessoa tem estas palavras de apresentação: «Anunciou Almada, no segundo número de «SW», que neste terceiro se inseriria colaboração dos que foram de *Orpheu*. [...] De Ângelo de Lima, como nada descobrissemos de inédito, decidimos publicar aquele extraordinário soneto — dos maiores da língua portuguesa — em que o poeta descreve a sua entrada na loucura, em que longos anos viveu e em que morreu. O soneto, se não é inédito, está contudo esquecido. Publicando-o, não deixamos de, saudosamente, fazer lembrar quem, não sendo nosso, todavia se tornou nosso».

O soneto a que Pessoa se refere é o «Pára-me de repente o pensamento», o qual vem efectivamente reproduzido no *Sudoeste*, baseando-se a respectiva versão, talvez, nos diversos e nem sempre concordantes textos que apareceram em várias publicações: *O Portugal* (1900), *O Dia* (1902), *O Popular* (1912) e *Presença* (1928). Uma circunstância, mais ou menos inesperada, permitiu-nos entrar em contacto com alguns autógrafos de Ângelo de Lima, pertencentes à família do poeta. Ora entre vários inéditos, que em breve serão editados em volume, encontrava-se precisamente o tão conhecido soneto, cuja versão, um pouco diferente das mais conhecidas, a seguir se apresenta:

Pára-me de repente o Pensamento...
— Como se de repente sofreado
Na Douda Correria... em que, levado...
— Anda em Busca... da Paz... do Esque-
[cimento.

— Pára Surpreso... Escrutador .. Atento
Como pára... um Cavalo Alucinado
Ante um Abismo... ante seus pés ras-
[gado...
— Pára... e Fica... e Demora-se um
[Momento...

Vem trazido na Douda Correria
Pára à beira do Abismo e se demora

E Mergulha na Noute, Escura e Fria
Um Olhar d'Aço, que na Noute explora...

— Mas a Espora da Dor seu flanco estria...

— E Ele Galga... e Prossegue... sob a
[Espora!

Este poema parece assentar na vivência desesperada e, ao mesmo tempo, consciente da própria loucura. Ora poderá a loucura comprometer necessàriamente a linguagem que a exprime? Alguns exemplos ocorrem e, em torno deles, podemos formular uma nova pergunta: deve-se repudiar, pela desrazão em que se debateram os seus autores, muitos dos textos de um Nerval, um Hölderlin, um Nietzche? E não serão menos de aceitar aqueles poetas que foram olhados com total desconfiança pelos seus contemporâneos, porque, como disse Fernando Pessoa, o «amanhã é dos loucos de hoje»!

Na linguagem há uma *razão* que vence a desrazão em que o seu autor pode imergir. Através das estruturas dinâmicas do estilo, das coordenadas expressivas dessa linguagem poder-se-á encontrar o sentido dessa imersão, desse pesadelo. Nesse instante, já não estamos a *ler* a loucura, mas, apoiando-nos em tais estruturas, o texto em que a loucura se transfere para um plano demasiado longínquo ou já apagado. Por outras palavras: a loucura do autor não é, afinal, o texto.

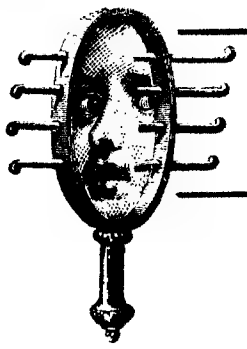
É esta, precisamente, a superação que nos compete realizar quando nos debruçamos sobre a obra de Ângelo de Lima.

Uma segunda questão a pôr em relevo, quando encaramos essa obra, consiste em situá-la naquele conjunto de tendências que começaram a desenhar-se na passagem do século XIX para o século XX. Lembremo-nos que por volta de 1890 ganha força o movimento dos *nefelibatas*, com Eugénio de Castro á frente, e que marcará a arrancada, um pouco enfática aliás, do nosso simbolismo. Alguns anos antes, em 1887, começava a aparecer a colaboração poética de Camilo Pessanha na *Gazeta de Coimbra*, em *A Crítica*, etc. Ora é no rasto destas experiências que testemunham a afirmação, entre nós, do simbolismo que se pode até certo ponto situar a poesia posterior de Ângelo de Lima. No seguinte poema — que se encontrou entre aqueles autógrafos a que já aludimos — depara-se com um tratamento musical e evocativo acerca do qual talvez não seja exagerado afirmar que só em Camilo Pessanha se poderá encontrar paralelo. Dir-se-ia que nele transparece, em toda a sua plenitude e riqueza, a linguagem renovada que o simbolismo procurou alcançar:

OLHOS DE LOBAS!

Têm um fulgor estranho singular
Os teus olhos febris .. Incendiados!...

POESIA: A VOZ E O TEMPO



ANTÓNIO RAMOS ROSA
Nos seus olhos de silêncio
Cadernos de Poesia — N.º 14
Publicações D. Quixote, Lisboa, 1970

TENDENDO o discurso poético — como todos os outros tipos de discurso — a ser integrado pelas formas da ideologia dominante que nele *lê* e *faz ler* os sentidos que a servem, a verdadeira actividade poética revolucionária é aquela que não só se furta a esse tipo de leitura como também tende a omitir em si própria a produção desses sentidos com que a tal ideologia se serve e faz servir.

Defendendo a burguesia o sentido do real que a configura e justifica, ela tende, portanto, a absorver ideològicamente (e muitas vezes até na prática) todos os sentidos que na sua exterioridade se produzem. Absorvê-los renovando-se é a forma mais eficaz de continuar a apresentar-se como condutora da História que se faz e mostrar, deste modo, que essa História continua a justificá-la.

E se isto acontece para tudo o que sabemos, é evidente que aí igualmente se inclui a produção do objecto dito estético. Assim, tende esse objecto a ser-nos apresentado como desintegrado das comuns relações de produção, com um estatuto próprio, feito de ambiguidades e indeterminações. Considerado deste modo, o *artista* é visto como um marginal e a arte como algo que inexoràvelmente apenas o representa a ele. Tal estatuto não interfere portanto no real existente, conserva-o, mantém-lhe a saúde e a força, é apenas *lido* como a representação e a *fala* de um universo interior, autónomo. A arte é assim considerada como uma actividade marginal, com os seus específicos modos de produção, expressando ùnicamente as contradições de um indivíduo que se confronta com o real dado.

Como contrariar este tipo de *leitura*?

António Ramos Rosa di-lo com a clareza possível num recente texto publicado no jornal «A Capital» (*A acção poética e o processo histórico*, 30-9-70):

«A acção poética só é eficaz quando a linguagem se renova, porque a linguagem é o seu meio de acção, não como "forma de expressão de um real dado" (esta é uma das definições que se pode dar de arte reaccionária) mas como transgressão, isto é, como um texto que vem alterar o contexto em que se insere e de que se destaca como destruição do dado (...)»

É esta transgressão que o discurso poético institui, esta ruptura com as formas de representação tradicionais, a subversão das relações cúmplices que entre as palavras e as coisas ambiguamente se estabeleceram, a destruição dos códigos e referências existentes transformando deste modo não só o campo do real como sobretudo o da própria linguagem que constitui a acção inovadora da palavra poética, como, aliás, também o diz Ramos Rosa. *«Esta é a acção poética e política do poema. Política porque poética no sentido especificamente interveniente que é o de toda a poesia que não pactua com o que está morto ou podre e se oculta sob aparências retóricas ou mesmo líricas. Não política, decerto, no sentido de conter matéria ou "conteúdo" político, o qual pode também informar a poesia, mas não exclui que ela actue historicamente através de outras formas e de outros conteúdos.»*

O discurso poético surge assim como o resultado de um específico trabalho sobre a linguagem e a actividade crítica que sobre ele se exerça tenderá menos à interpretação e leitura do sentido nele contido do que à investigação das ligações desse trabalho com o espaço onde fatalmente se acaba por inserir. Ligações essas que, evidentemente, se podem até ter produzido fora da zona de intenções do seu autor.

A crítica hoje chamada tradicional, quer dizer, a crítica impressionista, tendendo a procurar e a explicar o sentido que na obra julgava conter-se, acabava por servir os desígnios de uma formação ideológica que a esse sentido procurava integrar. Porque integrado o sentido, reduzido ele às formas do conhecimento burguês, toda a virulência da obra imediatamente se anulava. Além de que, com isto, se ocultava deliberadamente a consideração da arte como trabalho do qual é necessário investigar não só os modos de produção como também as relações concretas que ele estabelece com o espaço onde se significa e a que concede também significação. O verdadeiro *sentido* da obra está precisamente nisto, na ruptura que ela estabelece nas formas do conhecimento burguês, no modo como verdadeiramente as transgride, nas novas leituras que através dessa transgressão se nos propõem. Ouçamos de novo Ramos Rosa:

«A palavra poética, pela sua própria liberdade, desrealiza (acção sobre a linguagem, destruição do real dado, dos significados fixos, etc.) e, pelas suas metamorfoses constantes, subverte a representação autoritária, repressiva, monovalente, desvitalizada (etc., etc.) em que o real tende a fixar-se.»

Creio que isto é deveras importante não só para o entendimento das formas específicas do discurso poético como, particularmente, da actividade de Ramos. Haverá talvez poucos casos em que o balho sobre a linguagem seja ef entre nós com tal rigor e harmoni nos poemas iniciais de *A const corpo* (Colecção Poetas de Ho gália Editora, Lisboa, 1969) a que é proposta:

Aspiro ao instante exacto
em que a palavra surja.
Quero o olhar mais limpo,
a linguagem sem véus como a parede
E esse momento em que eu seria eu.
o movimento entre mim e o dia.
Poderei caminhar, dizer bom dia
se o tiver dito ou o souber dizer
pelas palavras mesmas que disser,
por essa única que soube ou não formar

É à exactidão cortante ao que aspira esta linguagem:

Ó palavras crestadas, secas, como pedras.
Palavras ásperas que desenham ossos,
[pedras, urtigas.
Palavras sem nervuras, sem veios, palavras
[que são lascas.

Inéditos de Ângelo de Lima

A DO "ORPHEU"

Como os Clarões Finais...—Exaustinados
Dos restos dos archotes, desdeixados...
— Nas Criptas d'um Jazigo Tumular!...

— Como a Luz que na Noute Misteriosa
— Fantástica — Fulgisse nas Ogivas
Das janelas de Estranho Mausoléu!...
— Mausoléu, das Saudades do Ideal!...

— Oh Saudades!.. Oh Luz Transcen-[dental!
— Oh memórias saudosas do Ido ao [Céu!...

— Oh Perpétuas Febris!... Oh Sempre [Vivas!...
—Oh Luz do Olhar das Lobas Amorosas!...

Mas não é difícil surpreender, também, na poesia simbolista de Ângelo de Lima (como acontece aliás em raros poetas, como Cavafy e Yeats) uma verdadeira abertura para o modernismo, e que Fernando Pessoa, como vimos, logo pressentiu ao apresentá-lo na revista *Sudoeste*.

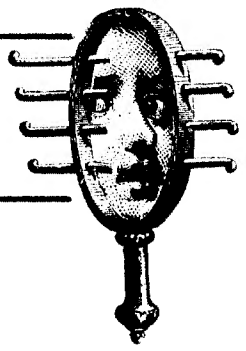
Quando deparamos, o que não raro acontece, nos seus poemas com palavras sùbitamente estranhas ou anómalas, cujo significado fica para sempre adiado e enigmático, logo tomamos consciência de que a sua linguagem — onde ocorre algo de idêntico ao que o interseccionismo de Pessoa pretendeu atingir — tende a diversificar-se em múltiplos eixos que são o ponto de apoio para múltiplas leituras:

Foge a Treva Luctula e Perturbada
Foge assim a Fantasme Trage Impura
... ...

Estética de Orpheu: *pintura de Santa-Rita*

Que sentido podemos encontrar nesse rumor que se torna inaudível para a Razão? Que pista nos promete ou indica? É preferível deixar estas perguntas sem resposta — até porque a poesia, quando é autêntica, acaba sempre por nos conduzir a caminhos que só se fecham e terminam noutros caminhos inesgotáveis...

MPO



Para isso o poeta aspira a um espaço ...o em que tal recriação seja possível:

... à fonte, ao nulo centro,
... à vaga fria e dura,
... enso campo do abandono errado,
... da terra, ao sono animal,
...rgo ouvido murmurante e escuro.

... último livro a impressão primeira ... idade, uma coerência cerrada, ... harmonia sem vácuos. Mas é a ... a alegria da escrita, o rigor insis... procurado, a voz que se pro... da terra, nesse estar de um ... da presença de um silêncio.

Neste chão
onde passam as palavras
se brilham
— de quem são?

Mas é precisamente em presença dessa ... dessa página branca, que o rigor ... a ser encontrado.

Penso numa linguagem desconcertantemente simples, falsamente transparente, um pouco tosca. Térrea e pétrea. E aí brilha uma lâmpada, uma pedra, o ar. Uma linguagem de restituição.

Esta restituição faz-nos pensar numa outra operação que, cremos, a actividade poética de Ramos Rosa procura realizar: a de uma reestruturação do discurso. Se a poesia dos anos 60 essencialmente se preocupava com o pôr em causa os velhos modos do discurso através da autodestruição e crítica que em si mesma comportava, a poesia de Ramos Rosa (e evidentemente não só dele) parece apontar hoje para a reelaboração em moldes diferentes de uma nova discursividade. São disso exemplo, sobretudo, os poemas em prosa de *Sobre o rosto da terra* (1961) e também os do presente livro. É como que uma contida enunciação produzindo e recriando um certo tipo de lirismo que é bem visível na bela estrofe inicial do poema *Se há cães de sono...*

Se há cães de sono que meus pulsos [rasgam
cães de dentes em lava,
se há algas nos teus olhos,
se escrevo no papel a baba dos teus beijos
nenhum vagar de sombra
nenhum campo natural do vivo olhar.

Eis-nos, pois, em presença de uma poesia que se percorre no constante exercício da sua própria elaboração, que se faz e refaz em continuados silêncios, nessa distância marcada que a palavra procura instituir entre si própria e uma exterioridade tipificada:

Entre a palavra e a figura
treme o nada
a boca branca

Uma poesia que retira desse trabalho não só a sua mais profunda alegria como também algo da sua agressividade

Minhas armas quotidianas para rir,
para quebrar, para desarmar.

Mas uma poesia de ruptura? Uma poesia que estabelece e marca definitivamente essa *diferença* fundamental entre duas culturas? Cremos que não — nem Ramos Rosa decerto a tanto aspira. Nem tão-pouco se vê como tal ruptura se possa vir a estabelecer dentro das relações que a arte hoje produzida tende a estabelecer com a exterioridade que a envolve. Mas a questão do *Como Fazer* pertence aos artistas e talvez um dia se venha a reconhecer que não só a eles. A nós, *julgadores* desse processo, cabe-nos talvez apenas a constatação e a verificação do seu modo de desenrolar-se, dos desvios que sofre ou da eficácia que consegue. Não evidentemente como meros espectadores mas, na medida do possível, como participantes e interventores.

NELSON DE MATOS
Outubro/70

prontuário das letras

Novidades (muitas) da Europa-América

Grande azáfama nas Publicações Europa-América: prepara-se o lançamento (já na segunda-feira) de três obras de autores nacionais. São elas «*Os outros legítimos superiores*», segundo romance de Maria Isabel Barreno, cuja estreia («*De noite as árvores são negras*») foi unânimemente saudada como um acontecimento; «*Ambas as mãos sobre o corpo*», também prosa de ficção, mas de uma poetisa, Maria Teresa Horta (rectificamos a tempo: de uma jovem escritora até agora conhecida como poetisa); e «*Afonso III*», uma peça de Ernesto Leal, oficial do Exército que na década de 50 se revelou como contista.

Mas não é só isto. Os planos P.E.A. incluem, para datas mais ou menos breves, «*A batalha do silêncio*», de Vercors; os vols. IV e VI das «*Situações*» de Sartre; um «dossier intitulado «*Os Hippies*»; «*Langrish go down*», de Aidan Higgins; «*Escuro como no túmulo do meu amigo*», de Malcolm Lowry; «*A mansão*», de William Faulkner; «*Diário de um ladrão*», de Jean Genêt; «*Os rapazes e as raparigas*», de William Saroyan; e os 7 volumes de «*A Rússia na guerra*», de Alexander Werth.

Bom, não é realmente só isto... No próximo mês de Dezembro sairá «*Um infinito silêncio*», de António Rebordão Navarro, em foco desde a atribuição do Prémio Alves Redol. Ultimam-se quatro traduções de sul-americanos: «*O século das luzes*», de Alejo Carpentier, versão de Alfredo Margarido; «*Conversações na catedral*», de Mário Vargas Llosa; «*Heróis e túmulos*», de Ernesto Sábato, versão de João Palma-Ferreira; e «*O país portátil*», de Adriano González León. Por fim uma obra célebre de Péricles Korovessis, «*La filière*» na tradução francesa, também eventualmente interessa a Europa-América.

Ainda Soljenitsine (1)

Sabe-se agora que a decisão da Academia Sueca foi comunicada a Alexandre Soljenitsine, três quartos de hora após o anúncio do Nobel, pelo correspondente em Moscovo de três jornais escandinavos, Egil Hegge. Entrando em contacto com amigos do escritor, Hegge veio pouco depois a saber que Soljenitsine pura e simplesmente não acreditava.

— Fale o senhor directamente com ele — instaram os amigos. — Tem aqui o número do telefone.

A conversa entre Hegge e Soljenitsine foi curta. O premiado, passados os primeiros momentos, respondeu que não estava preparado para conceder entrevistas, mas poderia ditar uma nota pessoal. Ei-la, segundo a Efe-Upi: «Agradeço a decisão. Aceito o prémio. Tenho a intenção de ir recebê-lo no dia aprazado, tanto quanto isso possa depender de mim. Estou bem de saúde e não creio que jamais tal coisa me prejudique». E acrescentou para Hegge:

«Por favor não dê o meu número do telefone a ninguém».

Ainda Soljenitsine (2)

Muita gente tinha-se deitado a adivinhar sobre esta coisa do Nobel, inclusive em Espanha, onde por sinal o Prémio Planeta (um milhão e cem mil pesetas!) apaixonou bastante mais os ânimos — e muitíssimo mais ao saber-se que o favorito n.º 1, o jornalista Luis de Castresana, fora batido pelo argentino Marcos Aguinis, um neurocirurgião de 36 anos residente na cidade (sul-americana) de Córdoba e do qual pouco mais se sabe.

Bom, sempre fornecemos aos nossos leitores a lista que um jornal italiano elaborou pouco antes da decisão de Estocolmo, lista essa baseada em palpites de escritores e críticos, diz-se, de todo o mundo. Assim: Jorge Luís Borges, Rafael Alberti, Pablo Neruda, Alexandre Soljenitsine (na «mouche»!), André Malraux, Graham Greene, Léopold Sédar Senghor, Ignazio Silone, Ezra Pound, Simon Westdijk, Jean Guitton, Georges Poulet, Elisabeta Bagriana, Vladimir Holan, Jean Genêt, Eldridge Cleaver (dirigente dos Panteras Negras), Reube Eucken, Dino Buzzatti, Claude Simon, Vladimir Nabokov, Günter Grass, Ernesto Sábato, Carlos Drummond de Andrade, Raymond Queneau, Charles De Gaulle (!), Martín Luís Guzmán, Mario Vargas Llosa, Octavio Paz, Anthony Powell, Eudora Welty, Henry Miller, Robert Lowell, W. H. Auden, Hugh Mac Diarmid, Eugenio Montale, György Lukács, Miroslav Krleza, Michel Butor, Tcha Houcine, Wole Soyinka, Louis Aragon, Yukio Mishima, Georges Simenon, Alberto Moravia, Jaroslaw Iwaszkiewicz, Teodor Panicki, Andrei Voznessenski, Max Frisch, J. B. Priestley, Friedrich Dürrenmatt, Gyula Illyés, Mikhail Naimeh, Milovan Djilas, Morris West, Patrick White, Robert Graves e Eberhard Bethge. Nada menos de 57, se bem contámos. Caro curioso, «*L'Osservatore Romano*» deu a sua opinião com um quê de heterodoxia — a Alexandre Soljenitsine... (Fiamo-nos no «*Corriere della Sera*»).

Não vem ao caso, mas o Prontuário também tinha rabiscado a sua lista dos cinco mais prováveis, segundo tentava perceber (adivinhar) nas entrelinhas de alguns «colegas» de fora. Fomos batidos sem piedade... Envergonhadamente aqui registamos, por ordem decrescente de palpite: Senghor, Malraux, Graves, Moravia, Grass. (Não caímos noutra, claro).

Teresa Horta: em prosa

Soljenitsine: novidades

Ao serviço de todos os portugueses

O Banco de Angola participa activamente no fomento económico do espaço português. É um Banco que procura servir todos os portugueses com o dinamismo dos mais modernos processos.

BANCO DE ANGOLA

estímulo para a prosperidade

PESARO 70

Cont. da pág. 1

indispensável. Mas isso não foi possível: tanto por causa das longas complicações que acabam sempre por sobrecarregar qualquer deliberação dos organismos comunais em Itália, retardando imenso todas as realizações, como pelos longos desvios que se seguem aos financiamentos ministeriais, antes de se tornarem contribuições concretas. Bastará pensar que só a meio de Agosto de 1970 é que a administração da Mostra pode receber a subvenção deliberada pela Comissão Central da Cinematografia para a edição de 1960 e que, ainda hoje, não conhecemos o montante da cifra destinada á edição de 1970, ainda que no curso de uma reunião ministerial anulada a seguir o numero proposto e aprovado equivalesse ao do ano passado (quando a nova fórmula que implicava um aumento importante das despesas deveria ter sido objecto de uma bem maior atenção por parte da administração publica, dado que se trata de uma fórmula que não diz exclusivamente respeito á Mostra, mas a torna por inteiro um instrumento da colectividade).

Apesar desta situação difícil que retardou muito o início da preparação da Mostra, uma certa quantidade de objectivos foram realizados:

a) 21 «cadernos de documentação» com um total de algumas centenas de páginas e contendo todos listas de sequências, ou das cenas ou do argumento, entrevistas com os realizadores, criticas e ensaios analíticos: material que no seu conjunto constitui a iniciativa mais importante da documentação crítica empreendida por uma manifestação cinematográfica.

b) Só 9 das 23 longas-metragens incluídas no programa deverão ser traduzidas simultaneamente, a partir do som original, só podendo, eventualmente, ser legendadas mais tarde, se os representantes das associações que constituem o circuito não comercial as tomarem em consideração para as apresentarem ao seu publico.

c) A Mostra — que intentou no decurso da temporada 69-70 uma experiência de distribuição não comercial (fazendo circular 5 filmes cubanos e 4 brasileiros em 30 cidades, num total de 200 projecções destinadas a cerca de 50 000 espectadores) — chegou já a acordo com uma distribuidora «Arte e Ensaio», para a circulação comercial de alguns filmes, e se os outros não forem incluidos em qualquer circuito durante a manifestação, a menos que que o tenham sido anteriormente, — tenciona retomar em mais vasta escala a experiência acima mencionada.

Marquerite Duras...

A fim de tornar mais real esta possibilidade, instaurando-lhe as bases durante a própria Mostra, mais de 200 organizadores culturais e representantes de Associações de cultura cinematográfica foram convidados, em parte a expensas nossas. Por outro lado, discussões imediatas com o público normal de cinema poderão ter lugar no decurso da própria Mostra, que conta este ano — se levarmos em conta o facto de dispormos de duas salas de projecção — 3000 lugares completamente gratuitos para cada filme, e porá á disposição de cada espectador, antes de cada projecção, documentos explicativos respeitantes ás obras programadas.

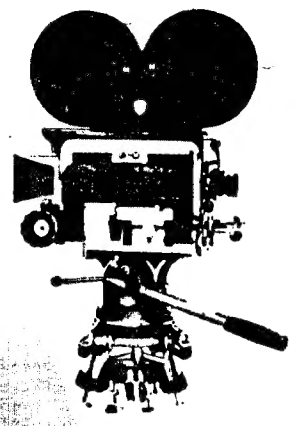
Desejando, por um lado, substituir a «projecção» tradicional dos festivais por uma verdadeira «apresentação» crítica (com essa finalidade os tradicionais encontros com os realizadores, foram transformados em verdadeiros debates sobre os filmes com mais tempo o peso financeiro e organizativo, a Mostra tenciona comprometer-se numa via nova que não renegará o passado, mas lhe permitirá realizar mais rápidamente a sua finalidade que consiste em promover um conhecimento mais profundo

...e os actores, dit-elle

do novo cinema, junto de um publico novo.

★

Não nos cabe a nós a tarefa de tirar uma conclusão sobre a preparação da «Sexta Mostra Internazionale del Nuovo Cinema». A falta de uma actividade continua em Pesaro que transforme a Mostra numa manifestação continuamente presente nesta cidade e sua região, não é por certo a unica coisa que nos descontenta. Para além da selecção, sempre discutivel — e para a qual procurámos aplicar tanto quanto possivel o nosso critério habitual do absolutamente novo (algures os filmes são simplesmente projectados e muitas vezes inutilmente) — consideramos que se tivessemos tido tempo e



meios suficientes ao nosso dispor, teríamos podido basear inteiramente a nossa documentação em contributos originais e encomendados; os filmes teriam podido ser todos legendados; os debates da tarde melhor organizados e prevendo, desde o início e para todos, uma série de contributos e testemunhos especificos á discussão; a distribuição das salas e das projecções poderia ter sido mais racional. Estas as coisas que não pudemos fazer, mas quase nunca por razões subjectivas e quase sempre por causa de acumulação de razões que não dependiam de nós e que teriamos ultrapassado — se o tivessemos tentado — á custa de tremendas dificuldades.

Pensamos, todavia, que a sexta Mostra exprimirá o que o Comité Organizador queria. O tempo dos «festivais» passou; a sensação de inutilidade absoluta que no curso de 1970 marcou as crónicas mais cinicas e menos convencionais dos enviados aos diferentes festivais e Mostra, velhos e novos, não é o unico indicio da decomposição.

As tentativas de inovação são completamente inuteis: perdas de energias que poderiam ser utilizadas algures. Os «festivais» deviam ser substituidos por novos institutos que sejam, por um lado, lugar de estudos, de debates e de aprofundamento critico e, por outro, pontos de partida para uma difusão do cinema que não aliena, e que os velhos festivais não conseguiram realizar. Para isso, é preciso afrontar riscos, aventurar-se em vias novas, tentar soluções inéditas. E isso, não por um gosto abstracto e espectacular da «novidade», mas tão só porque face ás novas realidades, os velhos instrumentos são doravante inuteis e muitas vezes mesmo, patéticos.

Longe de nos apoiarmos sobre o que já foi feito e de crer que encontrámos a chave do enigma, desejamos simplesmente, como Pesaro-70, controlar a verdade de uma hipótese que deverá ser aprofundada, melhorada, aperfeiçoada e mesmo modificada. Que isso nos agrade ou não, não existem fórmulas consagradas ou consagráveis, nem sequer para as nossas cinematografias. Cada Mostra deve, pelo contrário, representar no plano critico, a «fórmula» que entende adoptar. E deve tender para o fim de modificar as realidades da produção, da distribuição e da informação cinematográfica, até se tornar supérflua. Porque é preciso não esquecer que os festivais são sucedaneos que procuram preencher as lacunas da cinematografia de hoje. O seu fim deve consistir em modificar o que está bloqueado, em vez de tentar eternamente preencher as lacunas. Entre tantas Mospo á disposição e intervenções melhor organizadas) e, por outro, permitir de modo concreto a difusão das obras, eliminando desde o principio certos escolhos (como o das legendas) e assumintras que parecem ter por objectivo conservar-se tanto quanto possivel, a Mostra de Pesaro, conhecendo os seus limites, tem o objectivo de contribuir poderosamente para inutilizar esses sucedaneos que são os festivais.»

★

Foram as seguintes as longas-metragens oficialmente apresentadas:

Marie Pour Mémoire de Philippe Garrel (França); *Détruire, Dit-Elle* de Marguerite Duras (França); *Yan Diga* de Serge-Henri Moati (Nigéria-França); *Come Ti Chiami Amore Mio?* de Umberto Silva (Itália); *Misshandlingen* de Lasse Forsberg (Suécia); *Katzelmacher* de Rainer-Werne Fassbinder (R. F. A.); *Le Révélateur* de Philippe Garrel (França); *Reconstituirea* de Lucien Pintilie (Roménia); *Ice* de Robert Kramer (E. U. A.); *Le Parole A Venire* de Peter Del Monte (Itália); *The Honeymoon Killers* de Leonard Kastle (E. U. A.); *Le Jouet Criminel* de Adolfo G. Arrieta (Espanha-França); *La Concentration* de Philippe Garrel (França); *Seize The Time* de Antonello Branca (Itália); *Partisan Zenshi* de Noriaki Tsuchimoto (Japão); *Camarades* de Marin Karmitz (França); *Struktura Krysztalu* de Krzysztof Zamussi (Polónia); *Wie Ich Ein Neger Wurde* de Roland Gall (R. F. A.); *Necropolis* de Franco Brocani (Itália); *Le Lit De La Vierge* de Philippe Garrel (França); *El Chacal De Nahueltoro* de Miguel Littin (Chile); *Tercer Mundo Tercera Guerra Mundial* de Julio Garcia Espinosa (Cuba); *Cabezas Cortadas* de Clauber Rocha (Espanha-Brasil).

Parte destes filmes serão, como já dissemos, matéria da nossa próxima crónica, reservando para uma ultima, uma apreciação destacada sobre o cinema de Philippe Garrel, devido á sua excepcional importancia e contributo para um cinema estéticamente revolucionário, que uma visão global dos seus filmes não fez mais do que acentuar.

JOÃO CÉSAR MONTEIRO

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

DIARIAMENTE — e para todos os destinos — a sua carga é transportada pela TAP, com rapidez e todo o cuidado. Antecipe-se à concorrência colocando as suas mercadorias em qualquer mercado no próprio dia de embarque. Utilize as novas tarifas reduzidas e o modo de transportar TAP.

através do mundo
em boa companhia

Consulte o seu Agente de Carga

MARCA 70

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

Ponti•Lene

O PONTO MÁXIMO EM LÃ/POLIESTER PARA FATOS DE HOMEM
UM TECIDO Pontifice

PEQUENA RETROSPECTIVA (E UM PREÂMBULO)

por Rocha de Sousa

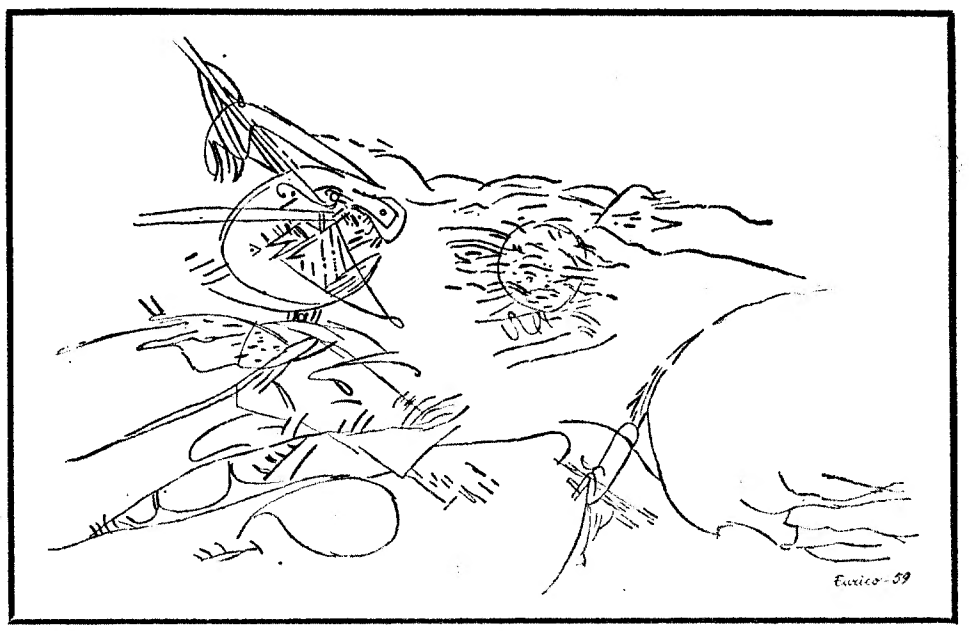
EURICO GONÇALVES
Galeria S. Mamede

A NECESSIDADE de comunicação com o objecto de arte, pelo seu conhecimento e pela relação que ele estabelece com o mundo (espectador incluído), gera outras necessidades, entre as quais devemos salientar a da função crítica, antes de tudo quando definida nas suas linhas fundamentais. Essas linhas pressupõem formas de análise que incluem atitudes diferentes, mas que, no seu conjunto, conduzem a uma penetração mais eficaz e esclarecida do objecto artístico. A crítica, no entanto, muitas vezes ligada a circunstancialismos que limitam o seu juízo e confundem as suas opções, experimenta as suas próprias dificuldades como actividade criadora: também ela se contradiz, se altera ou reassume consoante as transformações do mundo que aborda. Assistimos por vezes a desvios, a rectificações e mudanças de critério, no campo da crítica, que se revestem de um aspecto inquietante e que chegam a ultrapassar a justificação contida nos objectos de estudo. De facto, é preciso rectificar posições quando elas deixam de corresponder às coordenadas de uma determinada realidade em transformação; mas isso não desculpa a arbitrariedade de critérios quando os objectos da produção de certos autores criticados conservam a sua coerência e uma actualidade possível. Também a crítica tem de respeitar a sua própria coerência — e isto nada tem que ver com o abusivo prolongamento de radicalismos obsoletos. Só assim, com efeito, ela se poderá identificar com a utilidade do seu papel social. É evidente que essa atitude, a única, quanto a nós, que assegura a sobrevivência da indispensável definição ética, jamais poderá apoiar-se em compromissos de amizade ou em soluções equívocas de compadrio. Ela tem de basear-se fundamentalmente na isenção, o que não exclui os parcialismos que decorrem da própria visão do crítico, dos seus erros ou das suas virtudes, da subjectividade em que acaba sempre por incorrer. Mas uma coisa é a contingência, parcialista e criadora, do acto crítico — e outra coisa é a sua equívoca traição a um comportamento ético necessário.

Expliquemo-nos no caso presente: a consideração que sempre nos mereceu a pessoa de Eurico Gonçalves, em ordem ao seu trabalho crítico e plástico, nada tem que ver com as reservas que já por diversas vezes exprimimos em relação a algumas das suas exposições. Por outro lado, isso não nos conduz à pura omissão, numa coluna crítica, do trabalho de um autor que, para além de todas as circunstâncias e contingências locais, se nos apresenta com um significado particular, o bastante pelo menos para que se torne imoral a sua exclusão pura e simples do contexto artístico actual no nosso País. Um juízo mais ou menos correcto sobre esse contexto só pode fazer-se perante uma viagem isenta, tanto quanto possível completa e esforçada, pelo panorama geral da produção. Nesse aspecto, e reconhecendo os nossos próprios pecados, só temos que lastimar o carácter unilateral *não fundamentado doutrinàriamente* que a crítica de arte em Portugal tem assumido nos últimos anos.

UMA LEITURA ANTERIOR

Quando da sua última exposição na Galeria Quadrante, e perante um depoimento do autor publicado no próprio catálogo, considerámos a doutrina exposta por Eurico Gonçalves potencialmente interessante, em boa verdade mais ágil e carregada de problemas do que os desenhos apresentados. Em torno das concepções de «despintura» ou de «descolagem», então expressas pelo pintor em termos que pareciam ligar-se a uma filosofia da existência, considerámos sobretudo que tal programa correspondia a um caminho cheio de solicitações e à descoberta do vazio no que este profundamente exije do nosso gésto e do nosso pensar. Descolar ou despintar teriam assim, no texto de Eurico Gonçalves, o sentido preciso de um acto que inequivocamente se assume, com objectivos de contestação e de reconstrução. Aí se ilustrava (escrevemos na altura) um princípio de destruição (ou «uma soma de destruições») na base de uma atitude criadora que constantemente se rectificava ao fazer-se, ao exprimir-se, aspirando à essencialidade definitiva. A marca deixada pelo gesto de descolar ou despintar teria assim, não apenas a característica de funcionar como material, mas igualmente a possibilidade de propor à reflexão um vazio transformado em sinal ou um vazio elevado à condição de forma. O pintor teria então revisto o processo do seu compromisso, desfazendo até à nudez do plano o exercício que lhe absorvia a acção. Regressando lùcidamente a uma espécie de disponibilidade essencial, o artista poderia recuperar o seu projecto vital, fazendo coincidir reflexão e acção, interessando-se no Todo.



Desénho, *de Eurico (1959): afirmação de maturidade*

A esta visão polémica legitimamente retirável da prosa de Eurico Gonçalves, opusemos uma leitura das «descolagens» que, em vez de as mitificar numa tal relação, as desmistificava e desmitificava na sua imediatidade, para nós verdadeiramente óbvia. Todo esse processo de descolagem capaz de assumir o vazio, na destruição dos conceitos pictóricos e gráficos tradicionais, não se continha nos objectos expostos na Quadrante. Dir-se-ia afinal que Eurico «descolava» e «despintava» para colar e pintar, num mero arranjo formal de indiscutível bom gosto, mas de conteúdo mais do que suficiente, retirando toda a propriedade a uma possível evolução da sua obra. A acção (polémica) anunciada nos princípios aparecia enredada numa sedimentação de gestos, emparedada numa fórmula, instalada numa frase.

NOTÍCIA E VERIFICAÇÃO

Estes problemas, no entanto, só se referem à parte final da exposição de Eurico Gonçalves agora realizada na Galeria S. Mamede, uma vez que essa exposição é uma pequena retrospectiva da sua obra, desde 1950. E é importante dizer-se que essa obra, assim apresentada numa extensão cronológica bem coberta, adquire uma ressonância insuspeitada, sobretudo na fase em que mais directamente se liga ao surrealismo, compartilhando uma acção e um pensamento que marcaram em Portugal uma hora histórica, apesar dos desfasamentos socio-culturais conhecidos. Esse reflexo inicial da obra de Eurico Gonçalves não se determina particularmente pela qualidade, antes se reconhece, apesar da incipiência e das hesitações técnicas (ou até por isso), num entusiasmo sincero e um tanto ingénuo. A sua força está sobretudo nessa entrega, nessa vivacidade, nessa clareza de propósitos, reconhecida e homenageada por Mário Cesariny no texto do catálogo, uma carta para os *outros* lerem e reflectirem, se ainda lhes restar disponibilidade para tanto: «Li com espanto espantoso que em pleno Agosto de 1968 te afirmavas surrealista. Perguntara-se: «Que influência do Surrealismo reconhece na sua obra e no seu modo de agir?» Resposta: «Sou surrealista». Afirmativa realmente única em toda a panorâmica nacional. A bem dizer, um monstro, numa época em que todo o parentesco com o surrealismo (e pululam) é cuidadosamente envidraçado pelos próprios e desinfectado pela crítica.»

Entretanto, interessa-nos sublinhar aqui, no plano desta simples notícia que em si mesma já se pronunciou contra certas espécies de *desinfecção*, a excelente invenção gráfica dos desenhos de Eurico dos anos 50 (57-59), afirmação de uma maturidade que se sobrepõe à pinture e que acabou aniquilada com a proposta gestual, orientalista e obsessiva, do autor nos anos correntes. Nessa medida, Eurico Gonçalves não parece cumprir o destino que a sua obra inicial apontava: pelo contrário, amordaça-o sem retorno numa caligrafia de que não extrai consequências palpáveis. Numa caligrafia que de novo nos parece sofisticada e esgotada.

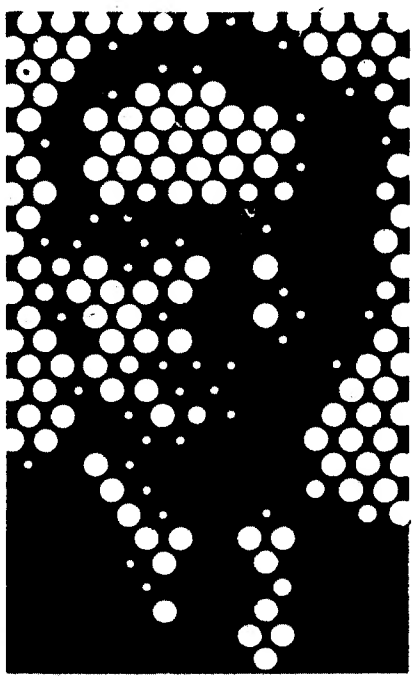
Eurico: Capa do 3.º caderno *(1951)*

AUTORES de HOJE

Vítor Pomar

NASCEU EM LISBOA, em 1949. Frequentou a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Desde 1967 que se dedica, nos «ateliers» da «Gravura», ao estudo e á prática da gravura. Assistiu o trabalho docente de João Hogan em 1968-69. Participou nas seguintes exposições colectivas: Exposição de Outubro da S. N. B. A. (1966); Exposição de Artes Plásticas na Queima das Fitas do Porto (Primeiro Prémio de Pintura), 1967. Participou também em idêntica exposição em Coimbra. Exposição Extra-Escolar dos alunos da E. S. B. A. L. (1967). XVIII Exposição Magna da Escola de Belas-Artes, Exposição dos alunos do Curso de Gravura (1968). Em 1969 expôs na Galeria Quadrante e no III Salão de Artes Plásticas de Luanda. Participou também numa exposição de jovens autores na Galeria de Artes Modernas da S. N. B. A.

Autor do recente conjunto da jovem pintura portuguesa, Vítor Pomar tem dedicado à gravura uma atenção particular, estudando processos de comunicação.



DL SUPLEMENTO LITERÁRIO

N.º 634 • 22 DE OUTUBRO • 1970